

Fonologia da Língua Portuguesa

Denise Porto Cardoso



São Cristóvão/SE
2009

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Chefe de Gabinete

Ednalva Freire Caetano

Ministro da Educação

Fernando Haddad

Coordenador Geral da UAB/UFS

Diretor do CESAD

Itamar Freitas

Secretário de Educação a Distância

Carlos Eduardo Bielschowsky

Vice-coordenador da UAB/UFS

Vice-diretor do CESAD

Fábio Alves dos Santos

Reitor

Josué Modesto dos Passos Subrinho

Coordenador do Curso de Licenciatura

em Letras

Denis Crus Menezes

Vice-Reitor

Angelo Roberto Antonioli

Elaboração de Conteúdo

Denise Porto Cardoso

Copidesque

Lara Angélica Vieira de Aguiar

Ilustração

Arlan Clecio dos Santos

Clara Suzana Santana

Projeto Gráfico

Hermeson Alves de Menezes

Edgar Pereira Santos Neto

Leo Antonio Perrucho Mittaraquis

Gerri Sherlock Araújo

Tatiane HeinemannBömmer

Manuel Messias de Albuquerque Neto

Capa

Hermeson Alves de Menezes

Diagramação

João Eduardo Batista de Deus Anselmo

Nycolas Menezes Melo

Lucílio do Nascimento Freitas

Copyright © 2009, Universidade Federal de Sergipe / CESAD

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização por escrito da UFS.

**FICHA CATALOGRÁFICA PRODUZIDA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Cardoso, Denise Porto.

G268f Fonologia da Língua Portuguesa/Denise Porto Cardoso
São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD,
2009.

1. Português. 2. Língua portuguesa. 3. Fonologia. 4. Fonema. 5.
Letra. I. Título

CDU 811.134.3:81'344.2

Diretoria Pedagógica

Clotildes Farias (Diretora)

Hérica dos Santos Matos

Diretoria Administrativa e Financeira

Edélzio Alves Costa Júnior (Diretor)

Núcleo de Tutoria

Rosemeire Marcedo Costa (Coordenadora)

Carla Darlem Silva dos Reis

Amanda Maíra Steinbach

Luís Carlos Silva Lima

Rafael de Jesus Santana

Núcleo de Serviços Gráficos e**Audiovisuais**

Giselda Barros

Núcleo de Tecnologia da**Informação**

Fábio Alves (Coordenador)

André Santos Sabânia

Daniel Silva Curvello

Gustavo Almeida Melo

João Eduardo Batista de Deus Anselmo

Heribaldo Machado Junior

Luana Farias Oliveira

Rafael Silva Curvello

Núcleo de Formação Continuada

Andrezza Maynard (Coordenadora)

Assessoria de Comunicação

Guilherme Borba Gouy

COORDENAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO IMPRESSO

Hermeson Menezes (Coordenador)

Jean Fábio B. Cerqueira (Coordenador)

Baruch Blumberg Carvalho de Matos

Christianne de Menezes Gally

Edvar Freire Caetano

Fabiola Oliveira Criscuolo Melo

Gerri Sherlock Araújo

Isabela Pinheiro Ewerton

Jéssica Gonçalves de Andrade

Lara Angélica Vieira de Aguiar

Lucílio do Nascimento Freitas

Nevertton Correia da Silva

Nycolas Menezes Melo

Péricles Moraes de Andrade Júnior

Taís Cristina Samora de Figueiredo

Tatiane Heinemann Böhmer

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Cidade Universitária Prof. "José Aloísio de Campos"

Av. Marechal Rondon, s/n Jardim Rosa Elze

CEP 49100-000 São Cristóvão - SE

Fone(79) 2105 - 6600 - Fax(79) 2105- 6474

Sumário

AULA 1

Fonética e Fonologia 07

AULA 2

O Aparelho Fonador e os tipos de sons 21

AULA 3

Fonemas, alofones e arqui fonemas 39

AULA 4

Transcrição fonética, fonológica e processos fonológicos 63

AULA 5

O sistema fonológico do português: consoantes 85

AULA 6

O sistema fonológico do português: as vogais.....119

AULA 7

Encontros vocálicos e vogais nasais.....141

AULA 8

A sílaba na língua portuguesa.....169

AULA 9

Variação fonológica do português brasileiro.....191

AULA 10

Acentuação e a palavra fonológica.....207

FONÉTICA E FONOLOGIA

1 aula

META

Apresentar a diferença entre Fonética e Fonologia.

OBJETIVOS

Ao final desta aula o aluno deverá:
diferenciar fonética de fonologia;
reconhecer a diferença entre os estudos fonéticos dos estudos fonológicos.



Torre de babel (Fonte: <http://5dias.net/wp-content>)

Caro aluno, esse é o nosso primeiro contato, então, seja bem-vindo aos estudos da fonética e fonologia da língua portuguesa. Nesse semestre, seremos companheiros de trabalho e, agora, vamos começar os estudos da língua portuguesa. Du-

INTRODUÇÃO

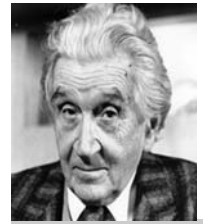
rante todo o seu curso de graduação, você estará estudando a nossa língua. Quando você terminar seu sonho de fazer um curso de graduação, a realidade estará à sua espera: a vida profissional. Você poderá gostar mais desse assunto ou gostar menos, entretanto, de alguma forma estará lidando com ele. Com certeza quanto mais você se interessar pelos estudos da nossa língua tanto maior será o seu desejo de conhecer mais as teorias que dão o suporte para compreender o modo como a língua é constituída. Por isso, espero que você goste dessa matéria.



A fonética e a fonologia são disciplinas interdependentes. Martinet, ao estudar a língua, reconheceu que ela era duplamente articulada. Na primeira articulação, colocou os estudos dos elementos que tinham significação e, na segunda, os elementos desprovidos de significação. São as disciplinas que estudam esses elementos da segunda articulação, que vamos apresentar a vocês nesta aula.

FONOLOGIA

A fonética e a fonologia estudam os sons da linguagem humana, mas cada uma dessas disciplinas faz esse estudo sob uma perspectiva diferente. Elas têm sido entendidas comumente como disciplinas interdependentes porque para se fazer qualquer estudo fonológico lança-se mão do conteúdo fonético, articulatorio ou auditivo. A fonologia estuda as diferenças fônicas intencionais e **distintivas**. Essas diferenças estão ligadas a diferenças de significação. Nas palavras pato, bato, tato, dato, gato têm-se que /p/ é diferente de /b/, de /t/, de /d/, de /k/ e de /g/ porque, cada vez que se troca um **fonema** pelo outro no mesmo contexto (= ato), têm-se significados diferentes. Assim pato ≠ bato ≠ tato ≠ dato ≠ gato. Aqui são as relações paradigmáticas de Saussure, aquelas relações em ausência; toda vez que se usa um elemento não se usa outro. Estão lembrados? Vocês devem ter visto as dicotomias saussureanas no semestre passado em Lingüística. Cabe também à fonologia estabelecer como esses elementos de diferenciação se relacionam entre si. Isto quer dizer que há significados diferentes apenas pela mudança de posição dos mesmos fonemas como se vê em pato, topa e tapo, em que se têm os mesmos fonemas /p/, /a/, /t/ e /o/, mas como muda a relação entre os elementos de diferenciação mudam também os significados. São as combinações sintagmáticas, isto é, a linearidade do contínuo sonoro. Além disso, a fonologia também estabelece em que condições esses elementos de diferenciação se combinam uns com os outros para formar palavras. Na língua portuguesa, por exemplo, têm-se a possibilidade de combinar qualquer consoante com qualquer vogal como em cami-



André Martinet

(1908-1999) lingüista francês, internacionalmente conhecido. Entre suas atividades no campo da Lingüística citam-se muitas obras particularmente voltadas para os estudos fonético-fonológicos. Ingressou como catedrático de Lingüística Geral na Sorbone em 1965, ano em que fundou a revista *La Linguistique*. Entre nós, uma de suas obras mais conhecidas, traduzida ao português, é *Elementos de lingüística geral*.

Fonema

unidade mínima da fonologia



Ferdinand de Saussure

Considerado o fundador da linguística moderna. Nasce em Genebra em 26 de novembro de 1857 e morre em 22 de fevereiro de 1913, em Vaud. Seus alunos, Charles Bally e Albert Sechehaye, publicaram, em 1916, o livro *Curso de linguística geral*, a partir de suas anotações de aula sobre linguística geral, 1870 a 1911. Suas dicotomias são um dos pontos altos da teoria saussureana.

sa, sapato, mas não se combina s com ch como em inglês que existem palavras como school (= escola).

Para **Saussure**, o signo lingüístico é definido como a relação entre uma imagem acústica que ele chamou de significante, e um conceito que denominou de significado (SAUSSURE, 1969, p. 81). Tanto a fonética quanto a fonologia estudam o significante do signo lingüístico, mas a fonologia estuda-o em relação ao significado. O fonema, ele mesmo não tem significado, mas tem o poder de mudar o significado de uma palavra. Assim é que se tem vala, fala, sala, mala, rala, tala, cala, pala, bala com a simples troca de um elemento de diferenciação.

A fonética estuda a substância, a materialidade dos sons vocais. Já a fonologia estuda a estruturação dos sons em um sistema de relações opositivos e combinatórios para a constituição dos signos de uma língua. Tomemos as palavras pranto e prato. Verificamos que entre elas a única diferença fonética está no som nasal que ocorre no contexto pr...to. Como se trata de dois signos, podemos dizer que a diferença entre [a] e [ã] é uma diferença significativa. Estamos, portanto, diante de uma diferença ao mesmo tempo de sons vocais (fonética) e de fonemas (fonológica).

Os termos fonética e fonologia possuem em sua formação a raiz grega phon que significa som, voz. O termo fonologia aparece por volta do século XVIII com a significação de ciência dos sons da fala e só a partir de 1928, com o Primeiro Congresso Internacional de Linguística em Haia, passa a ter o sentido que tem hoje.

No *Curso de Linguística Geral*, Saussure distingue fonética de fonologia. Segundo ele, “a fonética é uma ciência histórica, analisa acontecimentos, transformações e se move no tempo. A fonologia se coloca fora do tempo, já que o mecanismo da articulação permanece sempre igual a si mesmo.” (SAUSSURE, 1975, p. 43) Essas definições não têm o sentido das acepções atuais, mas, sabe-se que foram as dicotomias saussureanas que permitiram a distinção atual entre fonética e fonologia.

Martinet em *A Linguística Sincrónica* diz que

poder-se-ia apresentar a fonologia como um modo de se considerar a fonética: seria a fonética tratada dos pontos de vista funcional e estrutural, e os que estão convencidos da necessidade de estudar os fatos desses dois pontos de vista pensam que toda fonética deve ser fonológica no seu princípio. Se uma distinção deve ser mantida entre as duas disciplinas, dir-se-á que a fonética estuda os sons da linguagem sem preocupar-se com a língua à qual pertencem, enquanto que a fonologia os considera em função dessa língua.” (MARTINET, 1974, p.36)

Em 1928, no Congresso de Haia, o Círculo Linguístico de Praga, chefiado por Nicolai Serge Trubetzkoy, diferencia, no plano lingüístico, as duas ciências que tratam do significante do signo, utilizando a dicotomia saussureana *langue* e *parole*. A fonética estuda os significantes do signo da *parole* (uso individual). A fonologia se preocupa com os fonemas, os significantes da *langue* (sistema social, convencional de signos).

Trubetzkoy diferencia fonética de fonologia em planos distintos, pela seguinte proporção:

$$\begin{array}{l} \underline{langue} :: \underline{fonema} :: \underline{fonologia} \\ \underline{parole} \quad \quad \quad \text{som} \quad \quad \quad \text{fonética} \end{array}$$

A fonética é definida como a ciência da face material dos sons da linguagem humana, enquanto a fonologia é uma ciência linguística porque estuda as unidades distintivas da *langue*. A realização fônica em si interessa à fonética enquanto à fonologia interessa a oposição dos sons dentro do contexto de uma língua determinada. A fonologia só se interessa pelos traços distintivos, enquanto a fonética se interessa por todos os traços fônicos.

Relembremos aqui a dicotomia língua/fala proposta por Saussure. A língua constitui um sistema linguístico compartilhado por todos os falantes de determinada língua. A fala expressa as **idiosincrasias** particulares de cada falante. Em termos fonético/

Idiosincrasias

Maneira de ser, sentir, agir própria de cada pessoa.

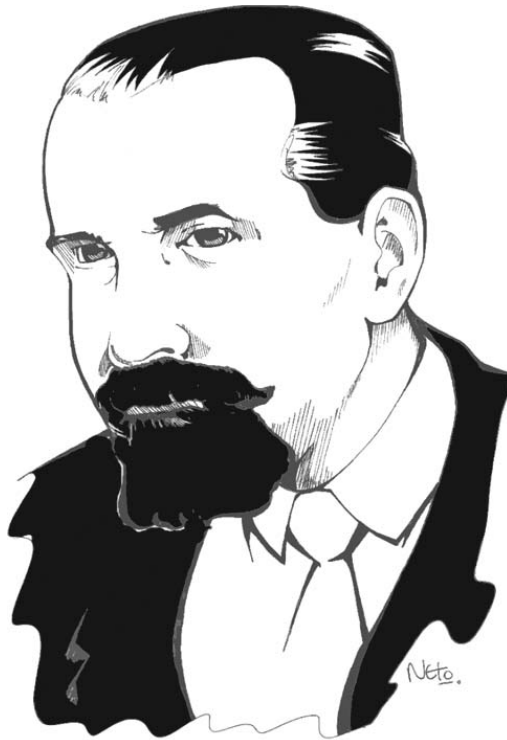


Nikolay Trubetzkoy

Lingüista russo cujos preceitos formaram o núcleo do Círculo Lingüístico de Praga

fonológico podemos dizer que fonologia e língua, e fonética e fala são termos relacionados. A fonologia se relaciona com a língua (em termos de sistema linguístico) por definir um sistema sonoro compartilhado em princípio por todos os falantes de uma determinada língua.

A fonética se relaciona com a fala e expressa as particularidades da fala de cada indivíduo.



Nicolai Serge Trubetzkoy



ATIVIDADES

I. Use fonética ou fonologia:

- a) A _____ se ocupa da estruturação dos sons vocais em um sistema lingüístico.
- b) A _____ é a ciência que trata da substância da expressão.
- c) A _____ estuda os sons como entidades físico-articulatórias isoladas.
- d) A _____ estuda os sons como elementos que integram um sistema lingüístico determinado.
- e) A _____ estabelece como se relacionam entre si os elementos de diferenciação.
- f) A _____ estabelece quais as condições em que os elementos sonoros se combinam uns com os outros para formar morfemas, palavras e frases.
- g) A _____ estuda os sons do ponto de vista funcional.
- h) A _____ estuda os sons da fala, da parole saussureana.
- i) A _____ só se interessa pelos traços distintivos.
- j) A _____ considera os sons do ponto de vista de suas oposições sintagmáticas.
- k) A _____ faz descrição de todos os sons lingüísticos, que pertencem a todas as línguas conhecidas.
- l) A _____ avalia a função dos fonemas na construção de palavras em determinada língua.
- m) A _____ descreve os sons lingüísticos que detêm valor distintivo em determinada língua.
- n) A _____ faz comparação entre os sons de uma língua estrangeira com os sons da língua nativa.
- o) A _____ caracteriza as regras de construção da sílaba em uma determinada língua.

p) A _____ descreve os traços prosódicos de cunho meramente estilístico em determinada língua.

II. No Brasil existem vários sotaques. Um levantamento desses sotaques é de caráter fonético ou fonológico? Explique.

III. Um estudante de letras diz no seu TCC que as transcrições fonéticas no *corpus do trabalho* só dão conta dos fatos pertinentes no sistema do português. Que atrapalhão conceitual foi cometida pelo estudante nessa afirmação?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

I. Eis as respostas das atividades:

a) A fonologia se ocupa da estruturação dos sons vocais em um sistema lingüístico. Se estrutura os sons num sistema, ou seja, numa língua, só pode ser a fonologia.

b) A fonética é a ciência que trata da substância da expressão. A substância é a materialidade, então é fonética.

c) A fonética estuda os sons como entidades físico-articulatórias isoladas. Se não faz referência a uma determinada língua, é a fonética.

d) A fonologia estuda os sons como elementos que integram um sistema lingüístico determinado. Só a fonologia estuda os elementos mínimos de uma língua.

e) A fonologia estabelece como se relacionam entre si os elementos de diferenciação. Os elementos que diferenciam as palavras de uma língua como pote ~~o~~ bote são estudados pela fonologia.

f) A fonologia estabelece quais as condições em que os elementos sonoros se combinam uns com os outros para formar morfemas, palavras e frases. A estrutura das palavras é estabelecida anteriormente, ou seja, eu sei

que uma palavra como *gitvbasfrn* não é uma palavra do português porque no português não existe uma seqüência como *tvb* ou *sfrn*. Esse estudo é, portanto, feito pela fonologia.

g) A fonologia estuda os sons do ponto de vista funcional. Quem estuda a função do som é a fonologia; é ela que estabelece quais as seqüências são aceitas ou não numa determinada língua.

h) A fonética estuda os sons da fala, da parole saussureana. A fala é a materialidade, é o concreto, portanto, trata-se de fonética.

i) A fonologia só se interessa pelos traços distintivos. A fonologia se interessa pelos sons que mudam o significado das palavras

j) A fonologia considera os sons do ponto de vista de suas oposições sintagmáticas. É a fonologia que depende que *mala* é diferente de *lama* que é diferente de *alma*. Os fonemas são os mesmos (m,a,l,a), mas o significado é diferente. Muda a ordem dos fonemas muda o significado.

k) A fonética faz descrição de todos os sons lingüísticos, que pertencem a todas as línguas conhecidas. Não interessa ao falante do português o som, θ com que o americano pronuncia o artigo *the*, porque na nossa língua esse som não diferencia nenhuma palavra.

l) A fonologia avalia a função dos fonemas na construção de palavras em determinada língua. Um estudo que trata da estrutura da língua só pode ser feito pela fonologia, pois é ela que estabelece, por exemplo, que na língua portuguesa as sílabas consoante + vogal é comum, como na palavra *menino*, ou *camisa*, ou *sofá*.

m) A fonologia descreve os sons lingüísticos que detêm valor distintivo em determinada língua. É a fonologia que diz que *t* é diferente de *d*, porque distingue *pote* de *pode*. Mas pronunciar [t ʃia] em vez de [t ia] não muda o

significado da palavra tia.

n) A fonética faz comparação entre os sons de uma língua estrangeira com os sons da língua nativa. A fonética trata do som de qualquer língua, sem levar em conta a significação das palavras.

o) A fonologia caracteriza as regras de construção da sílaba em uma determinada língua. Só a fonologia estabelece que no português se temos um encontro consonantal pré-vocálico essas consoantes são as oclusivas /p,t, k, b, d, g/ e as fricativas /f, v/ + as líquidas /R, l/, como em prato, plano, grave, glote etc.

p) A fonética descreve os traços prosódicos de cunho meramente estilístico em determinada língua. Se o radialista diz gooooool ou gol não deixa de ser um gol, mas sabemos se o gol é brasileiro ou do time adversário.

II. Claro que é de caráter fonético porque leva em conta todos os aspectos da fala do brasileiro, não só os de caráter distintivo ou pertinente como também aqueles não distintivos.

III. O estudante se atrapalhou porque colocou transcrições fonéticas em vez de fonológicas. As transcrições fonéticas tratam de todos os aspectos da fala, mas ele só vai trabalhar os fatos pertinentes, ou seja, aqueles que interessam ao funcionamento da língua por ter caráter distintivo. Sendo assim ele deveria ter colocado transcrições fonológicas.



(Fonte: <http://www.masca.com.br>).

Um dos objetivos da fonologia está ligado ao desenvolvimento de ortografias, ou seja, o emprego de um alfabeto para representar a escrita de uma língua. Muitos lingüistas pesquisam línguas desconhecidas, sem tradição de escrita e usam os princípios da fonologia para propor um sistema ortográfico dessas línguas.

CONCLUSÃO

Além disso, os estudos fonológicos ajudam a estabelecer, na língua materna, a relação existente entre os fonemas e os símbolos gráficos que os representam. Por exemplo, em português não há correspondência biunívoca entre o fonema /s/ e sua representação gráfica. As letras usadas para representá-lo são s-, como em sala, c-, como em cedo, e x-, como em próximo.

O conhecimento da fonologia ajuda também na aprendizagem de uma língua estrangeira e em pessoas com distúrbios de linguagem.

RESUMO



A distinção entre fonética e fonologia ocorre na primeira metade do século XX, a partir, sobretudo, das idéias de Saussure. A fonética estuda os sons da fala, trabalha com métodos das ciências físicas e biológicas, interessa-se pelos efeitos acústicos elementares que a nossa audição apreende como unidades, produzidos pela articulação dos órgãos fonadores. A fonologia estuda os sons da língua, ou seja, aqueles sons da fala que funcionam lingüisticamente, ou seja, que provocam mudança de significado em determinada língua. Para isso a fonologia tem de se apoiar na fonética, pois é a partir de elementos da fonética que os fonemas são depreendidos.

NICOLAI SERGE TRUBETZKOY

Trubetzkoj nasceu na Rússia, em 1890. Forçado a deixar a Rússia em tempos da revolução, lecionou, a convite, em diferentes universidades da Europa, incluindo Viena e Praga, quando foi convidado para fundar com Jakobson e Mathesius o Círculo Lingüístico de Praga. Sua obra póstuma e inacabada, escrita durante toda a sua vida através de anotações, teve uma edição alemã em 1939 e outra francesa em 1949, **Principles de Phonologie**, com reedições. Insiste na distinção entre o som como pronúncia e o som como representação, isto é, como portador de uma intenção do falante. A idéia de fonema como um feixe de traços distintivos e a noção de distribuição complementar e livre estão já presentes em Trubetzkoj.

REFERÊNCIAS

MARTINET, André. **Elementos de lingüística geral**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

MARTINET, André. **A lingüística sincrônica**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1974.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

TROUBETKOY, Nicolas. **Principes de phonologie**. Paris: Éditions Klincksiech, 1970

O APARELHO FONADOR E OS TIPOS DE SONS

META

Mostrar os três conjuntos de órgãos que constituem o aparelho fonador e mostrar os tipos de sons produzidos.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

identificar os órgãos do aparelho fonador;

reconhecer os órgãos do conjunto respiratório;

identificar os órgãos do conjunto energético;

diferenciar os articuladores ativos dos passivos.

reconhecer sons surdos e sonoros, orais e nasais, labiais, alveolares, palatais e velares.



Aparelho fonador (Fonte: www.radames.manosso.nom.br).

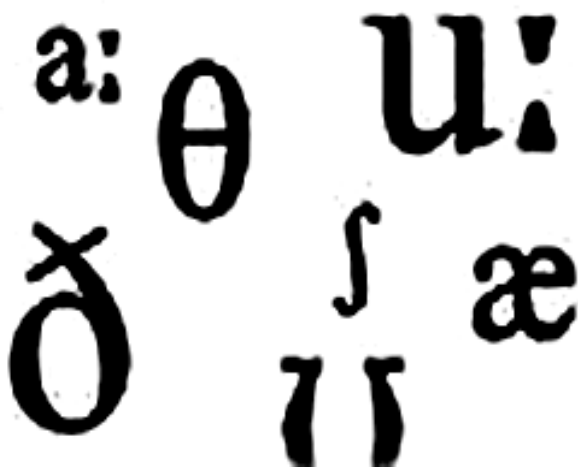
A fonética desenvolve suas pesquisas, principalmente, em três áreas bem distintas: a Fonética Articulatória, a Fonética Acústica e a Fonética Auditiva. A Fonética Articulatória descreve e classifica os sons da fala do ponto de vista da maneira

INTRODUÇÃO

como os sons são produzidos pelo aparelho fonador. A Fonética Acústica estuda as propriedades físicas dos sons e o percurso que as ondas sonoras fazem para chegar aos ouvidos do interlocutor. A Fonética Auditiva compreende a maneira como os sons da fala são captados pelo aparelho auditivo e interpretados pelo cérebro. Apesar do grande desenvolvimento da Fonética Acústica e da sua significativa contribuição para os estudos de uma segunda língua (um falante nativo percebe mais e melhor os sons significativos de sua língua), é a Fonética Articulatória que nos interessa mais, porque se ocupa com os mecanismos de produção dos sons da fala. Além disso, a classificação dos fonemas da Língua Portuguesa feita pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) adota o critério articulatório.

Vamos ver os tipos de sons que o nosso aparelho é capaz de produzir, exemplificando sempre com fonemas do português. Nesta aula estaremos estudando os sons surdos e sonoros, orais e nasais, oclusivos e constrictivos,

labiais, alveolares, palatais e velares. Por isso, é importante vermos antes onde esses sons são produzidos; assim não precisamos ficar decorando a classificação dos fonemas. Essa é uma aula muito importante para no decorrer do semestre você não decorar a classificação dos fonemas da língua portuguesa, sem saber sua significação.



Os órgãos que utilizamos na produção da fala não servem primeiramente à articulação dos sons. Na verdade, não existe nenhum órgão do nosso corpo cuja única função esteja apenas relacionada apenas com a fala. Aquelas partes que utilizamos na produção da fala têm, como função primária, uma outra atividade. Os pulmões oxigenam o sangue, enquanto órgão do aparelho respiratório; mas são os pulmões que fornecem a corrente de ar necessária para produzirmos a voz. A boca, os dentes, os lábios, a língua fazem parte do aparelho digestivo, mas participam também da articulação dos sons. Por isso, muitos teóricos consideram a atividade da fala como uma atividade secundária. Entretanto como a fala é uma característica importante ao ser humano, outros, consideram-na essencial. Afinal, recortamos o mundo com a língua que adquirimos quando nascemos, isto é, aquilo de que não tomamos conhecimento pela língua, não sabemos de sua existência.

APARELHO FONADOR

Descrever o aparelho fonador tem o objetivo de compreendermos o mecanismo de produção da fala e da articulação dos sons. Os órgãos da fonação podem ser divididos em três conjuntos de órgãos: a) o conjunto respiratório propriamente dito; b) o conjunto energético e c) o conjunto articulatório. O conjunto respiratório, propriamente dito é responsável pela corrente de ar necessária à fonação. Sem a corrente de ar não há **fonação**. Esse conjunto é constituído pelos pulmões, brônquios e traquéia. Os pulmões são em número de dois e estão contidos na caixa torácica. Eles funcionam como reservatório de ar e são essenciais para a respiração. O volume de ar dos pulmões varia de falante para falante. Do interior dos pulmões saem os brônquios que se estreitam na traqueia. Tanto os brônquios, quanto a traqueia funcionam como condutores da corrente de ar que sai dos pulmões.

Como é que o ar sai dos pulmões? A pressão do diafragma e dos músculos da caixa torácica sobre os pulmões provoca a expulsão do ar através dos brônquios e da traquéia até chegar à laringe. A respiração compreende dois momentos: a inspiração e a expiração.

Fonação

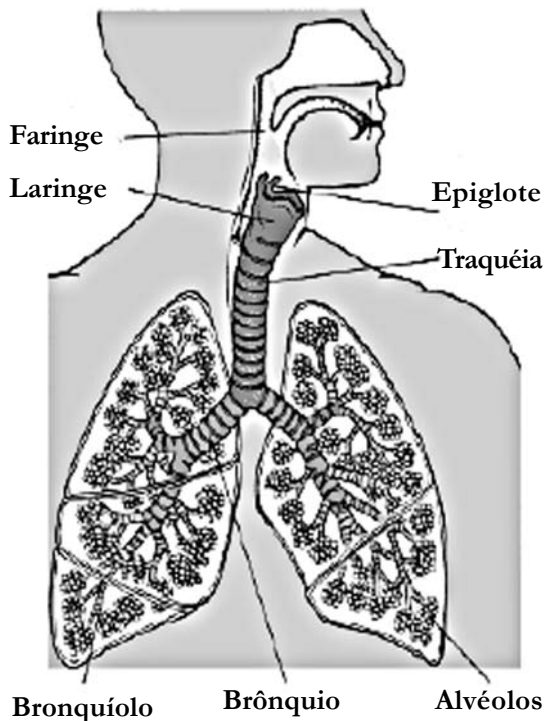
Ato humano de emitir sons vocais, ou seja, a própria fala.

A inspiração é o momento da entrada da corrente de ar nos pulmões, e a expiração compreende o momento em que a corrente de ar sai dos pulmões. Os sons da Língua Portuguesa são produzidos durante a expiração. Por isso, quando corremos e falamos, a nossa fala sai entrecortada. Existem alguns sons produzidos no ato da inspiração como o beijo, mas eles não podem ser considerados sons da fala porque não fazem parte do sistema fonológico da Língua Portuguesa. Há, entretanto, algumas línguas indígenas que possuem sons no ato da inspiração com valor fonológico.

O conjunto energético é constituído pela laringe. A laringe é constituída de cartilagens. As que constituem o esqueleto da laringe e participam da produção da sonoridade são: a) a cartilagem cricoide que tem a forma de anel; b) as cartilagens aritenoides são duas pequenas pirâmides triangulares sobre a cricoide; c) a cartilagem tireóide, conhecida como o “pomo de Adão”; d) a cartilagem epiglote separa o aparelho digestivo do respiratório, isto é, na dig-

estão fecha a laringe permitindo que os alimentos desçam para o esôfago; na respiração e na fala, fecha o esôfago, impedindo que os alimentos penetrem na laringe, deixando a corrente de ar passar pela laringe. Além dessas cartilagens, a laringe possui muitos músculos, que funcionam para abrir e fechar a glote. Chama-se glote o espaço entre as cordas vocais. As cordas vocais são dois pares de membranas. Os ventrículos de Morgagni (são também cartilagens) separam as cordas vocais superiores das inferiores. O par superior não tem função na fonação, por isso é denominado de falsas cordas vocais. As verdadeiras cordas vocais são as duas membranas inferiores. Elas se posicionam como lábios que se abrem para possibilitar a entrada e saída de ar durante a respiração. Ao respi-

Interior dos Pulmões e das Vias Aéreas



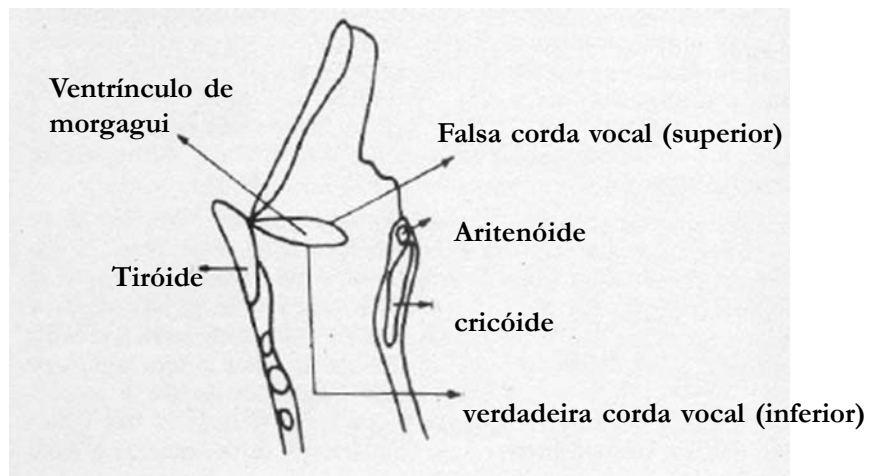
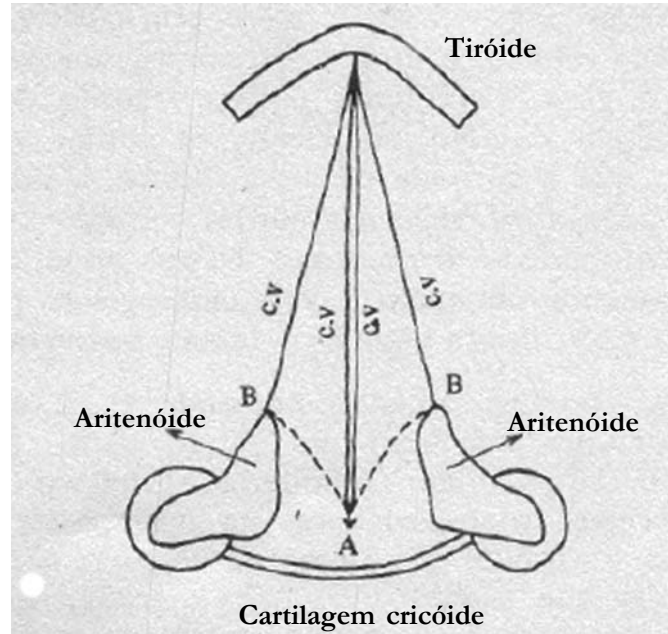
rarmos, o ar passa pela glote sem provocar qualquer som porque as cordas vocais estão afastadas. Entretanto, ao falarmos, as cordas vocais (as verdadeiras) se unem e provocam o fechamento da glote. A natureza física da voz – grave, aguda, rouca – deve-se a fatores fisiológicos como a espessura das cordas vocais e a frequência da vibração.

Aqui, vocês têm dois gráficos, que permitem a visualização melhor de tudo o que dissemos. Eles representam a laringe.

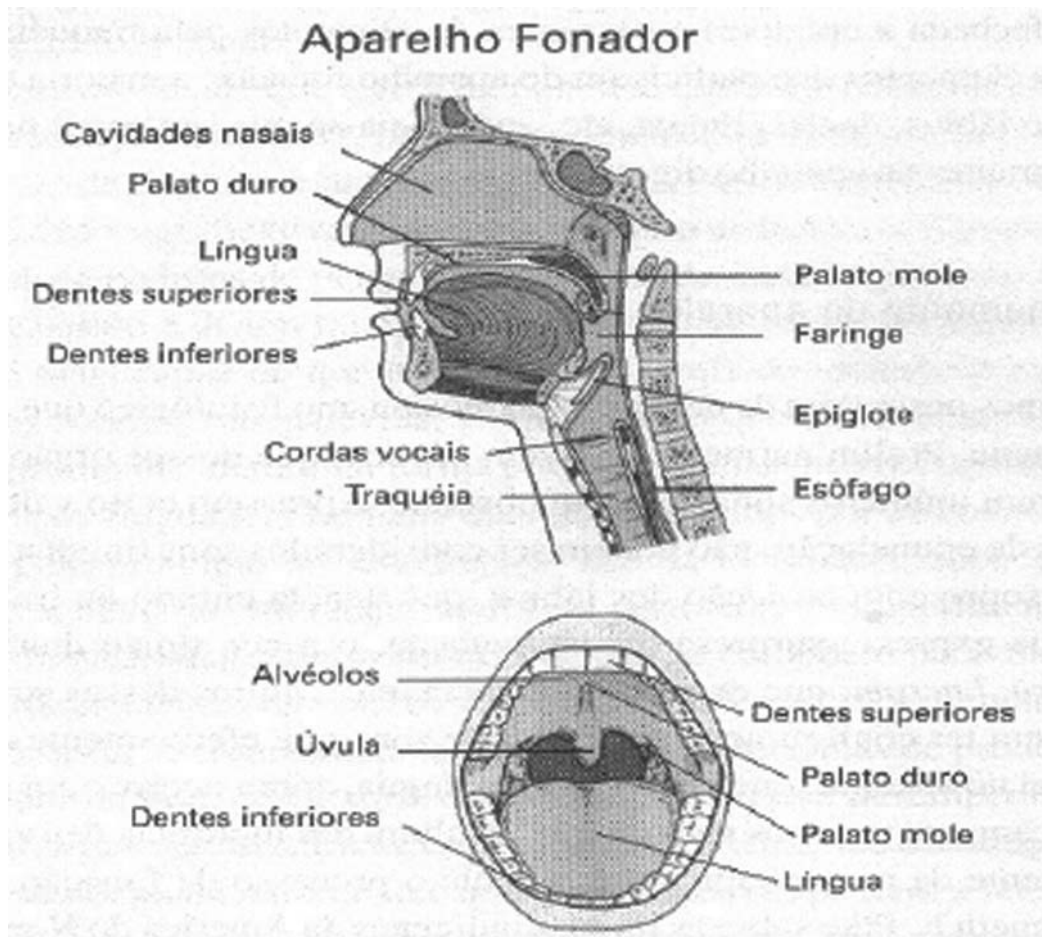
O conjunto articulatório é constituído de faringe, língua, fossas nasais, dentes, alvéolos, palato duro (céu da boca), palato mole (véu palatino), úvula (campanhia) e lábios. As fossas nasais, a faringe e a boca funcionam como ressoadores (amplificadores), ou seja, ampliam o som

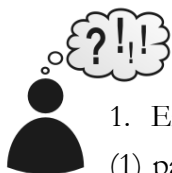
produzido na laringe. Os dentes, alvéolos, palato duro, palato mole, úvula, lábios e a língua são responsáveis pelas modificações impostas à corrente expiratória na boca. Em outras palavras, articular um som implica atribuir-lhe um conjunto de características que vão diferenciá-lo de todos

os outros sons daquela língua. Um articulador, portanto, é qualquer parte, na boca, que participa na modificação da qualidade do som, por ocasionar, em conjunto com outra parte, o aumento ou diminuição dessa cavidade.



Os articuladores podem ser ativos e passivos. São ativos aqueles que se movimentam, como os lábios, a língua, a úvula. São passivos aqueles que não se movimentam, mas são ponto de referência para onde o articulador ativo se dirige. Os articuladores passivos são os dentes, os alvéolos, o palato duro e o palato mole.





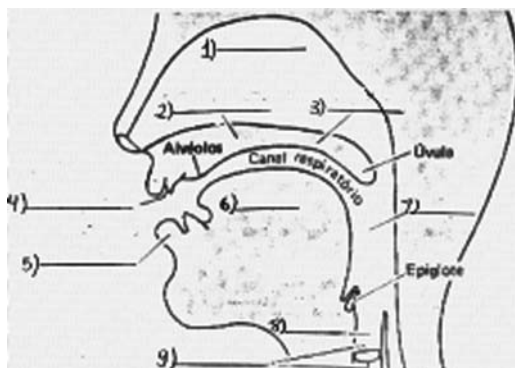
ATIVIDADES

1. Em relação ao Aparelho Fonador coloque
- (1) para os órgãos respiratórios propriamente ditos;
 - (2) para os órgãos energéticos e
 - (3) para os órgãos articuladores

- () dentes
- () palato mole
- () glote
- () traqueia
- () laringe
- () palato duro
- () brônquios
- () fossas nasais
- () faringe
- () lábios
- () pulmões
- () língua
- () cordas vocais

Não será preciso colocar esse exercício corrigido, porque logo no resumo você poderá ver todos os órgãos do aparelho fonador.

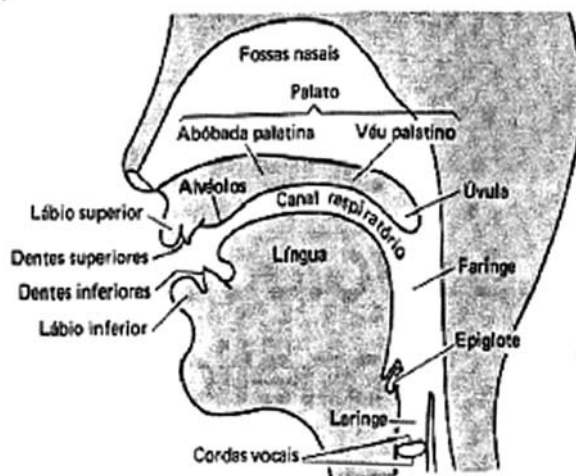
2. No aparelho fonador a seguir indique os órgãos fonadores assinalados:



Agora veja quais os que você acertou.

1. fossas nasais
2. palato duro ou céu da boca
3. palato mole ou véu palatino
4. dentes
5. lábios
6. língua
7. faringe
8. laringe
9. cordas vocais

E para você visualizar melhor eis o mesmo desenho com os nomes:



TIPOLOGIA

Os sons surdos são produzidos com as cordas vocais separadas e a glote aberta. O ar que vem dos pulmões passa livremente pela glote e as cordas vocais não vibram. Em Português, as consoantes surdas são /p, t, k, f, s, ʃ/. Ao contrário, se a glote estiver fechada e as cordas vocais unidas, a corrente de ar força sua passagem, fazendo-as vibrar. Os sons produzidos com vibração das cordas vocais são denominados sonoros ou vozeados. As consoantes sonoras do Português são: /b, d, g, v, z, ʒ, l, ã, r, R, m, n, ñ/. Todas as vogais /a, ε, e, i, o, u/ e as semivogais /y, w/ são sonoras. Se houver apenas uma pequena abertura da glote, o som resultante não é mais sonoro, mas sussurrado. Em português, podem ocorrer vogais sussurradas, mas não têm nenhuma função distintiva, ou seja, não distinguem palavras. A vibração ou não das cordas vocais é o primeiro obstáculo à saída da corrente de ar. Em outras palavras, é na laringe que a corrente de ar encontra o seu primeiro obstáculo, que indica se o som produzido é surdo ou sonoro. A sonoridade é uma das características pertinentes na classificação dos fonemas, pois distingue pato ≠ bato, tela ≠ dela, cole ≠ gole, fala ≠ vala, selo ≠ zelo, chato ≠ jato.

SONS ORAIS E NASAIS

Depois de passar pela glote a corrente de ar entra na faringe e encontra outro obstáculo. Se o véu palatino estiver levantado, fechando a cavidade nasal, ela escoar totalmente pela cavidade bucal, produzindo os chamados fonemas orais. É o caso da maioria das consoantes, com exceção de /m, n, ñ/ que são as únicas consoantes nasais do português. Distinguem palavras como amo ≠ ano ≠ **anho**. Elas são produzidas quando a corrente de ar, ao chegar na faringe, encontra o véu palatino abaixado e escoar tanto pela boca quanto pelo nariz. O ar escoar somente pelo nariz quando estamos respirando normalmente. A rigor as vogais também podem ser orais e nasais, mas há muita controvérsia sobre a existência ou não de vogais nasais. Quando estivermos

Anho

Cordeiro.

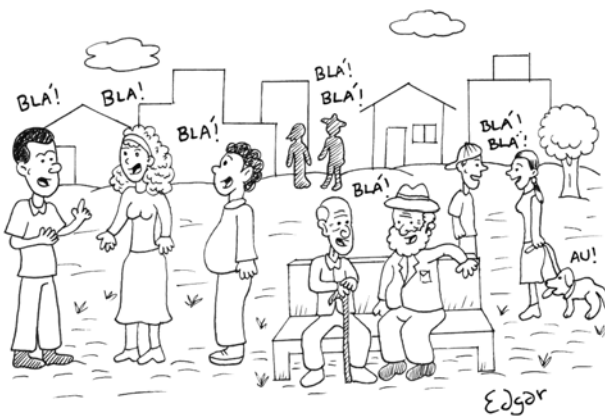
trabalhando a classificação das vogais veremos isso mais calmamente.

SONS OCLUSIVOS E CONSTRITIVOS (OU CONTÍNUOS)

Um dos traços pertinentes na classificação dos sons é o modo de articulação, isto é, a maneira pela qual a corrente de ar vinda da laringe consegue ultrapassar o obstáculo formado na boca, pelo encontro dos órgãos articuladores. Os diferentes modos por que a corrente de ar é modificada permite o estabelecimento de duas grandes classes de sons: a classe das consoantes e a classe das vogais. As vogais são sons resultados da passagem livre de ar pela cavidade bucal; são os chamados sons propriamente ditos. As consoantes, ao contrário, encontram um obstáculo à passagem de ar pela cavidade bucal; são, por isso mesmo, denominadas ruídos. Quando os articuladores produzem uma **obstrução** completa à passagem da corrente de ar através da boca, dizemos que esses sons são oclusivos. Perceba a pronúncia das consoantes das palavras pé, tá, cá, bá, dê e gá; você só consegue pronunciar essas consoantes por causa das vogais, do contrário elas não seriam ouvidas porque há um fechamento total à passagem de ar pela boca.

No caso das constritivas, há uma complexidade maior. Quando os articuladores se aproximam, mas permitem que a corrente de ar vinda da laringe escoe pela boca dizemos que há uma constrição, um aperto. Essa

aproximação dos articuladores, entretanto, não chega a causar uma obstrução completa, mas parcial; é por isso que são também chamadas de contínuas porque a corrente de ar continua a passar. Se a corrente de ar consegue passar pela parte central da boca, dela resulta em geral um ruído semelhante ao de uma fricção, temos as



Obstrução

Fechamento

fricativas. Pronuncie as palavras fé, vá, só, Zé, chá e já e perceba que na pronúncia dessas consoantes não há um obstáculo total à saída de ar, e o ar consegue passar pela parte central da boca produzindo um ruído como uma fricção. Os articuladores também podem bloquear a passagem da corrente de ar pela parte central, mas permitem que passe pelas paredes laterais da boca. Perceba que a corrente de ar passa pelos lados quando você pronuncia as consoantes das palavras lê e lhe.

Quando um articulador móvel (a ponta da língua) bate uma ou repetidas vezes num articulador fixo (alvéolos), o som é denominado vibrante. Perceba esse movimento, pronunciando as consoantes das palavras era e erra.

PONTOS DE ARTICULAÇÃO: SONS LABIAIS, ALVELARES, PALATAIS EVELARES.

Os pontos de articulação são os diferentes lugares em que dois articuladores entram em contato. Quando há encontro dos lábios, dizemos que as consoantes são bilabiais. Você pode perceber o encontro dos lábios na pronúncia das consoantes de pé, aba, má. Se os lábios inferiores encontram os dentes superiores, temos as consoantes labiodentais como em fé e vi. Esses sons levam em consideração os lábios, mas todos os outros levam em consideração a língua. Os sons articulados com a participação da língua geralmente são denominados apenas em referência à parte da boca que a língua toca ou de que se aproxima. Dessa forma, são alveolares os sons produzidos pelo encontro da língua com os alvéolos, como as consoantes de sê, Zé, lá, aro. São linguodentais os sons produzidos com o encontro da língua e dos dentes superiores, como as consoantes de teto, dado, Naná. Os sons palatais são produzidos pelo encontro da parte média da língua com o palato duro, como as consoantes das palavras chá, já, anho, alho. Finalmente, os sons velares são produzidos pelo estreitamento do dorso da língua e o palato mole ou véu palatino, como as consoantes de Goa, cá e rã.



Otto Jespersen

Otto Jespersen foi um lingüista dinamarquês nascido em 1860. Interessado pelo estudo das línguas, concluiu seus estudos de francês na Universidade de Copenhague (1886) e publicou um artigo sobre as leis fonéticas em que ressaltava a íntima relação entre som e significado, uma das idéias principais de sua teoria lingüística. Foi professor de inglês na Universidade de Copenhague e um dos foneticistas envolvidos na fundação da Associação Internacional Phonetics Alphabet (1886) que visava padronizar internacionalmente os sistemas de transcrição fonética. Morreu na Dinamarca em 1943.

Vamos colocar logo o Alfabeto Fonético Internacional para você ir se familiarizando com os símbolos. A idéia de criar um alfabeto que pudesse ser aplicado a todos os idiomas foi de **Otto Jespersen**. Sua proposta foi acolhida por todos os membros da Associação Fonética Internacional e, em 1888, surge a primeira versão do *Alfabeto Fonético Internacional*. A Association Phonétique International foi criada em 1886, por um grupo de pesquisadores franceses que valorizavam a teoria e a transcrição fonética e desejavam popularizá-las. Em pouco tempo, Jespersen, Henry Sweet e outros lingüistas passaram a fazer parte dessa Associação. Até hoje muitos dos princípios daquela época ainda são considerados como aquele de que deve existir uma letra distinta para cada som distintivo, isto é, para cada som que, usado em lugar de outro na mesma língua, pudesse mudar a significação de um vocábulo. Esse ainda é, atualmente o princípio fonológico da grafia. A Associação Fonética Internacional não considera o API um alfabeto completo, a prova disso é que sempre está aperfeiçoando-o, e criando novos símbolos.

Aí está o Alfabeto Fonético Internacional, na sua versão mais recente. Eu circulei os fonemas que existem no português, mas há alguma alteração: 1) em relação às oclusivas, /t/ e /d/ são considerados linguodentais e não alveolares como está no API; 2) o mesmo acontece com a nasal /n/; 3) a vibrante múltipla é representada pelo /R/, mas é considerada velar que no alfabeto é representada pelo /X/; 4) as fricativas /ʃ/ e /ʒ/ são ditas pós-alveolares e nós as classificamos como palatais; 5) a representação da retroflexa /ɻ/ aparece no API como aproximante.

O alfabeto internacional de fonética (revisado em 1993, atualizado em 1996*)
Consoantes (mecanismo de corrente de ar pulmonar)

	bilabial	lábio-dental	dental	alveolar	pós-alveolar	retroflexa	palatal	velar	uvular	faringal	glotal
Oclusiva	p b			t d		ʈ ɖ	c ɟ	k ɡ	q ɢ		ʔ
Nasal	m	ɱ		n		ɳ	ɲ	ŋ	ɴ		
Vibrante				r					ʀ		
Tepe (ou'flepe)				ɽ		ɻ					
Fricativa	ɸ β	f v	θ ð	s z	ʃ ʒ	ʂ ʐ	ç ʝ	X ɣ	χ ʁ	ħ ʕ	h ɦ
Fricativa lateral				ɬ ɮ							
Aproximante		ʋ		ɹ		ɻ	j	ɰ			
Aprox. lateral				ɭ		ɭ	ʎ	L			

Em pares de símbolos tem-se que o símbolo da direita representa uma consoante vozeada. Acredita-se ser impossível as articulações nas áreas sombreadas.



ATIVIDADES

1. Na frase a seguir, circule os sons surdos: O Brasil não agüenta mais imposto.
2. Quais as consoantes oclusivas da frase: O povo está cansado de pagar imposto e não ver o resultado.
3. Quais as consoantes palatais da frase: Ninguém aí pretende ser um intelectual, mas é bom conhecermos nossas origens, como caminhamos diante da vida e deste universo imenso, que nos espanta e humilha.
4. Na frase seguinte circule os sons nasais: Meu amigo tem razão.
5. Marque as palavras que tenham o som indicado na coluna esquerda. Siga o exemplo dado.

Ex.: Consoante oclusiva **talo** falsa **greve** velha

- | | | | | |
|--------------------------|--------|----------|---------|----------|
| 1. Consoante bilabial | leme | corda | livro | corpo |
| 2. Consoante fricativa | papo | frevo | chave | boneco |
| 3. Consoante nasal | tenho | pirulito | come | limite |
| 4. Vogal oral | vão | teto | vale | compra |
| 5. Vogal nasal | folha | tinta | caneco | celular |
| 6. Consoante palatal | colher | cadeira | exame | jeito |
| 7. Consoante alveolar | filho | lama | sala | perfeito |
| 8. Consoante labiodental | café | cavar | laranja | palavra |

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Na questão 1, a resposta certa é O Brasil não agüenta mais **imposto**. São surdas todas as consoantes que estão em negrito. E o s de mais por que não é surdo? Porque quando você pronuncia a frase o s se liga com o i de imposto e fica sonoro. Será que você caiu nessa?

Na questão 2, são oclusivas as consoantes em negrito: O **p**ovo está **cansado de pagar imposto** e não ver o **resulta**do. Acredito que aqui você não teve nenhum problema.

Na questão 3, são palatais as consoantes em negrito: Ninguém aí pretende ser um intelectual, mas é bom **con**hecermos nossas **origens**, como **caminh**amos diante da vida e **deste** universo imenso, que nos espanta e **humil**ha. Aqui você encontrou três dígrafos: dois nh e um lh. A letra g pode representar tanto o som de g como em gato, quanto o som de /ʒ/ como em gelo. Além desses, aparece o som do s de **deste**. A maioria dos sergipanos pronuncia esse s como /ʃ/ , somente a região de Laranjeiras o pronuncia como /s/ .

Na questão 4, são nasais todos os sons em negrito: **M**eu **a**migo **tem** **razão**. Essa é fácil, não é mesmo? Só chamo atenção para o dígrafo vocálico em. Sempre que o m ou o n aparecerem na mesma sílaba das vogais ele não é consoante, mas leva nasalidade à vogal e forma dígrafo.

Na questão cinco a resposta certa é

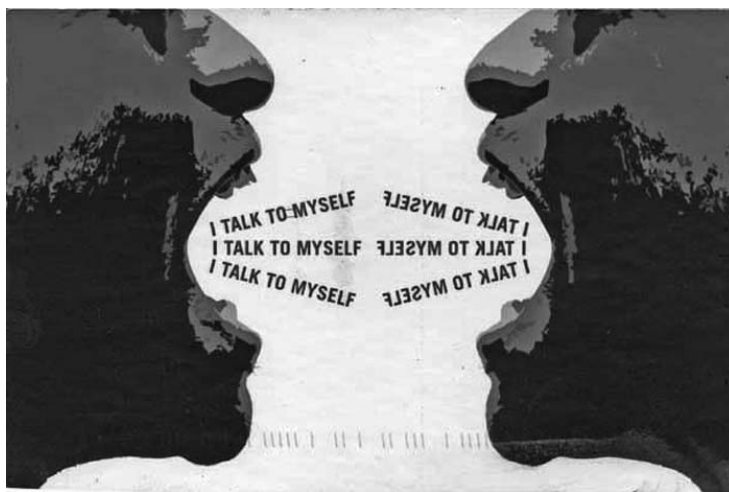
- | | | | | |
|--------------------------|---------------|--------------|--------------|----------------|
| 1. Consoante bilabial | leme | corda | livro | corpo |
| 2. Consoante fricativa | papo | frevo | chave | boneco |
| 3. Consoante nasal | tenho | pirulito | come | limite |
| 4. Vogal oral | vão | teto | vale | compra |
| 5. Vogal nasal | folha | tinta | caneco | celular |
| 6. Consoante palatal | colher | cadeira | exame | jeito |
| 7. Consoante alveolar | filho | lama | sala | perfeito |
| 8. Consoante labiodental | café | cavar | laranja | palavra |

Será que você teve algum problema? Talvez em caneco: aí não há vogal nasal, mas apenas uma ressonância nasal devido a consoante nasal da sílaba seguinte. E exame? Apesar da letra x o som é /z/.

Esses três conjuntos de órgãos, descritos anteriormente, caracterizam o aparelho fonador e são fisiologicamente responsáveis pela produção dos sons da fala. As características do aparelho fonador limitam o número de sons possíveis de ocorrer nas línguas naturais. Por exemplo, é impossível articular um som em que a ponta da língua toque a ponta do nariz. Entretanto, existem articulações que ocorrem quase em todas as línguas do mundo como é o caso da língua tocar os dentes incisivos superiores.

CONCLUSÃO

Se não tiver nenhum distúrbio, o aparelho fonador de todo ser humano é semelhante (com dimensões diferentes, claro), por isso seríamos capazes de pronunciar todos os sons em qualquer língua. Entretanto, na adolescência a capacidade de se articular novos sons diminui. É por isso que crianças que aprendem uma segunda língua, falam-na sem qualquer sotaque, enquanto os adultos que se expõem a uma segunda língua nunca deixarão de ter sotaque com características de sua língua materna. Na língua portuguesa os sons podem ser surdos e sonoros; orais e nasais; bilabiais, labiodentais, linguatentais, palatais, alveolares e velares; oclusivas e contrutivos que se subdividem em fricativos, laterais e vibrantes.



(Fonte: <http://www.businessweek.com>).



RESUMO

Os órgãos da fonação podem ser divididos em três conjuntos de órgãos: o conjunto respiratório propriamente dito, o conjunto energético e o conjunto articulatório. O conjunto respiratório propriamente dito é constituído pelos pulmões, brônquios e traquéia. O conjunto energético é constituído da laringe com as cordas vocais e a glote. O conjunto articulatório é constituído de faringe, língua, fossas nasais, dentes, alvéolos, palato duro (céu da boca), palato mole (véu palatino), úvula (campanhia) e lábios. Quanto ao papel das cordas vocais os sons podem ser surdos (/p,t,k,f,s,ʃ/) quando não há vibração das cordas vocais e sonoros (/ b, d, g, v, z, ʒ, l, ʎ, r, R, m, n, ñ /), quando as cordas vocais vibram. Quanto ao papel das cavidades oral e nasal, os sons podem ser orais (/ p, b, t, d, k, g, f, v, s, z, ʃ, ʒ, l, ʎ, r, R /) quando a corrente de ar sai apenas pela cavidade bucal, e nasais (/m, n, ñ /), quando o ar sai tanto pela cavidade bucal quanto pela cavidade nasal. Quanto ao modo de articulação, os sons podem ser oclusivos (/ p, b, t, d, k, g /), quando há um fechamento total à saída do ar pela boca, e constrictivos (/ f, v, s, z, ʃ, ʒ, l, ʎ, r, Rz /). Quanto ao ponto de articulação, os sons podem ser bilabiais (/ p, b, m /), quando são produzidos pelo encontro dos lábios superiores e inferiores; labiodentais (/ f, v /), quando são produzidos pelo encontro dos lábios inferiores com os dentes superiores; linguodentais (/ t, d, n /), quando são produzidos pelo encontro da língua com os dentes; alveolares (/ s, z, l, r /), quando são produzidos pelo encontro da língua com os alvéolos; palatais (/ ʃ, ʒ, ʎ, ñ /), quando são produzidos pelo encontro da língua com o palato duro e os velares (/ k, g, R /), quando são produzidos pelo encontro da língua com o véu palatino.

REFERÊNCIAS

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CAVALIERE, Ricardo. **Pontos essenciais em fonética e fonologia**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.

SILVA, Thaís Cristóforo. **Fonética e fonologia do Português**. São Paulo: Contexto, 1999.

FONEMA, ALOFONE E ARQUIOFONEMA

META

Apresentar vários conceitos de fonema e os de alofones e arquiofonemas

OBJETIVOS

Ao final dessa aula o aluno deverá:
reconhecer fonemas do português;
identificar os traços distintivos de um fonema.

distinguir alofones de fonemas

distinguir arquifonemas de fonemas e de alofones.

PRÉ-REQUISITOS

Aula 02: o aparelho fonador e os tipos de som



(Fonte: <http://www.coesis.org>).

Na aula 02 você reconheceu os diversos tipos de sons que o nosso aparelho fonador é capaz de produzir, sempre exemplificando com fonemas do português. Aquele estudo que fizemos era sob uma perspectiva fonética, agora vamos fazer um estudo sob a perspectiva fonológica. É importante sempre ter em men-

INTRODUÇÃO

te que quando trabalhamos com os fonemas estamos trabalhando com a língua falada. Nesta aula, vamos apresentar o conceito de fonema, um conceito muito importante para o estudo da nossa disciplina, fonologia da língua portuguesa. Além disso, veremos a relação entre a letra e o fonema para que você não se atrapalhe quando formos classificar os fonemas uma vez que teremos que fazer isso pela escrita. Veremos também que os fonemas variam.



Um dos objetivos de uma análise fonológica ou **fonêmica** é definir quais são os sons de uma determinada língua que têm valor distintivo. Dito de outra forma, quais são os sons que servem para distinguir palavras nessa língua. Por exemplo, quando você troca o p por um b na palavra pato tem como resultado a palavra bato, que tem um significado diferente de pato. Por isso dizemos que /p/ e /b/ são fonemas da língua portuguesa. Cada língua dispõe de um determinado número de fonemas cuja função é determinar a diferença de significado de uma palavra em relação à outra. O fonema é então a menor unidade fonológica da língua e para diferenciá-lo da letra o escrevemos entre barras. Para Saussure, “Os fonemas são, antes de tudo, entidades opositivas, relativas e negativas.” (Saussure, 1997, p.138) Os fonemas são considerados entidades opositivas porque retiram a sua significação da oposição com todos os outros fonemas de uma língua. O que importa nos fonemas são as diferenças, que servem para distinguir palavras. Esse é o único valor lingüístico do fonema. O valor de /p/ está em sua oposição a um /b/, a um /t/, a um /d/ como em pato, bato, tato, dato, mato, cato, gato etc... Os fonemas são entidades relativas porque seu valor está na relação entre eles, ou seja, os mesmos fonemas /m/, /a/, /l/, /a/ podem formar tanto a palavra *mala*, quanto *lama*, quanto *alma*, se modificarmos apenas a relação entre os mesmos fonemas. Os fonemas são entidades negativas porque não são unidades possuidoras de significado. Um v não significa nada, mas se você trocar o v de vela por b encontrará bela que tem significado diferente.

Com base na idéia de que o fonema era **divizível** em unidades menores, Jakobson define o fonema como feixe de traços distintivos. O fonema /p/, por exemplo, é caracterizado por quatro traços distintivos, como vimos na aula 02:

a) Uma interrupção momentânea da corrente de ar determinada pelo fechamento momentâneo da boca, o que torna o /p/ uma consoante oclusiva.

ANÁLISE FONOLÓGICA

Fonêmica

Termo criado na escola norte-americana para o estudo que, ao lado da fonética e ao contrário dela, focaliza apenas o fonema sem se preocupar com a realidade física integral do som da fala. (MATTOSO, 2001).

Divizível

Que pode ser dividido.

b) Esse fechamento é determinado pelo encontro dos lábios, o que torna o /p/ uma consoante bilabial.

c) Uma abertura da glote, que permite o ar passar livremente pela laringe sem que as cordas vocais vibrem, o que torna o /p/ uma consoante surda.

d) Um fechamento da cavidade nasal, permitindo que o ar saia totalmente pela boca, o que torna o /p/ uma consoante oral.

O fonema /p/ é, portanto, uma consoante, oclusiva, bilabial, surda, oral. Não existe nenhum fonema que tenha apenas um desses traços, eles se realizam em feixes como diz Jakobson. Não são conjuntos porque não têm organização. A unidade fônica é o fonema, e as qualidades distintivas (oclusiva, bilabial, surda, oral) essas, sim, é que são **indecomponíveis**. A relação de dois fonemas é complexa e susceptível de comportar várias oposições simples; assim, em português, a distinção dos fonemas /p/ e /b/ comporta uma única oposição: a da sonoridade. Em outras palavras, os fonemas /p/ e /b/ são semelhantes em tudo (são consoantes, oclusivas, bilabiais, orais) e só se diferenciam em relação à sonoridade, enquanto o /p/ é surdo, o /b/ é sonoro. Veja:

Indecomponíveis

Indivisível, não dividido.

/p/	/b/
consoante	consoante
oclusiva	oclusiva
bilabial	bilabial
oral	oral
surda	sonora

Na língua portuguesa, os fonemas oclusivos /p e b, t e d, k e /, e os fricativos /f e v, s e z, ʃ e ʒ/ se diferenciam pelo traço da sonoridade; ou seja, um é surdo e o outro é sonoro. São surdos /p, t, k, f, s, ʃ/; e são sonoros /b, d, g, v, z, ʒ/

Um mesmo indivíduo não realiza nunca, duas vezes seguidas, o mesmo som da mesma maneira. Dito de outra forma, se você repetir a mesma palavra várias vezes, ela não será realizada da mes-

ma forma. Existem aparelhos que acusam essas diferenças. Mas como não é isso que interessa aos falantes, eles identificam sempre determinado som de uma língua, cada vez que é ouvido, como sendo o mesmo som e não outro. Ou seja, o nosso ouvido não percebe essas diferenças que não levam a uma mudança de significado. Isso só é possível devido aos traços distintivos. Mas nem todos os traços distintivos funcionam em todos os fonemas da mesma forma. Por exemplo, vimos como o traço da sonoridade, nos fonemas oclusivos e fricativos, distingue fonemas na língua portuguesa, entretanto, em relação às laterais (/l,ʎ/), esse mesmo traço (sonoridade) não é pertinente, porque todas as laterais são sonoras. Assim o traço que vai distinguir o /l/ do /ʎ/ é o ponto de articulação. O /l/ é alveolar enquanto o /ʎ/ é palatal. Veja:

/l/	/ʎ/
consoante	consoante
lateral	lateral
oral	oral
sonora	sonora
alveolar	palatal

UM POUCO DE HISTÓRIA

Nos fins do século XIX, Baudouin de Courtenay emprega pela primeira vez o termo fonema, mas esse termo não tinha o significado que tem hoje. Courtenay via o fonema como um som ideal que o falante desejava produzir. Segundo ele, o fonema era o equivalente psíquico do som da fala. Somente em 1927, com o Círculo Lingüístico de Praga, o conceito de fonema foi formulado com precisão. Por isso, antes dessa data é difícil saber quando os autores estão falando do fonema



Pertinente

Essencial. O Princípio de pertinência tem como objetivo constatar o que é distintivo numa determinada língua ou num uso linguístico.

Dissimilitude

Dessemelhança, não semelhante.

Par mínimo

Diz-se de duas palavras que diferem em significação quando apenas um dos elementos é alterado, como em bato e pato.

ou do som da fala. É com o livro *Princípios de Fonologia* de Trubetzkoy que o fonema passa a ser considerado de acordo com a função que desempenha numa língua. Trubetzkoy conceitua o fonema como uma unidade funcional abstrata, a unidade mínima distintiva do sistema de som, e é como unidade funcional que o fonema deve ser definido. Mais tarde, no livro *Language*, Bloomfield define os fonemas como unidades mínimas de traços fônicos distintivos, indivisíveis. Esse conceito de fonema como elemento mínimo de uma língua permitiu à lingüística moderna um grande avanço metodológico, porque lhe forneceu uma unidade segmentável de análise. Essas mesmas técnicas seguidas para o estabelecimento dos fonemas foram estendidas para os outros níveis de descrição gramatical. Essa noção já estava implícita na dicotomia saussureana langue-parole, apesar de Saussure não ter formulado a sua conceituação.

Além de Trubetzkoy, Jakobson tem um papel importante nos estudos fonológicos. A partir de sua conceituação de fonema como feixe de traços distintivos, os seguidores da escola de Praga passam a ver o fonema como a soma das particularidades fonologicamente **pertinentes** que uma unidade fônica comporta. Jakobson afirma: “O único conteúdo lingüístico, ou em termos mais amplos, o único conteúdo semiótico do fonema é a sua **dissimilitude** em relação a todos os demais fonemas de um dado sistema. Um fonema significa uma coisa diferente do que outro fonema significa na mesma posição; é o seu único valor.” (JAKOBSON, 1977, p. 60)

A IDENTIFICAÇÃO DOS FONEMAS

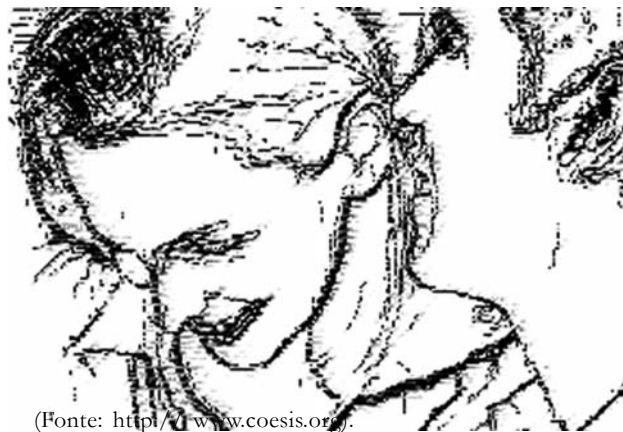
Um dos objetivos da Fonologia é estabelecer o sistema fonológico das línguas, ou seja, o conjunto de elementos abstratos relacionados entre si que o falante utiliza para diferenciar e delimitar as unidades significativas de sua língua. O procedimento habitual de identificação de fonemas é buscar duas palavras com significados diferentes cuja cadeia sonora seja idêntica. Essas duas palavras constituem um **par mínimo**. Par mínimo é então dois vocá-

bulos que se distinguem apenas por um fonema. Chegamos a essa conclusão através de um procedimento denominado teste de **comutação**. Comutação é a troca de um fonema por outro em um vocábulo. É pelo teste de comutação que se depreendem os fonemas de uma língua. Fazemos um teste de comutação quando alteramos o significante em um único ponto e verificamos se há alteração de significado. Por exemplo, par \neq bar; pato \neq bato; pote \neq bote; pelo \neq belo; limpo \neq limbo; cabo \neq capo etc. Basta que haja mudança de significação apenas em um contexto para que essas duas unidades sejam fonemas diferentes.

A noção de fonema permitiu que os linguistas agrupassem os **fonemes** semelhantes foneticamente como variantes, ou membros, do mesmo fonema. Veremos as variantes mais adiante nesta mesma aula.

Aquilo que é essencial e contingente varia muito de língua para língua.

Em francês, o início de *kilo* e o de *courage* se articulam de maneira muito diferente, o primeiro em direção à parte anterior da boca contra o palato duro, o segundo em direção à parte posterior contra o véu do palato. Mas, na nossa língua, a escolha de uma ou outra é automaticamente determinada pela vogal que segue; há pois em francês um único fonema /f/ cuja articulação se adapta ao contexto. Isto, entretanto, não vale para todas as línguas; em esquimó, por exemplo, pode-se ouvir o [k] de *courage* diante de *i* e o [k] de *kilo* diante de *ou*. Conforme o que desejam dizer, os esquimós escolherão um ou outro. Há pois, em esquimó, dois fonemas onde os franceses só conhecem um. (MARTINET, 1974, p. 38)



(Fonte: <http://www.coesis.org/>).

Comutação

Troca, substituição.

Fone

Unidade mínima da fonética, transcrita entre colchetes, por exemplo [p].

Nem todos os fonemas da língua têm necessariamente correspondência gráfica coerente, ou seja, letra e fonema são elementos que não podem ser confundidos, por isso usamos as barras para identificar os fonemas na escrita. Há fonemas que correspondem a uma e apenas uma letra como é o caso do /p/; entretanto, há outros que podem ser representados por mais de uma letra como é o caso do fonema /z/ (zelo, casa, exemplo).

Já há alguns anos eu fiz uma equivalência em relação ao português dos fonemas e das letras que eu chamei de Sistema fonológico e sistema ortográfico.



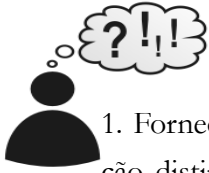
3. Letras que representam mais de um fonema

i = / i / - fita	c = / k / - caso	r = / R / - caro
/ y / - foi	/ s / - cedo	/ h / - rato, porta
		/ h / - carga
x = /kis / - fixo		∅ - amar
u = /u / - veludo	s = / s / - sala	m = / m / - mola
/w / - céu	/ z / - piso	/wm/ - amam
	/ ʃ / - teste	/ym/ - amém
o = / o / - tolo		
/ ɔ / - jóia	z = / z / - zona	n = / n / - nada
/u/ - belo	/ s / - nariz	/yn/ - hífen
/w/ - cão		
e = / e / - ateu	l = / l / - lado	x = / ʃ / - enxada
/ ε / - réu	/w / - bolsa	/ s / - máximo
/ i / - escada	∅ - azul	/ z / - êxodo
/y / - mãe		
d = / d / - dado	g ≠ /g / - gato	t = / t / - tato
/dʒ/ - doido	/ ʒ / - gema	/ tʃ / - oito

4. Fonemas não representados ortograficamente: / i / = abdicar, pneu, ritmo.

5. Letra sem correspondência fonológica: h = ∅ humor, homem, há.

À medida que formos classificando os fonemas você vai se familiarizando mais com os símbolos apresentados aqui, mas eu preferi colocar logo essa correspondência para ajudar a entender a exemplificação. Espero que não tenha complicado muito. Nas aulas seguintes vamos continuar a fazer transcrições fonológicas.



ATIVIDADES

1. Forneça exemplos (palavras) de pares mínimos em que a oposição distintiva se estabeleça através dos fonemas:

/s/, /z/ = _____

/ʃ/, /ʒ/ = _____

/m/, /n/ = _____

/t/, /d/ = _____

/r/, /R/ = _____

/l/, /ʎ/ = _____

/a/, /ɛ/ = _____

/e/, /i/ = _____

/o/, /u/ = _____

/a/, /i/ = _____

2. Reconheça os casos de par mínimo em:

- () cinto – cito
- () braço – baço
- () integrar – entregar
- () porto (s) – porto (v)
- () nascimento – valimento
- () senti – sentiu
- () percebido – partido
- () amoral – imoral
- () infligir - infringir
- () mora - mola

3. Complete a dupla de vocábulos que comprova a pertinência na língua portuguesa dos fonemas indicados:

- a) /p/ x /b/ = pois x _____
 b) /n/ x /d/ = nessa x _____
 c) /a/ x /ɛ/ = caro x _____
 d) /g/ x /v/ = _____ x varra
 e) /v/ x /s/ = _____ x sela
 f) /p/ x /k/ = para x _____
 g) /ʃ/ x /ʒ/ = _____ x ajo
 h) /ʎ/ x /n/ = melhor x _____
 i) /m/ x /f/ = _____ x fala
 j) /a/ x /u/ = seda x _____

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. Você pode colocar esses ou outros nomes. Veja apenas que devem ser palavras que se diferenciem apenas pelos fonemas pedidos com o em:

/s/, /z/	= selo, zelo; assar, azar;
/ʃ/, /ʒ/	= chato, jato; acho, ajo, lixeiro, ligeiro;
/m/, /ɲ/	= temo, tenho; limo, linho;
/t/, /d/	= tela, dela; pote, pode;
/r/, /R/	= caro, carro; era, erra, vara, varra;
/l/, /ʎ/	= fala, falha; mala, malha; fila, filha.
/a/, /ɛ/	= pala, péla; bala, bela; pá, pé.
/e/, /i/	= fez, fiz; temo, timo;
/o/, /u/	= gola, gula; mola, mula
/a/, /i/	= fala, fila; lama, lima; faca, fica

2. Nesse exercício você deve ter presente o que é um par mínimo. Existe par mínimo quando duas palavras diferem em significação apenas por um elemento. Veja a correção:

- (X) cinto – cito
- (X) braço – baço
- () integrar – entregar
- (X) porto (s) – porto (v)
- () nascimento – valimento
- (X) senti – sentiu
- () percebido – partido
- (X) amoral – imoral
- () infligir - infringir
- (X) mora- mola

3. Esse exercício é fácil, não é mesmo? Parece uma brincadeira. Talvez você não tenha encontrado logo aqueles que se escrevem diferente como caro x quero, ou como seda x cedo.

- a. /p/ x /b/ = pois x bois
- b. /n/ x /d/ = nessa x dessa
- c. /a/ x /ɛ/ = caro x quero
- d. /g/ x /v/ = garra x varra
- e. /v/ x /s/ = vela x sela
- f. /p/ x /k/ = para x cara
- g. /ʃ/ x /ʒ/ = acho x ajo
- h. /l/ x /n/ = melhor x menor
- i. /m/ x /f/ = mala x fala
- j. /a/ x /u/ = seda x cedo

Bloomfield nasceu em Chicago, em 1887. Fez a graduação na Universidade de Harvard em 1906 e recebeu o título de doutor em 1909. Em 1924 fundou a Sociedade Lingüística da América. Foi precursor juntamente com Sapir do Estruturalismo Americano. Seu livro *Language* (1933) sintetiza a teoria e a prática de análise lingüística e é um texto clássico de Lingüística Estrutural. Foi professor de Harris.

O Círculo Lingüístico de Praga foi fundado em 1926 e reuniu lingüistas tchecos e russos como Trubetzkoy, Jakobson e Mathesius. Em 1929, no Primeiro Congresso Internacional de eslavistas, em Praga, descrevem as tarefas da lingüística. Esse programa é conhecido como “As teses de 1929” e apresenta os princípios da lingüística funcional.

Jakobson nasceu em Moscou em 1896. Depois de muitas atividades de relevo em seu país, na área da lingüística, onde fundou o “Cercle of Linguistique de Moscou”, a revolução e duas guerras levaram-no a peregrinar por diferentes países escandinavos, entre os quais Copenhague, onde funda o “Círculo Lingüístico de Praga” com Trubetzkoy e Mathesius com a intenção firme de mostrar a importância do estudo dos sistemas de signos, na linha de Saussure. Mais tarde, fixa-se nos Estados Unidos, Nova York, sua última morada. Amigo de Mattoso Câmara, visitou o Brasil no final da década de sessenta, brindando o Rio de Janeiro com conferências, uma das quais no Museu Nacional.

ALOFONES

O fonema pode variar na sua realização. Dependendo de certas circunstâncias da enunciação, os traços distintivos dos fonemas podem sofrer alteração. Cria-se, assim, o conceito de alofone ou variante dentro do conceito de fonema. Alofones ou variantes são os vários sons que realizam um mesmo fonema.

Se substituirmos o [a] de tapo por [i], obteremos tipo, uma outra palavra porque [a] e [i] representam dois fonemas. Para alguns falantes da língua portuguesa (cariocas, por exemplo), ocorre em tipo uma diferença fonética adicional: o som que precede o [i] não é o mesmo que precede o [a]. Agora temos algo como tch, que será representado com o sinal [tʃ]. Em português, apesar de [t] e [tʃ] serem dois sons vocais diferentes, não são dois fonemas. Eles são unidades diferentes para a fonética, porque são dois sons produzidos diferentemente, mas não correspondem a elementos distintos no sistema fonológico do português, pois não estabelecem oposição entre palavras. Na língua portuguesa, [tʃ] é apenas uma outra pronúncia, ou seja, um alofone do fonema /t/, usado em algumas regiões do Brasil como o Rio de Janeiro quando depois do /t/ vem um /i/. Aqui em Sergipe há esta mesma realização, só que em outro contexto. Quando antes do fonema /t/ vem uma semivogal anterior /y/, aqui em Aracaju, nós realizamos o fonema /t/ como [tʃ]. Palavras como oito são normalmente pronunciadas como [ˈoitʃu]. Identificamos os alofones ou variantes de um mesmo fonema através do método de distribuição complementar. Em fonologia, dizemos que há distribuição complementar quando duas unidades fonéticas não ocorrem nunca no mesmo contexto, ou seja, se encontram em ambientes mutuamente exclusivos por isso mesmo não podem distinguir palavras. Foi isso que vimos com as duas realizações do fonema /t/. Assim [t] e [tʃ] se encontram em distribuição complementar, e são reconhecidos como alofones do mesmo fonema pelos fonologistas. Devemos observar que a aplicação do princípio da distribuição complementar em geral corresponderá muito bem ao julgamento do falante nativo, que não estudou fonética, a respeito do que é e do que não é o

mesmo som. O falante nativo aprendeu a reagir a certas diferenças fonéticas como funcionais na sua língua e a ignorar outras como irrelevantes para a comunicação. É claro que não é só a distribuição complementar a condição suficiente para considerar um determinado som como variante de um mesmo fonema. “O primeiro, e mais importante critério suplementar (ao qual a maioria dos lingüistas daria tanto valor quanto à condição da distribuição complementar) é o da semelhança fonética” (LYONS. 1979. p. 117).

A distinção entre [t] e [tʃ] é acidental na língua portuguesa. Mas podem existir línguas em que essa distinção seja fonológica. Lembremos sempre que na fonologia o que importa é que existam significados diferentes, o que acontece com tia e dia, mas não acontece com [tia] e [tʃia]. Aqui em Sergipe mesmo pronunciamos [tia], temos o mesmo significado, a irmã de meu pai ou de minha mãe, não é mesmo? Assim temos que na língua portuguesa o fonema /t/ ocorre como alofone [tʃ] diante de [i] e como alofone [t] nos demais ambientes, em relação ao dialeto do Rio de Janeiro. Note que o fonema é transcrito entre barras transversais, e os alofones

são transcritos entre colchetes. Isso se faz para caracterizar os diferentes níveis de representação: fonética (entre colchetes) e fonológica (entre barras). Optamos por representar os alofones [t] e [tʃ] pelo fonema /t/. Essa escolha geralmente se dá por aquele alofone que ocorre mais ou é mais geral em termos de distribuição. O alofone com ocorrência mais restrita ou específica vai representar um dos alofones daquele fonema. Assim é que escolhemos /t/ para representar o fonema dos alofones [t] e [tʃ] porque o alofone [t] ocorre de maneira mais abrangente. O alofone [tʃ] tem ocorrência mais restrita, ocorre apenas diante de [i].



Alto falante (Fonte: <http://www.novomilenio.inf.br>).

Há, aliás, dois tipos muito diferentes de alofones. Um deles depende do ambiente fonético em que o som vocal se encontra. Dá-se uma assimilação aos traços dos outros sons contíguos ou um afrouxamento ou mesmo mudança de articulações em virtude da posição fraca em que o fonema se acha (por exemplo, nas vogais portuguesas, a posição átona, especialmente em sílaba final). Esses alofones, ou variantes do fonema, são ditos posicionais. Já outro tipo é o da variação livre, quando os falantes da língua divergem na articulação do mesmo fonema ou um mesmo falante muda a articulação conforme o registro em que fala. São os alofones ou variantes livres, como sucede em português com o a /r/ forte, pronunciado, como vimos, pela maioria dos falantes como um som velar, ou uvular, ou mesmo com uma mera vibração faríngea, e por outros, em minoria, como uma dental múltipla (isto é, resultante de uma série de vibrações da ponta da língua junto aos dentes superiores) (MATTOSO CÂMARA Jr., 2002, p. 35).

São alofones posicionais as realizações do /t/ de que vimos falando. Já quando temos duas pronúncias possíveis, ou seja, quando dois segmentos em variação livre ocorrem no mesmo ambiente sem prejuízo de significado, temos os alofones livres. Um exemplo de variação livre em português é a alternância de vogal oral e nasal em posição pretônica em palavras não derivadas: [ba¹ nanɑ] e [bã¹ nanɑ] “banana”.

Teorias pós-fonêmicas que analisam a variação e mudança lingüística demonstram que a “variação livre” na verdade é condicionada por fatores extralingüísticos como localização geográfica, grau de escolaridade, classe social, sexo, idade, entre outros. A disciplina que investiga tais fatores é a sociolinguística (SILVA, 2007 p. 133).

Além desses dois tipos de que fala Mattoso Câmara há ainda um terceiro tipo que ocorre por intenção comunicativa, enriquecendo a articulação de algum traço não habitual é a variante

estilística. Um exemplo dela, bem comum, a gente encontra quando os radialistas estão irradiando os jogos da copa do mundo. Quando o gol é do Brasil há um alongamento da vogal como se o radialista não fosse acabar de falar, dando um som [gooooooooo] para indicar seu entusiasmo, sua emoção. Se o gol é do país contrário não há essa pronúncia prolongada. Dos três tipos, “Os alofones posicionais têm muita importância para caracterizar o conjunto de fonemas da língua. Eles dão o sotaque da nossa fala, ...” (Mattoso Câmara Jr., 2002, p.35) distinguem, por exemplo, a fala do baiano da fala do sergipano.

Na fonologia temos ainda o conceito de neutralização, que não deve ser confundido com o de variação. A neutralização é um “termo usado na fonologia para descrever o que acontece quando a distinção entre dois fonemas se perde em um determinado ambiente.” (CRYSTAL, 1988, p. 181). As palavras carro e caro se distinguem pela oposição entre a vibrante múltipla /R/ e a vibrante simples /r/. Já em rio, ramo, rede só empregamos a vibrante múltipla, e em bravo, prêmio, frevo usamos apenas a vibrante simples. Esses exemplos mostram que somente entre vogais existe oposição entre a vibrante simples - caro - e a vibrante múltipla - carro. Nas outras posições, a oposição /R/ =/= /r/ fica neutralizada, ou porque ocorre apenas uma delas (vibrante múltipla em rio, ramo, rede e vibrante simples em bravo, prêmio, frevo), ou porque a ocorrência de uma ou de outra não tem nenhum valor distintivo. Um americano falando português vai ter sempre dificuldade de pronunciar a nossa vibrante múltipla em início de palavra como em rio, mas nós o entenderemos porque não haverá distinção significativa. Quer pronunciemos [ˈɾiu] ou [ˈRiu] compreenderemos um curso de água, não é mesmo? Assim, haverá neutralização quando existe uma supressão das oposições entre dois ou mais fonemas em determinados contextos, ou seja, quando uma oposição é anulada. O resultado de uma neutralização chama-se arquifonema. Esse conceito foi criado por Trubetzkoy e seus companheiros do Círculo Lingüístico de Praga. Quando existe neutralização,

a realização acústica já não corresponde a um dos fonemas **intercambiáveis**, mas a um arquifonema que compreende ambos.

Quando a alteração anula a distinção entre dois ou mais fonemas, diz-se que houve uma neutralização entre eles e o resultado articulatório é o ARQUIFONEMA; pode acusticamente corresponder a um dos fonemas ou ser um como que denominador comum de todos eles, contendo apenas os traços distintivos em comum. A neutralização é o resultado extremo da variação posicional, como em português a da distinção entre /s/ : /z/ : /ʃ/ : /ʒ/ em posição final diante de pausa (ex.: pus, luz, flux têm uma mesma consoante final, que na pronúncia mais geral luso-brasileira é um [ʃ] atenuado em seu chiamento) (Mattoso Câmara, 2001, p. 119)

Mattoso chama a nossa atenção para um fato particular na língua portuguesa. Existem quatro fonemas /s/, /z/, /ʃ/, /ʒ/ como podemos comprovar em assa, asa, acha, haja. No entanto, quando esses fonemas ocorrem em final de sílaba ou de palavra, acontece a possibilidade de neutralização. Assim a pronúncia do último fonema de feliz poderá variar bastante devido à consoante final: [fe 'lis], [fe 'liz], [fe 'liʃ], [fe 'liʒ] mas qualquer que seja a escolha do falante ela sempre recairá sobre um desses quatro sons que são fonemas em português. O único traço pertinente dessas consoantes que se mantém é o da modalidade fricativa. Mas nesse contexto, a oposição se anula porque, em nossa língua, esses fonemas só se distinguem em posição pré-vocálica. Falamos, portanto, em neutralização quando, em um ambiente fonológico determinado, dois ou mais fonemas perdem distinção entre si. O arquifonema é representado pela letra maiúscula. Por isso, não usamos as letras maiúsculas nas transcrições fonológicas. Mesmo quando fazemos transcrição de frases não usamos as letras maiúsculas no início a não ser que ela esteja representando um arquifonema.

O arquifonema sibilante /S/ de que trata Mattoso Câmara tem realização diferente aqui em Sergipe. Aqui nós empregamos /s/ em final de frase ou diante de pausa. Usamos /s/ também quando de-

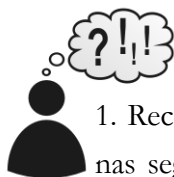
Intercambiáveis

Que se pode trocar.

pois dele vem um fonema surdo que não seja /t/. O z é usado diante de vogal ou quando depois dele vem uma consoante sonora. Mas nós empregamos também o /ʃ/ diante de /t/ e o /ʒ/ diante de /d/. Veja o quadro:

/S/ = /s/ + C surda = disco ['disku]
bolas ['bolas]
/S/ = /z/ + C sonora = as bolas [az 'bolas]
vogal = as artes [az 'aRtis]
/S/ = /ʃ/ + /t/ = teste ['teʃti]
/S/ = /ʒ/ + /d/ = desde ['deʒdi]

ATIVIDADES



1. Reconheça os alofones consonantais que podem estar presentes nas seguintes palavras e classifique-os como posicionais ou livres:

amar =

coitado =

doido =

eterno =

feito

forte =

moita =

leitura =

peito =

pardo =

terno =

2. Dois aracajuanos vão morar no Rio de Janeiro. Depois de 10 anos residindo na Cidade Maravilhosa, um deles continua sendo

identificado como nordestino, mas o outro não. Como se pode explicar esse fato?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADE

Comentário da atividade

Sei que sem começar a classificar os fonemas, não é nada fácil esses exercícios de afofonia, mas devagar que você acerta. Nós já falamos sobre eles aí no texto.

1. Reconheça os alofones consonantais que podem estar presentes nas seguintes palavras e classifique -os como posicionais ou livres:

amar = [R], [h] e [-] livre
 coitado = [t] e [tʃ] posicional
 doido = [d] e [dʒ] posicional
 eterno = [R], [h] e [-] livre
 feito = [t] e [tʃ] posicional
 moita = [R], [h] e [-] livre
 peito = [t] e [tʃ] posicional
 forte = [t] e [tʃ] posicional
 leitura = [t] e [tʃ] posicional
 pardo = [R], [h] e [-] livre
 terno = [R], [h] e [-] livre

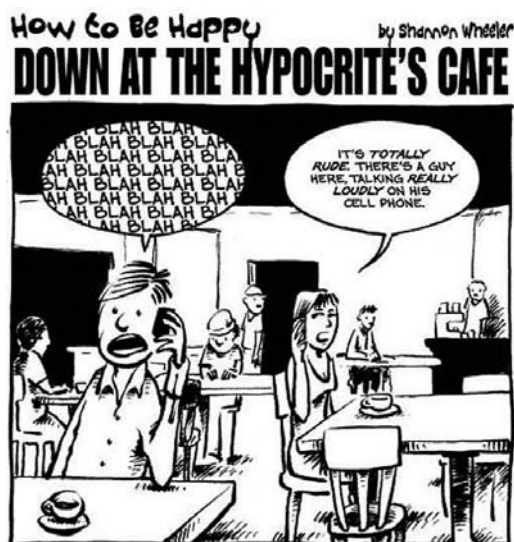
2. Uma explicação possível será que somente um deles deve ter mantido as marcas prosódicas do Nordeste (alofones, aberturas das vogais etc), continuando, portanto, a ser identificado pelo carioca. A perda dessas marcas pelo outro nordestino pode ter ocorrido devido a contatos linguísticos com falantes de outros dialetos do Brasil, o que favoreceu a uma alteração de seu padrão prosódico de nascimento.

O fonema se individualiza por alguns traços que são os seus traços distintivos porque por meio deles se distingue de todos os outros fonemas da língua. Apesar de o fonema não ter significado ele tem uma carga significativa porque pela troca de

CONCLUSÃO

um por outro há mudança de significado. O fonema também é definido como feixe de traços distintivos. Em toda língua os fonemas são em número fixo e limitado e formam o sistema fonológico da língua.

O conceito de fonema como unidade mínima da língua permitiu à lingüística moderna um grande avanço metodológico, porque deu à língua uma unidade que podia ser segmentada. Essa metodologia foi seguida pelos outros níveis de descrição gramatical. Como você pode ver as realizações dos fonemas sofrem alterações. Essas alterações dependem muito da região de nascimento do falante. Dependem também do contexto em que são realizadas e da intenção comunicativa do falante. Os alofones, apesar de não influenciarem nos sentidos das palavras, eles dão o sotaque da nossa fala. Por isso é válido estudá-los. E o arquifonema, então, foi muito utilizado na época do estruturalismo. Hoje em dia quase não se trabalha mais com ele, mesmo assim eu achei importante vocês saberem o que é arquifonema, vocês não concordam comigo?



(Fonte: <http://notasaocafe.files.wordpress.com>).

RESUMO



O fonema é um som que, dentro de um sistema fônico determinado, tem um valor diferenciador entre dois vocábulos. O fonema é um som de uma determinada língua que tem valor distintivo, ou seja, serve para distinguir vocábulos. São unidades fonológicas distintas. Para se identificar fonemas buscam-se dois vocábulos com significados diferentes cujo contexto fônico seja semelhante. Esses dois vocábulos constituem o par mínimo. Assim, no português, dizemos que /t/ e /d/ são fonemas porque o par mínimo ‘cata’ e ‘cada’ demonstra a oposição fonológica. Alofones são variantes de um mesmo fonema.

Os alofones podem ser posicionais, livres e estilísticos.

Alofones posicionais dependem do ambiente fonético em que o som vocal se encontra. Os alofones posicionais dão o sotaque da nossa fala.

Alofone livre é quando os falantes da língua divergem na articulação do mesmo fonema ou um mesmo falante muda a articulação conforme o registro em que fala.

Alofone estilístico ocorre por intenção comunicativa, o falante enriquece a articulação de algum traço não habitual para demonstrar a sua emoção.

Existe neutralização quando, em um ambiente fonológico determinado, dois ou mais fonemas perdem a distinção entre eles.

Arquifonema é o resultado da neutralização. O arquifonema possui os traços comuns a dois ou mais fonemas. O arquifonema é representado pela letra maiúscula.

Chama-se arquifonema a unidade fonológica que resulta de uma oposição neutralizada.

REFERÊNCIAS

- CRYSTAL, David. **Dicionário de linguística e fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- LYONS, John. **Introdução à linguística teórica**. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.
- MARTINET, André. **Elementos de linguística geral**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.
- A linguística sincrônica**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1974.
- MATTOSO, CÂMARA Jr., Joaquim. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- Dicionário de linguística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.
- SILVA, Thais Cristóforo. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 2007.
- TROUBETKOY, Nicolai. **Principes de phonologie**. Paris: Éditions Klincksiech, 1970.

4 aula

TRANSCRIÇÃO FONÉTICA, FONOLÓGICA E PROCESSOS FONOLÓGICOS

META

Apresentar os sistemas de representação tanto fonética quanto fonológica, exemplificando-os com fonemas do português. Destacar os processos fonológicos mais comuns que ocorrem no Português contemporâneo.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá: fazer transcrições de palavras não só fonéticas como também fonológica. indentificar os vários processos fonológicos que ocorrem no Português contemporâneo.

PRÉ-REQUISITOS

Aula 1 e 2.

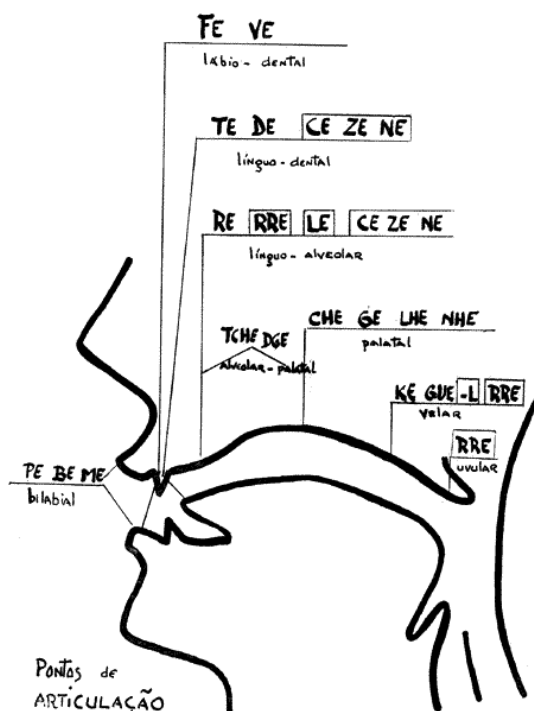


Diagrama indicando o ponto de articulação das consoantes do português falado no Brasil, mais exatamente, em São Paulo. Os sons que estão repetidos podem ter mais de um ponto de articulação (Fonte: <http://www.rborl.org.br>).

INTRODUÇÃO

Você verá que a combinação dos fonemas para formar palavras ou frases provoca uma série de modificações, no nosso caso, determinadas por fatores fonéticos. Isso acontece porque, como você viu nos estudos lingüísticos, a língua é dinâmica, a língua evolui. Aliás, é de aceitação unânime que a língua não é uniforme. A mudança é necessária para que a língua possa adequar-se às exigências da própria mudança cultural. Normalmente, estudamos esses processos fonológicos que produziram mudanças históricas na gramática histórica, e nos esquecemos de que eles continuam a acontecer no momento porque “os processos que produziram mudanças históricas são os mesmos que estamos testemunhando a cada momento hoje.” (Callou, Dinah e Leite, Yonne, 2005, p.43)

Nessa aula vou colocar aqui outra vez o Alfabeto Fonético internacional para que você possa estar sempre olhando as representações. Isso facilita bastante quando vamos fazer as transcrições. É como se nós estivéssimos fazendo cópia, mas de representação gráfica diferentes das do nosso Alfabeto. Na aula 03 você viu os símbolos do API das consoantes, nesta aula apesar de você não estar trabalhando com as vogais, eu vou colocar os símbolos das vogais para que você possa fazer as transcrições. Na aula 03 eu coloquei também algumas equivalências entre o nosso alfabeto e o alfabeto fonético. Isso também ajuda nas transcrições.



(Fonte: <http://www.scielo.br>).

Em nenhuma língua do mundo a ortografia é representada exclusivamente de forma fonética, por isso é sempre difícil fazer a representação gráfica dos fonemas. Há sempre uma maior ou menor influência **etimológica**, ou seja, através da escrita, busca-se indicar a origem da palavra. Das línguas que conhecemos a que apresenta uma forte influência etimológica é o francês. Em português, o fonema que possui o maior número de representações ortográficas é o /s/. Como você viu temos sala, centro, moça, exame, juiz, além dos dígrafos massa, descer, desça, exceto, **exsudação**. Ou seja, o fonema /s/ pode ser representado pelas letras s, c, ç, x, z, e pelos dígrafos ss, sc, sç, xc, xs. Agora você sabe porque na escola aparecem tantos exercícios para empregar as letras s, c, ç, z, x. Quando a criança começa a ler e a escrever ela não pode ter domínio da escrita das palavras, e não adianta querer que ela adquira este domínio de uma hora para outra. Lembre-se de que você também não adquiriu esse domínio tão rapidamente. Queremos que o aluno escreva logo corretamente, mas temos que deixá-lo interiorizar essas representações. A melhor forma de fazer isso é colocando a criança em contato com a escrita. E como fazemos isso? Para que a criança adquira domínio de escrita, ela deve estar sempre em contato com muitos textos. Assim, à medida que ela vê aqueles nomes escritos, ela aprende também a escrevê-los. Você já viu alguma criança não saber escrever a palavra coca cola? Todas elas sabem escrevê-la, e você sabe por quê? Porque de cem em cem metros existe a palavra escrita, afixada em alguma parede, além de a televisão passar toda hora uma propaganda com o nome escrito na tela e todo ano mudar essa propaganda. Outros motivos também contam. Por exemplo, na cidade existe mais contato com a escrita que no interior. Por isso a importância de o professor do Ensino Fundamental colocar muitas palavras, muitas frases e muitos textos nas paredes da sala de aula. Não se esqueça de que muitas crianças só têm contato com o texto escrito lá na escola. Elas não veem texto nem em casa, nem nos lugares que frequentam. Quanto maior o contato da criança com a

TRANSCRIÇÃO FONÉTICA

Etimológica

Que trata da origem das palavras.

Exsudação

Suar

escrita maior e melhor a sua aquisição. Isso vale para adolescentes e adultos também.

Quando fazemos uma transcrição fonética ou fonológica precisamos que a representação do fonema seja exatamente aquela e não outra. Dizemos que deve haver uma representação **biunívoca**, isto é, cada fonema deve corresponder a apenas um símbolo, e um símbolo corresponde apenas a um fonema. Foi assim que surgiu a necessidade de se criar um alfabeto fonético. O alfabeto fonético é uma série de símbolos convencionais que utilizamos para representar graficamente os sons da língua. Chamamos transcrição fonética o ato de registrar os sons linguísticos por meio do uso do alfabeto fonético. Algumas vezes transcrevemos uma palavra sem levar em conta a quantidade de alofones que podem ocorrer em suas pronúncias regionais. A palavra menino pode ser transcrita [mi 'ninu] como pronunciamos de maneira geral, ou [me 'ninu] como se diz no interior do Rio Grande do Sul, ou [mɛ 'ninu], como se diz no interior do Nordeste. A primeira opção é uma transcrição fonológica porque só se especificam as variantes que são pertinentes à nossa língua. Usamos, entretanto, o mesmo alfabeto fonético, pois os símbolos se resumem a uma simples expressão gráfica de um determinado som.

Atualmente, como utilizamos muito o computador nas transcrições, existem fontes especiais para essa tarefa. A mais completa que está disponível para todos na Internet e é baseada no API chama-se SILDoulos.

Biunívoca

Correspondência entre dois conjuntos em que cada elemento do primeiro conjunto corresponde a apenas um elemento do segundo, e vice-versa.

O alfabeto internacional de fonética (revisado em 1993, atualizado em 1996*)
Consoantes (mecanismo de corrente de ar pulmonar)

	bilabial	lábio-dental	dental	alveolar	pós-alveolar	retroflexa	palatal	velar	uvular	faringal	glotal
Oclusiva	p b			t d		ʈ ɖ	c ɟ	k ɡ	q ɢ		ʔ
Nasal		m ɱ		n ɳ		ɳ̠	ɲ	ŋ	ɴ		
Vibrante		B		r					ʀ		
Tepe (ou'flepe)				ɾ		ɽ					
Fricativa	ɸ β	f v	θ ð	s z	ʃ ʒ	ʂ ʐ	ç ʝ	x ɣ	χ ʁ	ħ ʕ	h ɦ
Fricativa lateral				ɬ ɮ							
Aproximante		ʋ		ɹ		ɻ	j	ɰ			
Aprox. lateral				ɻ		ɻ̠	ɰ	ʟ			

Em pares de símbolos tem-se que o símbolo da direita representa uma consoante vozeada. Acredita-se ser impossível as articulações nas áreas sombreadas.

Aí está o API.

A língua portuguesa possui 33 fonemas sendo 07 vogais orais, 05 vogais nasais, 19 consoantes e 02 semivogais.

Eis os símbolos que estaremos usando nas transcrições: Vogais orais = /a/ /ɛ/ /e/ /i/ /ɔ/ /o/ u/

/ɑ/ (usamos este símbolo para o a átono final das palavras)

Vogais nasais = /ã/ /ẽ/ /ĩ/ /õ/ /ũ/

Consoantes oclusivas = /p/ /b/ /t/ /d/ /k/ /g/

Consoantes fricativas = /f/ /v/ /s/ /z/ /ʃ/ /ʒ/

Consoantes nasais = /m/ /n/ /ɲ/

Consoantes laterais = /l/ /ʎ/

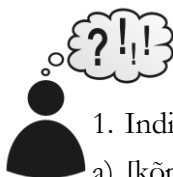
Consoantes vibrantes = /r/ /R/ (No API, a vibrante velar é representada por X, mas continuamos a representar pelo /R/

semivogais = /y/ /w/

Agora faremos algumas observações para facilitar os futuros exercícios:

1. Usam-se colchetes para a transcrição fonética, ou seja, a transcrição de pronúncia, e barras inclinadas para a transcrição fonológica, ou seja, a transcrição padrão. /¹kawzɑS/ = [¹kalzɑs] ou [¹kawzɑʃ] = causas.
2. Os símbolos devem ser grafados com letra minúscula, porque a maiúscula indica o arquifonema.
3. O apóstrofo indica que a sílaba seguinte é tônica: cadeira [ka¹deyɾɑ], caderno [ka¹dɛɾnu].
4. Para a transcrição fonética, utilizamos outros símbolos:
 - a. [tʃ] = pronúncia do nosso /t/ de [¹oytʃu] = oito
 - b. [dʒ] = pronúncia do nosso /d/ de [¹doydʒu] = doido
 - c. [R] = pronúncia do nosso /R/ pós-vocálico de circo [¹siɾku]
 - d. [ʎ] = pronúncia da vibrante /ʎ/ pós-vocálica de Alagoas, Minas, São Paulo, dito retroflexo, como em circo [¹siʎku]
5. O símbolo /R/, por exemplo, representa a consoante vibrante velar, chamada de uvular na tabela do API. Por esse motivo, quando quisermos apresentar o arquifonema vibrante utilizaremos o símbolo maior /R/.

O símbolo [ɐ] não é o mais adequado para representar o alofone da vogal a em posição pós-tônica, mas lançaremos mão dele, pois tornará mais simples o nosso trabalho que se trata de um estudo elementar e não visa a um procedimento de cientificidade maior.



ATIVIDADES

1. Indique a forma ortográfica das palavras:

- a) [kõpɾiˈmẽtu] = _____
- b) [foˈʎaʒẽy] = _____
- c) [kõsɛˈsãw] = _____
- d) [ɾɛtɾiˈbu] = _____
- e) [ʒiˈboɣɐ] = _____
- f) [pɛɾsẽˈtaʒẽy] = _____
- g) [ʃɔˈvaw] = _____
- h) [asẽsoˈriʃɐ] = _____
- i) [ʃiˈliki] = _____
- j) [mɔˈʎadu] = _____

2. Pronuncie as palavras seguintes e faça a transcrição fonética:

- a) jogada _____
- b) palpite _____
- c) aguardente _____
- d) xícara _____
- e) camiseiro _____

3. Faça a transcrição fonológica das palavras da questão anterior:

- a) jogada _____
- b) palpite _____
- c) aguardente _____
- d) xícara _____

e) camiseiro _____

4. Indique a forma ortográfica das frases transcritas foneticamente a seguir. Preste atenção que não foram estabelecidos os limites das palavras formais:

a) [ewpaseynuveʃtibulaʁiagɔʁeʃtoʃfazẽdukũʁsudiletʁɔsnaunivɛʁsidadɪ]

b) [ʁɛalizemewsoɲudifazehũkuʁsusupɛʁioh]

c) [neʃtimeysowviũɛklipisitɔtawdaluvɪʃtuakiẽyaʁakaʒu.]

d) [eʃtamusteʁminãduusegũdusimɛʃtʁilɛtivunaunivɛʁsidadifɛdɛʁawdisɛʁʒipi]

5. Considerando que as pronúncias das palavras revelam características regionais e sociais, escolha duas pronúncias para cada uma das palavras a seguir e faça a transcrição fonética de ambas.

Palavras ortográficas	pronúncia X	pronúncia Y
a. analisar	_____	_____
b. camponês	_____	_____
c. loucura	_____	_____
d. engessado	_____	_____
e. coragem	_____	_____

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. Indique a forma ortográfica das palavras:

- a) [kõpɾi' mētu] = comprimento
- b) [fo' λaʒēy] = folhagem
- c) [kõsɛ' sãw] = concessão
- d) [ɾɛtɾi' buy] = retribui
- e) [ʒi' bɔyɔ] = jibóia
- f) [pɛɾsɛ' taʒēy] = percentagem
- g) [ẽʃɔ' vaw] = enxoval
- h) [asẽso' riʃtɔ] = ascensorista
- i) [ʃi' liki] = chilique
- j) [mɔ' λadu] = molhado

2. Pronuncie as palavras seguintes e faça a transcrição fonética:

Será que você se lembrou de colocar o símbolo para representar a sílaba tônica .

- a) jogada = [ʒɔ' gadɔ]
- b) palpite = [paw' pitɨ]
- c) aguardente = [agwaɾ' dẽti]
- d) xícara = [' ʃikarɔ]
- e) camiseiro = [kami' zeyɾu]

3. Faça a transcrição fonológica das palavras da questão anterior:

- a) jogada = /ʒɔ' gadɔ/
- b) palpite = /paw' pitɨ/
- c) aguardente = /agwaɾ' dẽti/
- d) xícara = / ' ʃikarɔ/
- e) camiseiro = /kami' zeyɾu/

4. Indique a forma ortográfica das frases transcritas foneticamente a seguir. Preste atenção que não foram estabelecidos os limites das palavras formais:

- a) Eu passei no vestibular e agora estou fazendo o curso de Letras na Universidade.
- b) Realizei meu sonho de fazer um curso superior.
- c) Neste mês houve um eclipse total da lua visto aqui em Aracaju.
- d) Estamos terminando o segundo semestre letivo na Universidade Federal de Sergipe.

5. Considerando que as pronúncias das palavras revelam características regionais e sociais, escolha duas pronúncias para cada uma das palavras a seguir e faça a transcrição fonética de ambas.

Palavras ortográfica	pronúncia X	pronúncia Y
a) analisar	[anali 'zah]	[anali 'za]
b) camponês	[kãpo 'neʃ]	[kãpo 'nes]
c) loucura	[low 'kurɔ]	[lo 'kurɔ]
d) engessado	[ẽʒe 'sado]	[ẽʒɛ 'sadu]
e) coragem	[ko 'raʒẽ]	[kɔ 'raʒẽy]

Os processos fonológicos que se manifestam no sistema de sons de determinada língua podem ser agrupados em quatro tipos: a) mudança articulatória de um fonema por influência do contexto fonológico; b) adição de fonemas; c) desaparecimento de fonemas; e d) **transposição** de fonemas ou de acento. Veja-

PROCESSOS FONÓLOGICOS

Transposição

Mudança de lugar, troca, permuta.

Os processos por alteração da pronúncia de um fonema por influência do contexto fonológico podem ser: Assimilação é com certeza o processo fonológico mais freqüente. Ele é responsável pela harmonização e pelo debordamento vocálicos. A assimilação consiste em tornar um fonema semelhante a outro. Essa modificação pode ser parcial, fazendo com que o fonema apenas se aproxime do outro, ou total quando faz com que o fonema se transforme totalmente nele. Na fala espontânea, a vogal pretônica [e] e [o] passa respectivamente a [i] e [u] nas formas cuja vogal tônica é [i] e [u]. Assim temos *veludo* que pronunciamos [vi¹ ludu], ou *costura* que pronunciamos [ku¹ tura]. Este fenômeno não é geral, mas é amplo na fonologia do português. Pode ocorrer também com as vogais abertas como em *peteca* pronunciado [pɛ¹ tɛkɔ] e em *bolota* pronunciado [bɔ¹ lɔtɔ]. Nesse caso as vogais pré-tônicas [e] e [o] são pronunciadas abertas [ɛ] e [ɔ] por influência do timbre aberto da vogal tônica. Chama-se harmonização vocálica esse processo que torna a altura e timbre das vogais médias [e] e [o] pré-tônicas iguais à altura e timbre da vogal da sílaba tônica. Ou como diz Mattoso Câmara Jr:

A rigor, diante de /i/ ou /u/ tônicos, /e/ e /o/ só aparecem com firmeza em vocábulos inusitados na linguagem coloquial e por isso não encontramos num registro informal, como *fremir*, e alguns outros. A distinção entre *comprido* < longo > e *cumprido* < executado > é, por exemplo, praticamente gráfica, pois a pronúncia corrente, por causa da harmonização no primeiro vocábulo, é nos dois vocábulos / kuNpridu/ (Mattoso, 2006, p. 44-45).

Há também o processo inverso, ou seja, a dissimilação, ou diferenciação. Acontece a dissimilação quando um fonema se torna dessemelhante (diferente) a outro, diferente de outro. É um processo fonológico oposto ao da assimilação. Na palavra raiva, dito reiva, temos um processo de dissimilação.

Quando a ação assimilatória se dá da sílaba átona sobre a tônica chama-se metafonía.

A metafonía é o processo diacrônico que irá explicar a passagem de metu a m[e]du; sincronicamente, plurais como form[o]sos, comp[o]stos que a norma culta rejeita explicam-se também por extensão da regra de metafonía (CALLOU; LEITE, 2005, p. 43).

A metafonía não é tão comum quanto à harmonização vocálica, mas está presente em muitos plurais como vimos na citação da professora Dinah Callou. O debordamento é a passagem do /e/ para /i/ e do /o/ para /u/, havendo, entretanto, necessidade de clareza comunicativa, a oposição se estabelece. Um exemplo são os verbos voar, passear que se pronunciam [vu¹aR], [pasi¹aR]. Segundo Mattoso:

Não há neutralização por duas circunstâncias. Em primeiro lugar, a oposição se recria para fins de clareza comunicativa, e, então, surge, por exemplo, /koNpridu/ em contraste com /kuNpridu/, ou /pear/ ‘embarçar’, em contraste com /piar/ ‘soltar pios’, ou /soar/ ‘fazer som’, em contraste com /suar/ ‘verter suor’, e assim por diante. Em segundo lugar, com uma interferência do plano morfológico, a vogal média pretônica mantém-se firme em vocábulos derivados, paradigmaticamente associados aos vocábulos primitivos em que ela é tônica. Há a pronúncia /siR¹vir/, ao lado do mais raro /siR¹vir/, para a 2ª pessoa plural do verbo servir (também dito /ser¹vis/ mais comumente que /sir¹vil/), mas só /siR¹vis/, como /siR¹vis/, para o plural, como o singular, do adjetivo derivado de servo /¹sɛRvu/. Analogamente, há /fu¹ʎiɲɔ/ folhinha, para ‘calendário’, mas só /fo¹ʎiɲɔ/

para o diminutivo de folha. (Mattoso Câmara, 2006, p. 45).

Além desses processos assimilatórios, temos a nasalização e a desnasalização. Na nasalização uma vogal oral torna-se nasal devido à assimilação a uma vogal nasal. É comum ouvirmos, na fala coloquial, a palavra identidade ser pronunciada [dẽti'dadi]. A desnasalização é o processo contrário; a vogal nasal torna-se oral devido à assimilação da vogal oral. Na fala espontânea vemos muito isso, como na palavra homem pronunciada [omĩ], ou Carmem pronunciada [kaʀmĩ], ou na 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo que muitas vezes é pronunciado sem o ditongo nasal como em cantaram pronunciado [kã'taʀu].

Outro processo assimilatório, que pode ser considerado total é a passagem do [j] para [w] em posição final como em calma, pincel, mal que se pronunciam [kawmɔ], [pi'sew], [maw], em quase todas as regiões do Brasil com exceção do Sul. Esse processo se chama vocalização que é a passagem de uma consoante a vogal. Mas quando o [j] passa a [ʀ], dá-se um processo chamado rotacismo. Isso acontece com frequência no linguajar inculto: argum por algum, curto por culto.

A palatalização é a transformação de um fonema que não é palatal pronunciado como palatal. Já falamos da palatalização do /t/ e do /d/ diante do /i/. Na fala carioca o /t/ passa a /tʃ/, , enquanto o /d/ passa a /dʒ/ quando a vogal seguinte é um /i/.

Em contato com a vogal alta /i/, também chamada palatal por ser pronunciada na região mais alta do céu da boca, algumas consoantes anteriores - /t/, /d/, /l/, e /n/ - e velares - /k/ e /g/ - apresentam alofones palatalizados. É o que se passa com o /t/ de tinta, em face do /t/ de tonta, ou com o primeiro /d/ em face do segundo /d/ de dívida. A palatalização do /l/ diante de /i/ neutraliza a oposição entre /l/ e /ʎ/, tornando foneticamente equivalentes as formas velinha – diminutivo de vela – e velhinha – diminutivo de velha e as formas óleo (lubrificante) e olho (verbo olhar). (Azeredo, 2004, p.66).

A despalatalização é a transformação de um fonema palatal em não palatal como é o caso de colher pronunciado [ku 'lɛ]. Houve aqui a passagem da lateral palatal [ʎ] na lateral alveolar [l].

b) Passemos agora aos processos de adição de fonemas.

Existem três tipos de processos que inserem segmentos. São eles prótese, epêntese e paragoge. Chama-se prótese quando se insere um fonema no início da palavra como, por exemplo, a pronúncia de adália em lugar de dália. Epêntese é a inserção de um fonema no interior do vocábulo. “ Por epêntese de um [i] desfazem-se encontros consonantais artificiais como [gn] (digno, [bs] (absoluto), [tm] (ritmo), [pt] (rpto), [ps] (psicologia, [kt] (aspecto).” (Azeredo, 2004, p. 67). Quando se insere uma semivogal e transforma-se a vogal em ditongo, chama-se ditongação. Isso acontece muito em linguagem informal, com o aparecimento da semivogal [y] logo após a vogal tônica final seguida de /S/, como em fez pronunciado ['feys], pôs pronunciado ['poys], luz pronunciado ['luys]. Paragoge é a inserção de um fonema no final da palavra. Aqui no Brasil não é muito comum, mas no português de Portugal, eles acrescentam um /e/ no final dos infinitivos como em [cantari].

c) Processos que retiram segmentos

Os processos que retiram segmentos são aférese, síncope e apócope. Todos eles são muito comuns entre nós. Existe aférese quando se retira um fonema ou uma sílaba no início da palavra como, por exemplo, ['ta] em lugar de está, ou ['tevi] em lugar de esteve. Quando se retira um fonema ou sílaba no meio da palavra chama-se síncope. Exemplo: xícara pronunciado ['ʃikrɔ], para pronunciado [pɾɔ], caatinga pronunciado [ka 'tigɔ]. Quando se retira uma semivogal e transforma-se o ditongo em vogal, chama-se monotongação como na palavra couro que pronunciada ['koɾu] torna-se **homófona** de coro. Por último, temos apócope que é a retirada de um elemento no final das palavras. Isso é muito comum em todas as classes sociais porque, normalmente, nós não pronunciamos o índice de plural quando as palavras vêm precedidas de artigo e fazem o plural de acordo com a regra geral. Exemplo: as palavra, os estudo, os pente... Esse fato é quase uma regra geral na pronuncia brasileira.

Homófona

Diz da palavra que tem o mesmo som que outro com grafia e sentido diferente.

d) transposição de fonemas ou de acento

Na metátese, um fonema troca de posição, normalmente para soar melhor ao ouvido, como por exemplo: lagartixa pronunciado /laRga 'tiʃa/, ou aeroplano pronunciado /arɛɔ 'planu/ Hiperbibasmo consiste na mudança do acento tônico na palavra. Rubrica por ['rubrikɔ].

A transcrição fonética e fonológica serve para representar os fonemas. Quando trabalhamos os fonemas estamos sempre nos referindo à língua falada por isso não podemos escrever com os símbolos gráficos usados na escrita normal, que muitas

CONCLUSÃO

vezes uma mesma letra representa mais de um fonema, ou um mesmo fonema é representado por mais de uma letra. Assim foi criado o Alfabeto Fonético Internacional para representar os sons da fala. Esses símbolos nem sempre são muito conhecidos, porque cada lingüista faz adaptação quando vai representar a fala. Nós aqui procuramos utilizar os mais comuns e mais conhecidos.

Todos os processos que ocorreram na passagem do latim para o português, continuam a acontecer atualmente. Alguns são mais comuns e acontecem com mais frequência, como a apócope que independe da classe social ou da escolaridade. É através dela que não pronunciamos o plural regular de palavras como as árvore(s). Esse -s raramente é pronunciado a não ser quando nos esforçamos numa conferência, ou mesmo numa aula. Outros desses processos são mais característicos da fala de pessoas que não possuem escolaridade. Mas uns mais outros menos continuam a ocorrer na fala do português contemporâneo.



RESUMO

Quando fazemos transcrição usamos os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional. Eis os encontrados na representação do português.

Vogais orais = /a/ /ɛ/ /e/ /i/ /ɔ/ /o/ /u/
/ɑ/ (usamos este símbolo para o a átono final das palavras)

Vogais nasais = /ã/ /ẽ/ /ĩ/ /õ/ /ũ/

Consoantes oclusivas = /p/ /b/ /t/ /d/ /k/ /g/

Consoantes fricativas = /f/ /v/ /s/ /z/ /ʃ/ /ʒ/

Consoantes nasais = /m/ /n/ /ɲ/

Consoantes laterais = /l/ /ʎ/

Consoantes vibrantes = /r/ /ʀ/ (No API, a vibrante velar é representada por X, mas continuamos a representar pelo /ʀ/)

semivogais = /y/ /w/

Assimilação consiste em tornar um fonema semelhante a outro.
Exemplo: coruja pronunciado [ku¹ ruʒɑ]

Dissimilação é um processo de diferenciação fonética motivada pela influência de outros fonemas existentes na palavra. Exemplo: manhã pronunciado [me¹ ɲã].

Harmonização vocálica é o processo que torna a altura e timbre das vogais médias [e] e [o] pretônicas iguais à altura e timbre da vogal da sílaba tônica. Exemplo: feliz pronunciado [fi¹ lis].

Metafonia é quando a ação assimilatória se dá da sílaba átona sobre a tônica. Exemplo: miolos pronunciado [mi¹ olus], com o [o] fechado.

Debordamento é a passagem do /e/ para /i/ e do /o/ para /u/, havendo, entretanto, necessidade de clareza comunicativa, a oposição se restabelece. Exemplo: soar pronunciado [su¹ aʀ].

Nasalização é a transformação de uma vogal oral em nasal devido à assimilação a uma vogal nasal. Exemplo: [ĩ ruʒspõ¹ savew].

Desnasalização é o processo que torna a vogal nasal oral por causa da assimilação da vogal oral. Exemplo: Carmem pronunciado [¹ kaʀmi], ou Nelson pronunciado [¹ ɲɛwsu].

Vocalização é a passagem de uma consoante a vogal, como se dá em falta pronunciado [ˈfawta].

Rotacismo é a troca do [l] pelo [R], como em falta, pronunciado [ˈfaRtɔ].

Palatalização é a transformação de um fonema que não é palatal pronunciado como palatal. Exemplo: o nosso oito, oitenta, pronunciados [oytʃu], [oiˈtʃta].

Despalatalização é a transformação de um fonema palatal em não palatal. Exemplo mulher pronunciado [muˈlɛ].

Prótese é quando se insere um fonema no início da palavra como, por exemplo, a pronúncia de [aˈpoys] em lugar de pois; ou [ameʎˈrah] no lugar de melhorar.

Epêntese é a inserção de um fonema no interior do vocábulo. Exemplo: [adivˈgadu] em vez de advogado; ou [piˈnew] no lugar de pneu.

Paragoge é a inserção de um fonema no final da palavra. Como vimos, é muito raro entre nós. Exemplo: shoppins.

Ditongação é quando se transforma uma vogal em ditongo. Exemplo: [kaɾˈãgeyʒu] em vez de caranguejo.

Aférese é quando se retira um fonema ou uma sílaba no início da palavra, como por exemplo [oˈse] em lugar de você.

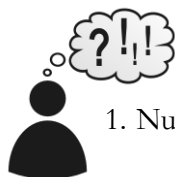
Síncopa é retirar um fonema ou sílaba no meio da palavra. Exemplo: [ˈʃikɾa] em lugar de xícara.

Apócope é a retirada de um elemento no final das palavras. Exemplo: [canˈta] em lugar de cantar.

Monotongação é a transformação de um ditongo em uma vogal. Exemplo: feira pronunciado [ˈferɔ].

Metátese é a troca de posição de fonema na palavra. Exemplo: [aɾˈɛˈpoɾtu] em lugar de aeroporto.

Hiperbatismo consiste na mudança do acento tônico na palavra. Exemplo: [gɾatuˈitu] em lugar de gratuito como falam os paulistas.



ATIVIDADES

1. Numere a segunda coluna de acordo com a primeira:

- | | |
|--------------|-------------------------------------|
| (1) aférese | () validez por invalidez |
| (2) síncope | () as folha por as folhas |
| (3) apócope | () paralepipeto por paralelepípeto |
| (4) prótese | () carangueijo por caranguejo |
| (5) epêntese | () cosmo por cosmos |
| (6) paragoge | () vaporar por evaporar |
| | () adália por dália |
| | () paiz por paz |
| | () loco por louco |
| | () shoppings por shopping |

2. Numere a segunda coluna de acordo com a primeira:

- | | |
|---------------------------|-----------------------------|
| (1) hiperbibasmo | () prisilha por presilha |
| (2) metafonía | () arquetipo por arquétipo |
| (3) monotongação | () foiz por foz |
| (4) harmonização vocálica | () rudilha por rodilha |
| (5) ditongação | () oro por ouro |
| | () interim por íterim |
| | () pexe por peixe |
| | () carôços por caroços |
| | () cartais por cartaz |
| | () tijôlos por tijolos |

3. Numere a segunda coluna de acordo com a primeira:

- | | |
|----------------------|-----------------------------|
| (1) debordamento | () família por família |
| (2) palatalização | () inté por até |
| (3) despalatalização | () tauba por tábua |
| (4) metátese | () inregular por irregular |

- (5) nasalização () dalha por dália
(6) desnasalização () caramão por camarão
() mulé por mulher
() falaro por falaram
() cumprido por comprido
() voltaro por voltaram

4. Agora que você já treinou os processos fonológicos veja quais deles você encontra nessa música de

Samba do Ernesto

Adoniram Barbosa e Alocin

O Ernesto nos convidô
Prum samba, ele mora no Brás
Nóis foi e num econtremo ninguém
Nóis vortemo cum uma baita de uma raiva
De outra veiz, nóis num vai mais
Nóis não é tatu!

Noutro dia econtremo com o Ernesto
Que pediu disculpas mais nóis não aceitemo
Isso não si faiz Ernesto, nóis não si importa
Mas cê devia ter ponhado um recado na porta

Um recado ansim ói: “Ói, turma, num deu prá esperá
A duvido que isso num faiz mar, num tem importância,
Assinado em cruz porque não sei escrever: Ernesto”

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. Numere a segunda coluna de acordo com a primeira:

- (1) aférese (1) validez por invalidez (retirou-se o in-)
 (2) síncope (3) as folha por as folhas (retirou-se o –s)
 (3) apócope (2) paralepípeto por paralelepípeto (retirou-se a sílaba –le-)
 (4) prótese (5) carangueijo por caranguejo (acrescentou-se o -i-)
 (5) epêntese (3) cosmo por cosmos (retirou-se o –s)
 (6) paragoge (1) vaporar por evaporar (retirou-se o e-)
 (4) adália por dália (acrescentou-se o a-)
 (5) paiz por paz (acrescentou-se o –i-)
 (2) loco por louco (retirou-se o u)
 (6) shoppings por shopping (acrescentou-se o -s)

Atenção: Em carangueijo e em paiz com a presença da semivogal há também uma ditongação.

2. Numere a segunda coluna de acordo com a primeira:

- (1) hiperbibasmo (4) prisilha por presilha
 (2) metafoia (1) arquetipo por arquétipo (tornou uma palavra proparoxítona paroxítona)
 (3) monotongação (5) foiz por foz
 (4) harmonização
 vocálica (4) rudilha por rodilha
 (5) ditongação (3) oro por ouro
 (1) interim por íterim
 (3) peixe por peixe
 (2) carôços por caroços
 (5) cartaiz por cartaz
 (2) tijôlos por tijolos

3. Numere a segunda coluna de acordo com a primeira:

- | | |
|----------------------|--|
| (1) debordamento | (2) família por família (troca do l por lh) |
| (2) palatalização | (5) inté por até (troca da oral pela nasal) |
| (3) despalatalização | (4) tauba por tábuia (troca de posição do u) |
| (4) metátese | (5) irregular por irregular (troca da oral pela nasal) |
| (5) nasalização | (2) dalha por dália (troca do l por lh) |
| (6) desnasalização | (4) caramão por camarão (troca da sílaba ra pela ma) |
| | (3) mulé por mulher (troca do lh por l) |
| | (6) falaro por falaram (troca do ditongo do o por u. |
| | (1) cumprido por cumprido (troca do o por u. |
| | (6) voltaro por voltaram (troca do ditongo ão por o) |

4. Agora que você já treinou os processos fonológicos veja quais deles você encontra nessa música de Adoniran Barbosa, Samba do Ernesto.

- a) convidou = monotongação, ou apócope porque desapareceu a semivogal /w/.
- b) nós = ditongação ou epêntese porque colocou-se a semivogal /y/.
- c) econtremo = desnasalização porque desapareceu o -n- na primeira sílaba, e apócope porque desapareceu o -s final.
- d) vortemo = rotacismo porque houve troca do -l- pelo -r-, e apócope porque desapareceu o -s final.
- e) veiz = ditongação ou epêntese porque colocou-se a semivogal /y/.

6. disculpas = harmonização vocálica porque se trocou o /e/ pelo /i/ na primeira sílaba, e rotacismo porque houve troca do -l- pelo -r-, na sílaba tônica.
7. mais = ditongação ou epêntese porque colocou-se a semivogal /y/.
8. aceitemo = apócope porque desapareceu o -s final.
9. faiz = ditongação ou epêntese porque colocou-se a semivogal /y/.
10. cê = aférese porque se retirou a primeira sílaba.
11. ansim = nasalização porque se colocou o -n-, símbolo da nasalidade.
12. oi = despalatalização porque se retirou o lh.
13. pra = síncope porque se retirou o primeiro -a-.
14. espera = apócope porque desapareceu o -r final.
15. mar = rotacismo porque trocou o -l pelo -r.
16. importância = monotongação ou síncope porque se retirou a semivogal /y/ da última sílaba.

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, José Carlos. **Fundamentos de gramática do português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- CAVALIERE, Ricardo. **Pontos essenciais em fonética e fonologia**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.
- MATTOSO CÂMARA JR. Joaquim. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- SILVA, Thaís Cristófaru. **Fonética e fonologia do Português**. São Paulo: Contexto, 1999.
- SIMÕES, Darcília. **Considerações sobre a fala e a escrita: fonologia em nova chave**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

5 aula

SISTEMA FONOLÓGICO DO PORTUGUÊS:

AS CONSOANTES SEGUNDO A CLASSIFICAÇÃO DA NOMECLATURA GRAMATICAL BRASILEIRA E A PROPOSTA DE MATTOSO CÂMARA JR.

META

Apresentar os traços distintivos das consoantes do sistema fonológico do português segundo a classificação da Nomenclatura Gramatical Brasileira e a proposta de classificação de Mattoso Câmara Jr.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá: ser capaz de classificar as consoantes de acordo com os critérios da Nomenclatura Gramatical Brasileira e de acordo com o critério de Mattoso Câmara Jr.



(Fonte: <http://www.overmundo.com.br>).

PRÉ-REQUISITOS

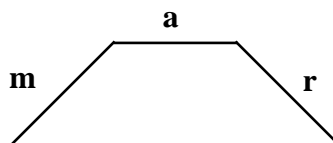
Aula 02.

Nós nos preparamos para começar a classificar os fonemas. Hoje finalmente você vai ver a classificação da Nomeclatura Gramatical Brasileira (NGB) e a classificação proposta por Mattoso Câmara Jr. A NGB classifica os fonemas de

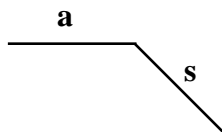
INTRODUÇÃO

acordo com critérios articulatórios. É exatamente por isso que vimos antes a articulação dos diversos sons. Esse é o critério que aparece nas gramáticas e que são trabalhados nas escolas de 1º e 2º graus. A classificação dos fonemas pelo critério articulatório se dá quando os traços se definem pelos movimentos dos órgãos fonadores no momento da fala. Por isso você deve ler a aula 2, que trata do aparelho fonador, da tipologia dos sons, e a aula 3, que trata dos fonemas (lá está a correspondência entre o sistema fonológico e o sistema ortográfico). Isso vai facilitar muito o estudo da classificação das consoantes de acordo com a NGB. Mattoso Câmara Jr. modifica essa classificação, tornando-a mais fonológica e menos fonética. Para a fonologia, o que interessa é que os fonemas se distingam uns dos outros e não que seja feita uma classificação com denominações precisas da fonética articulatória. Apesar disso, como você vai ver, o professor Mattoso Câmara Jr. não utiliza uma terminologia tão diferente: “O critério para as oposições distintivas poderia ser, evidentemente, qualquer outro com qualquer outra distribuição das 19 consoantes entre si. O que aqui se escolheu, partiu da distribuição usual, já referida, em consoantes oclusivas, constrictivas, nasais, laterais e vibrantes.” (Mattoso, 2006, p. 48) Mas antes de vermos a classificação das consoantes vamos distinguir as consoantes das vogais.

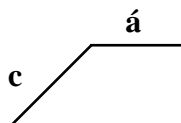
De acordo com o critério fonético, a diferença entre consoantes e vogais está em que as vogais são consideradas sons produzidos sem nenhum obstáculo à passagem de ar pela boca, enquanto as consoantes são produzidas com um obstáculo à passagem de ar pela boca. Em outras palavras, as consoantes só soam com uma soante; daí o nome com + soante = consoante. Há também um outro critério que é o critério do comportamento do fonema na sílaba. Pense na nossa língua. No caso do Português, somente as vogais podem constituir o núcleo silábico, isto é, na língua portuguesa não existe sílaba sem vogal. Por isso as vogais são também chamadas de silábicas. As consoantes, ao contrário, ocupam o aclave e o declive da sílaba, ou seja, ficam antes e depois da vogal. Como a única parte obrigatória da sílaba é o ápice, as margens – aclave e declive – podem estar ou não presentes na sílaba. Assim numa sílaba como *mar*, o *m* fica no aclave, o *a* no ápice, e o *r* no declive. Visualize isso melhor considerando o gráfico a seguir:



Mas existem sílabas sem o aclave como as, cujo gráfico é o seguinte:



Há também sílabas sem o declive como cá. Veja o seu gráfico:



CONSOANTES

E claro que há sílabas que só possuem uma vogal como a primeira sílaba de amor. Esse gráfico só tem o ápice ocupado, veja:

 a

Assim, funcionalmente, as vogais têm função na sílaba diferente das consoantes como acabamos de ver. Mas estudaremos a sílaba na aula 08. Entretanto, tanto vogais quanto consoantes são considerados fonemas porque ambos participam das cadeias fônicas que formam as palavras. Apesar desse valor de igualdade entre vogais e consoantes, podemos reconhecer, com clareza, traços fonológicos que distinguem as vogais das consoantes quanto ao papel que desempenham no sistema fonológico do Português, como vimos na estrutura da sílaba.

Passemos agora à classificação das consoantes. Muitos livros começam pelas vogais, mas a minha experiência de alguns anos de ensino da fonologia do português me levou a iniciar a classificação sempre pelas consoantes porque, apesar de serem 19 consoantes, a classificação delas é muito mais simples que a das vogais. Um /p/ vai ser sempre classificado como consoante, oclusiva, bilabial, surda, oral; enquanto o /a/ pode ser tônico ou átono, oral ou nasal, aberta ou fechada, além de ser vogal, baixa e central.

Chamamos de consoantes aos ruídos provocados pela obstrução parcial ou total da passagem de ar na faringe ou na boca. Os traços que constituem os fonemas é que os distinguem uns dos outros. Em relação às consoantes, esses traços se classificam de acordo com quatro fatores: a) o modo de articulação, que se

refere à natureza do obstáculo; b) a zona de articulação, que se



(Fonte: <http://www.ateliefantasy.com.br>).

refere ao local em que ocorre a obstrução; c) a função das cordas vocais, cuja vibração dá origem ao som da voz; e d) o papel das cavidades bucal e nasal em que ocorre a passagem de ar que pode ser somente pela boca, ou pela boca e pelo nariz.

Assim, a Nomenclatura Gramatical Brasileira de 1959 (e não houve mudança depois disso) classifica as consoantes:

a) quanto ao modo de articulação: oclusivas (/ p, b, t, d, k, g/), quando há um fechamento total à saída do ar pela boca, e constrictivas quando há um fechamento parcial à saída do ar pela boca. As constrictivas se subdividem em fricativas quando o ar sai através de um canal estreito, geralmente criado pela aproximação da língua com uma parte fixa da cavidade bucal, como os alvéolos ou o palato. (/ f, v, s, z, ʃ, ʒ/); laterais quando o ar sai pelos lados da cavidade bucal, devido ao obstáculo formado na parte central em face da elevação da língua até os alvéolos ou o palato (/ l, ʎ /); e vibrantes quando uma parte da língua se desprende, ocasionando uma ou mais batidas (/ r, R/)

b) quanto ao ponto de articulação: bilabiais, (/ p, b, m/), quando são produzidos pelo encontro dos lábios superiores e inferiores; labiodentais (/ f, v/), quando são produzidos pelo encontro dos lábios inferiores com os dentes superiores; linguodentais (/ t, d, n/), quando são produzidos pelo encontro da língua com os dentes; alveolares (/ s, z, l, r/), quando são produzidos pelo encontro da língua com os alvéolos; palatais (/ ʃ, ʒ, ʎ, ɲ/), quando são produzidos pelo encontro da língua com o palato duro; e os velares (/ k, g, R/), quando são produzidos pelo encontro da língua com o véu palatino.

c) quanto ao papel das cordas vocais: surdas (/ p, t, k, f, s, ʃ/) quando não há vibração das cordas vocais e sonoras (/ b, d, g, v, z, ʒ, l, ʎ, r, R, m, n, ɲ /), quando as cordas vocais vibram.

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal: orais (/ p, b, t, d, k, g, f, v, s, z, ʃ, ʒ, l, ʎ, r, R/) quando a corrente de ar sai apenas pela cavidade bucal, e nasais (/ m, n, ɲ /), quando o ar sai tanto pela cavidade bucal quanto pela cavidade nasal.

Eis um quadro da classificação das consoantes:

cavidades bucal e nasal	orais						nasais
	oclusivas		constritivas				
modo de articulação			fricativas		laterais	vibrantes	
cordas vocais	surdas	sonoras	surdas	sonoras	sonoras	sonoras	sonoras
bilabiais	/p/	/b/					/m/
labiodentais			/f/	/v/			
linguodentais	/t/	/d/					/n/
alveolares			/s/	/z/	/l/	/r/	
palatais			/ʃ/	/ʒ/	/ʎ/		/ɲ/
velares	/k/	/g/				/R/	

ponto de articulação

A maioria das gramáticas apresenta um quadro das consoantes, mas a NGB não fez nenhum quadro. Esse é o quadro que aparece na maioria das gramáticas da língua portuguesa. Entretanto você pode encontrar algumas gramáticas que apresentem classificações diferentes. Evanildo Bechara considera as duas vibrantes como alveolares e as diferencia apenas considerando uma simples e outra múltipla. Além disso, ele classifica as nasais como constritivas. Celso Cunha não classifica as nasais nem como oclusivas nem como constritivas:

Procuramos harmonizar nesta classificação a Nomenclatura Gramatical Brasileira com as normas estabelecidas para a língua do teatro culto no Primeiro Congresso de Língua Falada no Teatro, consideradas, como dissemos, exemplares de nossa pronúncia pelo Conselho Federal de Educação. (Cunha, 2007, p. 54).

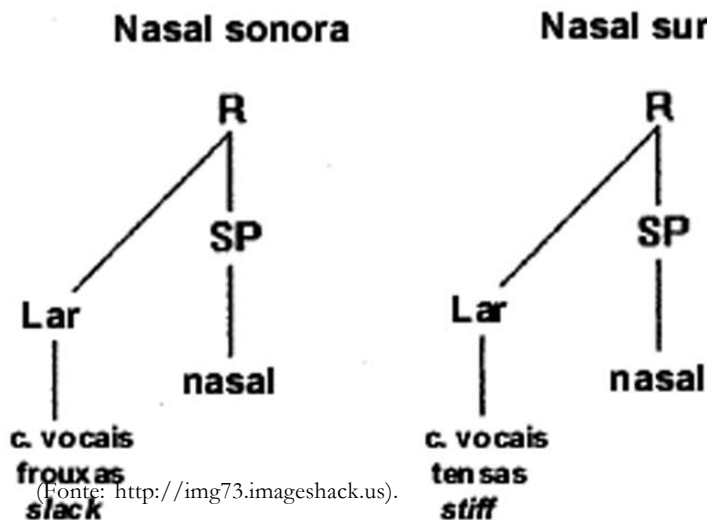
Seguem essa mesma posição, isto é, não colocam as nasais nem como oclusivas nem como constritivas, as gramáticas de José de

Nicola e Ulisses Infante, de Pasquale & Ulisses, de Roberto Melo Mesquita, de Ernani Terra, entre outras.

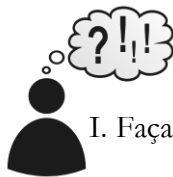
Já Rocha Lima coloca as nasais entre as oclusivas e não subdivide as constrictivas; para ele as consoantes podem ser: oclusivas, fricativas, laterais e vibrantes. Seguem essa mesma posição, consideram as nasais como oclusivas, as gramáticas de Faraco e Moura, de Nilson Teixeira de Almeida, de Napoleão Mendes de Almeida entre outros. O professor Evanildo Bechara na Moderna Gramática Portuguesa considera as nasais como constrictivas e as vibrantes como alveolares uma simples e outra forte, com a seguinte nota:

Para fugir a uma oposição errônea surda/sonora/nasal, preferimos, ainda com a aquiescência da NGB, colocar as nasais entre as constrictivas. Há autores que fazem das nasais uma classe à parte, ou as põem entre as oclusivas, critérios também defensáveis (Bechara, 2001, p. 71).

Entretanto na gramática Escolar da Língua Portuguesa colocar os nasais numa classificação à parte (Bechara, 2002, p. 566).



ATIVIDADES



I. Faça a classificação das consoantes das palavras segundo a NGB:

a) queda = /¹kɛdɔ/

/k/ = _____

/d/ = _____

b) manga = /¹mãgɔ/

/m/ = _____

/g/ = _____

a) vento = /vẽtu/

/v/ = _____

/t/ = _____

b) notícia = /nɔ¹tisyɔ/

/n/ = _____

/t/ = _____

/s/ = _____

/y/ = semivogal anterior

e) equivalência = /ɛkiva¹lẽsyɔ/

/k/ = _____

/v/ = _____

/l/ = _____

/s/ = _____

II. Nas palavras a seguir faça as substituições solicitadas:

- a) Na palavra papel trocando a primeira oclusiva, bilabial, surda, oral pela constrictiva vibrante, sonora, oral temos _____.
- b) Na palavra jato trocando a constrictiva palatal, sonora, oral pela surda correspondente temos _____.
- c) Na palavra calado trocando a constrictiva lateral, alveolar, sonora, oral pela oclusiva, bilabial, surda, oral temos _____.
- d) Na palavra soda trocando a oclusiva linguodental, sonora, oral pela constrictiva lateral, alveolar, sonora, oral temos _____.
- e) Na palavra sacra trocando a oclusiva velar, surda oral; pela sonora correspondente temos _____.
- f) Na palavra carteiro trocando a oclusiva, linguodental, surda, oral pela nasal correspondente temos _____.
- g) Na palavra pedal trocando a oclusiva, bilabial, surda, oral pela oclusiva, nasal, bilabial sonora, e a oclusiva linguodental, sonora, oral pela surda correspondente temos _____.
- h) Na palavra pinça trocando a oclusiva, bilabial, surda, oral pela constrictiva lateral, alveolar, sonora, oral; e a constrictiva fricativa, alveolar surda, oral pela constrictiva palatal, surda oral temos _____.
- i) Na palavra sambada trocando a constrictiva fricativa, alveolar, surda, oral pela constrictiva fricativa, palatal, sonora e a oclusiva bilabial, sonora, oral pela oclusiva linguodental surda, oral temos _____.
- j) Na palavra fascina trocando a constrictiva fricativa, alveolar, surda, oral pela palatal correspondente temos _____.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Veja o que você acertou e o que errou. Não fique muito preocupada se não acertou a classificação de muitas consoantes.

Continuaremos classificando fonemas por muitas aulas ainda

I. Faça a classificação das consoantes das palavras segundo a NGB

a) queda = /'kɛdɔ/

/k/ = consoante oclusiva, velar, surda, oral.

/d/ = consoante oclusiva, linguodental, sonora, oral.

b) manga = /'mãgɔ/

/m/ = consoante oclusiva, bilabial, sonora, nasal.

/g/ = consoante oclusiva, velar, sonora, oral.

c) vento = /'vẽtu/

/v/ = consoante constrictiva fricativa, labiodental, sonora, oral.

/t/ = consoante oclusiva, linguodental, surda, oral.

d) notícia = /nɔ'tisy'ɔ /

/n/ = consoante oclusiva, linguodental, sonora, nasal.

/t/ = consoante oclusiva, linguodental, surda, oral.

/s/ = consoante constrictiva fricativa, alveolar, surda, oral.

/y/ = semivogal anterior

e) equivalência = /ɛkiva'l syɔ/

/k/ = consoante oclusiva, velar, surda, oral.

/v/ = consoante constrictiva fricativa, labiodental, sonora, oral.

/l/ = consoante constrictiva lateral, alveolar, sonora, oral.

/s/ = consoante constrictiva fricativa, alveolar, surda, oral.

/y/ = semivogal anterior

II. Nas palavras a seguir faça as substituições solicitadas:

Não se esqueça de que você vai estar escrevendo as palavras e a ortografia tem suas regras e você deve obedecê-las.

- a) papel trocando a primeira oclusiva, bilabial, surda, oral pela constrictiva vibrante, sonora oral temos rapel.
- b) jato trocando a constrictiva palatal, sonora, oral pela surda correspondente temos chato.
- c) calado trocando a constrictiva lateral, alveolar, sonora, oral pela oclusiva, bilabial, surda, oral temos capado.
- d) soda trocando a oclusiva linguodental, sonora, oral pela constrictiva lateral, alveolar, sonora, oral temos sola.
- e) sacra trocando a oclusiva velar, surda oral; pela sonora correspondente temos sagra.
- f) carteiro trocando a oclusiva, linguodental, surda, oral pela nasal correspondente temos carneiro.
- g) pedal trocando a oclusiva, bilabial, surda, oral pela oclusiva, nasal, bilabial sonora, e a oclusiva linguodental, sonora, oral pela surda correspondente temos metal.
- h) pinça trocando a oclusiva, bilabial, surda, oral pela constrictiva lateral, alveolar, sonora, oral e a constrictiva fricativa, alveolar surda, oral pela constrictiva palatal, surda oral temos lincha.
- i) sambada trocando a constrictiva fricativa, alveolar, surda, oral pela constrictiva fricativa, palatal, sonora e a oclusiva bilabial, sonora, oral pela oclusiva linguodental surda, oral temos jantada.
- j) fascina trocando a constrictiva fricativa, alveolar surda oral pela palatal correspondente temos faxina.

VIBRANTES

Muitos gramáticos chamam as vibrante de a) vibrante simples porque em posição intervocálica é apenas um erre como em era, muro, caro; e b) vibrante múltipla porque na mesma posição (intervocálica) são dois erres como em erra, murro, carro. Há muitas questões levantadas em relação a essas duas consoantes. Tradicionalmente, existem dois erres que se distinguem apenas em posição intervocálica, como vimos em “era , erra”, “muro, murro”, “caro , carro”. Há, entretanto, outros contextos em que as vibrantes ocorrem: a) inicial (reta, ralo); b) final de sílaba no meio da palavra (porta, termina); c) final de palavra (amor, amar,) e d) como segundo elemento de um grupo consonântico pré-vocálico (cravo, creme).

Se existem duas vibrantes em português que só se opõem em posição intervocálica é porque nos outros ambientes a oposição fica neutralizada: em posição inicial só ocorre o r forte (múltiplo), como segundo elemento de um grupo consonântico ocorre de preferência o r fraco (simples) e em posição pós-vocálica pode ocorrer um ou outro. No Rio de Janeiro parece predominar uma realização forte, nessa posição, a não ser quando se encontra seguida de palavra iniciada por vogal, contexto em que se realiza como vibrante simples, passando de pós-vocálica a pré-vocálica. Em posição final absoluta, a consoante é débil e a sua ausência é muitas vezes compensada por uma maior duração da vogal precedente (Callou; Leite, 2005, p. 73).

Esquemmatizando o que acabamos de ver, temos:

/r/	≠	/R/
caro		carro
cravo		ramo
		cantar
		forte

Isto é, existe o tepe /r/ em apenas dois contextos: entre vogais com um r somente, como em caro, e como segundo elemento de um

grupo consonântico prevocálico como em cravo, trama, grama, frevo. Por outro lado, a vibrante velar, ou múltipla como muitos a chamam, ocorre nos demais contextos: a) entre vogais com dois erres; b) em início de palavra como em ramo, rato, roda, reta; c) em final de palavra como em amor, favor, somar, amar e por fim em final de sílaba como em força, marte, carta.

Aqui em Sergipe também realizamos o erre simples em grupo consonantal, como em prêmio [ˈpɾemyu], cravo [ˈkɾavu], grama [ˈɡɾamɔ]; e nas outras posições realizamos o erre forte, como em porta [ˈpoɾtɔ], ramo [ˈɾamu], falar [faˈlaɾ]. Nesta última posição, ou seja, em posição final de vocábulo, se houver uma vogal depois da vibrante, ou seja, sempre que o vocábulo seguinte começa por vogal, a vibrante se realizará como fraca, pois equivale a posição intervocálica, como em mar alto pronunciado [maˈawtu]. “Não podemos deixar de considerar também o seu cancelamento, que estamos chamando de realização zero.” (Callou e Leite, 2005, p. 76) Isso acontece com qualquer palavra que termine em erre, como em favor pronunciado [faˈvoø], mas, principalmente, quando representa a marca de infinitivo dos verbos (amar [aˈmaø], cantar [kãˈtaø]).

Passemos agora ao estudo dos dígrafos consonantais. Alguns fonemas não são representados por uma letra, mas por duas letras, como é o caso do fonema /ʎ/ que é sempre representado pelo dígrafo -lh-, como em filho, rolha, molho, e do fonema /ɲ/ que é sempre representado pelo dígrafo -nh-, como em tenho, venho, lenha. Mas eu ainda não disse o que é o dígrafo. Dígrafo é o emprego de duas letras para a representação gráfica de um só fonema. Além de -lh- e -nh- temos outros dígrafos consonantais:

- ch- = chave, cacho, enchente.
- sc- = piscina, descer, nascido.
- sç- = nasça, cresça, desça.
- xc- = exceto, exceção, excesso.
- xs- = exsudar, exsudação (transpirar).
- rr- = carro, correio, carreira.
- ss- = passo, passagem, massa.

qu- = que, querido, quilo.

gu- = gueixa, guia, guerra.

O dígrafo ch- sempre representa o fonema /ʃ/, como nas palavras chegar, chapéu, fechar; o dígrafo -rr-, como vimos anteriormente, representa sempre o fonema /ʀ/, como nas palavras ferro, corrida, serra; os dígrafos qu- e gu- sempre representam os fonemas /k/ e /g/, respectivamente, como nas palavras queima, queda, queijo, e conseqüe, ligue, pegue. Mas os dígrafos -ss-, -sc-, -sç-, -xc-, -xs- representam todos o fonema /s/. Compreendeu agora porque nos livros do primeiro e segundo ciclos há tantos exercícios com esses dígrafos? É que eles são tantos para um mesmo fonema que se o aluno não fizer exercícios e não ler muito nunca vai aprender como se escrevem as palavras que usam esses dígrafos.

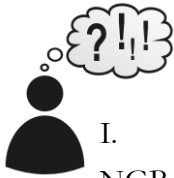
Preste atenção que em palavras como **quase**, **aguar**, **escravo** e **exclamar**, os grupos **qu**, **gu**, **sc** e **xc** não são dígrafos, pois representam dois fonemas, e não apenas um. Assim, quando duas consoantes ocorrem juntas e são

ambas pronunciadas, elas não formam dígrafo, mas um grupo fonético que recebe o nome de encontro consonantal. O encontro consonantal também recebe o nome de grupo consonantal quando ocorre na mesma sílaba. Exemplo: prato, bloco, cravo, grave, frevo, vidro etc. Há quem prefira usar uma outra terminologia: encontro consonantal perfeito, para o encontro de duas consoantes na mesma sílaba, como em clube, gravo, fruta. E encontro consonantal imperfeito para o



<http://www.ceramicavillaromana.com.br>

encontro de duas consoantes em sílabas diferentes como em forte, corte, borda. Nas palavras acne, apto advogado e outras fonologicamente, não há encontro consonantal porque inserimos um fonema /i/ depois das oclusivas /k, p, d/ respectivamente.



ATIVIDADES

I. Faça a classificação das consoantes das palavras segundo a NGB:

a) demonstrar = /demõʒ¹tɾaR/

/d/ = _____

/m/ = _____

/ʒ/ = _____

/t/ = _____

/ɾ/ = _____

/R/ = _____

b) trapiche = /tɾa¹piʒi/

/t/ = _____

/ɾ/ = _____

/p/ = _____

/ʒ/ = _____

c) folhetinesco = /foʎeti¹nesku/

/f/ = _____

/ʎ/ = _____

/t/ = _____

/n/ = _____

/s/ = _____

/k/ = _____

d) penhascoso = /peɲas¹kozu/

/p/ = _____

/ɲ/ = _____

/s/ = _____

/k/ = _____

/z/ = _____

e) nascimento = /nasi¹mẽtu/

/n/ = _____

/s/ = _____

/m/ = _____

/t/ = _____

II. Classifique as consoantes da frase. Nesse exercício não vou colocar os fonemas para ver se você já está fazendo as ligações do final de uma palavra com o início da outra. Preste atenção.

a) A Perdigão vai aproveitar a gordura animal dos suínos e das aves para produzir biodiesel.

/ / = _____

/ / = _____

/ / = _____

/ / = _____

/ / = _____

/ / = _____

/ / = _____

/ / = _____

/ / = _____

/ / = _____

/ / = _____

/ / = _____

/ / = _____

/ / = _____

/ / = _____

/ / = _____

// = _____

// = _____

// = _____

// = _____

// = _____

// = _____

// = _____

// = _____

// = _____

// = _____

// = _____

// = _____

// = _____

// = _____

// = _____

// = _____

// = _____

// = _____

// = _____

// = _____

// = _____

// = _____



(Fonte: <http://oglobo.globo.com>).

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

a) demonstrar = /demõʃ 'taR/

/d/ = consoante oclusiva, linguodental, sonora, oral.

/m/ = consoante oclusiva, bilabial, sonora, nasal.

/ʃ/ = consoante constritiva fricativa, palatal, surda, oral.

/t/ = consoante oclusiva, linguodental, surda, oral.

/r/ = consoante constritiva vibrante, alveolar, sonora, oral.

/R/ = consoante constritiva vibrante, velar, sonora, oral.

b) trapiche = /tʁa 'piʃi/

/t/ = consoante oclusiva, linguodental, surda, oral.

/r/ = consoante constritiva vibrante, alveolar, sonora, oral.

/p/ = consoante oclusiva bilabial, surda, oral.

/ʃ/ = consoante constritiva fricativa, palatal, surda, oral.

c) folhetinesco = /foʎeti 'nesku/

/f/ = consoante constritiva fricativa, labiodental, surda, oral.

/ʎ/ = consoante constritiva lateral, palatal, sonora, oral.

/t/ = consoante oclusiva, linguodental, surda, oral.

/n/ = consoante oclusiva, linguodental, sonora, nasal.

/s/ = consoante constritiva fricativa, alveolar, surda, oral.

/k/ = consoante oclusiva, velar, surda, oral.

d) penhascoso = /peɲas 'kozu/

/p/ = consoante oclusiva bilabial, surda, oral.

/ɲ/ = consoante oclusiva, palatal, sonora, nasal.

/s/ = consoante constritiva fricativa, alveolar, surda, oral.

/k/ = consoante oclusiva, velar, surda, oral.

/z/ = consoante constritiva fricativa, alveolar, sonora, oral.

e) nascimento = /nasi' mētu/

/n/ = consoante oclusiva, linguodental, sonora, nasal.

/s/ = consoante constritiva, fricativa, alveolar, surda, oral.

/m/ = consoante oclusiva, bilabial, sonora, nasal.

/t/ = consoante oclusiva, linguodental, surda, oral.

II. Classifique as consoantes da frase. Nesse exercício não coloquei os fonemas para ver se você já está fazendo as ligações do final de uma palavra com o início da outra. Prestou atenção.

a) A Perdigão vai aproveitar a gordura animal dos suínos e das aves para produzir biodiesel.

/p/ = consoante oclusiva, bilabial, surda, oral.

/R/ = consoante constritiva vibrante, velar, sonora, oral.

/d/ = consoante oclusiva, linguodental, sonora, oral.

/g/ = consoante oclusiva, velar, sonora, oral.

/v/ = consoante constritiva fricativa, labiodental, sonora, oral.

/p/ = consoante oclusiva, bilabial, surda, oral.

/r/ = consoante constritiva vibrante, alveolar, sonora, oral.

/v/ = consoante constritiva fricativa, labiodental, sonora, oral.

O que caracteriza a classificação de Mattoso Câmara Jr é que ele parte de uma abordagem do problema pelo viés silábico. A consoante é um fonema que se combina com a vogal para formar a sílaba, por isso Mattoso, pautado nas idéias estruturalistas de Jakobson e Trubetzkoy, propõe uma classificação dos fonemas consonantais centrada em três aspectos:

a) a localização articulatória, que corresponde ao que se entende por ponto de articulação que classifica as consoantes em labiais, anteriores e posteriores;

a.1). São labiais as consoantes que na sua produção leva em consideração os lábios como /p, b, m, f, v/

a.2). São anteriores as consoantes linguodentais e alveolares /t, d, s, z, ʀ, l, n/ e

a.3). São posteriores as consoantes palatais e velares /k, g, ʀ, ʃ, ʒ, ʎ, ɲ/

b) a natureza do impedimento criado na boca, que corresponde ao que se entende por modo de articulação e classifica as consoantes em oclusivas, fricativas, **líquidas** (laterais e vibrantes) e nasais

São oclusivas as consoantes /p, b, t, d, k, g/

São fricativas as consoantes /f, v, s, z, ʃ, ʒ/

São líquidas as consoantes laterais: /l, ʎ/ e as vibrantes /ʀ, ʀ/

São nasais as consoantes: /m, n, ɲ/ .

c) a atuação das cordas vocais que classifica as consoantes em surdas e sonoras.

São surdas as consoantes /p, t, k, f, s, ʃ/

São sonoras as consoantes /b, d, g, v, z, ʒ, l, ʎ, ʀ, ʀ, m, n, ɲ/

Atenção: Optamos pela transcrição das consoantes segundo Mattoso Câmara Jr. utilizando os símbolos fonéticos do API (Alfabeto Fonético Internacional).

Há muita discussão sobre se as consoantes nasais são oclusivas ou constrictivas. Mattoso coloca as nasais numa categoria autônoma. Rocha Lima e muitos outros autores colocam os fonemas nasais como oclusivos, e há ainda aqueles, como Grammont, que consideram as nasais constrictivas.

Líquidas

“Ordem de consoantes que compreende /l/ e /r/. O nome, que é tradicional, decorre da impressão de fluidez que apresenta a articulação e o efeito acústico do /l/: há uma oclusão bucal parcial, determinada pelo contato de um ponto da língua com um ponto da arcada dentária superior ou do céu da boca, mas anulada pela circunstância de que a corrente de ar se escapa pela parte em que não há contato...

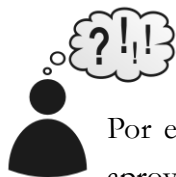
A outra consoante líquida incluída tradicionalmente na ordem das líquidas é /r/, dita vibrante. Caracteriza-se pela vibração da língua junto à arcada dentária superior ou um ponto do céu da boca, inclusive a úvula, o que determina uma ampla possibilidade de diversificação fonética.” (MATTOSO CÂMARA JR., 2001, p. 160).

Quadro 1

Consoantes em posição intervocálica segundo Mattoso Câmara Jr.

	oclusivas		fricativas		nasais	laterais vibrantes	
	surdas	sonoras	surdas	sonoras	sonoras	sonoras	sonoras
labiais	p	b	f	v	m		
anteriores	t	d	s	z	n	l	r
posteriores	k	g	ʃ	ʒ	ɲ	ʎ	ʀ

ATIVIDADES



Por esse quadro você já pode classificar as consoantes, por isso aproveite para fazer esse exercício:

Classifique as consoantes das palavras:

a) brasileiros - /bɾaziˈleyɾus/

/b/ - consoante oclusiva, labial, sonora, oral.

/ɾ/ - consoante vibrante, anterior, sonora, oral.

/z/ - _____

/l/ - _____

/ɾ/ - _____

/s/ - _____

b) reportagem - /ɾɛpɔɾˈtaʒɐN/

/ʀ/ - _____

/p/ - _____

/s/ - _____

/t/ - _____

/ʒ/ - _____

/N/ - arquifonema nasal

c) argumento - /aRgu'meNtu/

/R/ - _____

/g/ - _____

/m/ - _____

/N/ - arquifonema nasal

/t/ - _____

d) determinava - /dEtɛRmi'nava/

/d/ - _____

/t/ - _____

/R/ - _____

/m/ - _____

/n/ - _____

/v/ - _____

e) milhares - /mi'kaɾis/

/m/ - _____

/k/ - _____

/ɾ/ - _____

/S/ - arquifonema sibilante

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Você pode corrigir o exercício pelo quadro anterior. O que apareceu que ainda não foi visto foi o arquifonema nasal. Mattoso não considera as vogais nasais, considera-as como um grupo de dois fonemas vogal mais arquifonema nasal (V + N). Veremos isso quando estudarmos as vogais nasais. Entretanto já adiantei para que você saiba quais os fonemas consonantais que ocupam a posição pós-vocálica.

E os rres, você soube classificar o tepe (r) e o velar (R)? Preste atenção que o tepe (r) só aparece no grupo consonantal pré-vocálico e entre vogais. O velar (R) quando aparece entre vogais, ele é o dígrafo rr; ele aparece também no início da palavra, no final da sílaba e da palavra. Compreendeu? Veja os exemplos:

caro = / 'kaɾu/

carro = / 'kaRu/

bravo = / 'bɾavu/

rosa = / 'Rɔza/

partido = / paR 'tidu/

amar = /a 'maR/

Como Mattoso parte da posição das consoantes na sílaba, encontramos distinções significativas de ordem articulatória, uma vez que alguns limites são estabelecidos para a ocorrência de determinados fonemas no sistema fonológico do português do Brasil. Todos os fonemas consonantais só ocorrem na posição entre vogais, veja os exemplos:

roupa ≠ rouba

café ≠cave

nada ≠nata

assar ≠ azar

alo ≠alho

toca ≠ toga

acho ≠ ajo

caro ≠ carro

amo ≠ ano ≠anho

Ihama

Tecido de fio de prata ou de ouro.

Ihanura

Ihaneza = sinceridade

Ihufas

Nada (brás.)

Nhonnô

Senhor

Nhoque

Comida italiana

Nhenhenhen

Falar, falar, falar

Nhazinha

Sinhazinha

Clivado

Que sofreu fragmentação, divisão

Crivado

Furado em muitas partes

Glena

Cavidade de um osso em que se encaixa a superfície articular de um outro.

Flente

Que chora.

Em posição inicial de palavra desaparecem os fonemas consonantais /ɲ, ʎ, R/. Dessa forma o quadro 1 fica reduzido a:

Quadro 2

Consoantes em posição inicial de palavra segundo Mattoso Câmara Jr.

	oclusivas		fricativas		nasais	laterais vibrantes	
	surdas	sonoras	surdas	sonoras	sonoras	sonoras	sonoras
labiais	p	b	f	v	m		
anteriores	t	d	s	z	n	l	
posteriores	k	g	ʃ	ʒ	-	-	R

Veja os exemplos:

pato ≠ bato fale ≠ vale mata
 tato ≠ dato selo ≠ zelo nata lata -
 cato ≠ gato chato ≠ jato - - rato

É claro que existem algumas palavras iniciadas por lh- e nh-, uma até muito freqüente, o lhe, mas esses fonemas, nessa posição, não são produtivos, isto é, não têm possibilidades de criar novas palavras. Existem **lhama, ihanura, lhufas, nhonnô, nhoque, nhenhenhen, nhazinha**. E a vibrante simples, /r/, o tepe alveolar, este fonema nunca aparece em início de palavra. Se você já viu algum americano, inglês ou alemão falando o português já deve ter ouvido essa pronúncia do tepe (/r/) em início de palavra, mas isso apenas soa estranho aos nossos ouvidos sem modificar o sentido da palavra o que caracteriza o fonema.

Num grupo consonântico, diz Mattoso Câmara Jr., “Este quadro se simplifica drasticamente, quando a consoante é o segundo elemento de um grupo consonântico prevocálico. Aí só figuram as laterais e as vibrantes anteriores” (MATTOSO, 2002, p. 50).

Os fonemas /r/ e l/ formam os grupos consonantais reais ou próprios, ou seja, aqueles que ficam na mesma sílaba. Eles têm como primeiro elemento as oclusivas (p, b, t, d, k, g) e as fricativas labiais (f, v). Assim, temos os exemplos:

prato, plano

broco, bloco

atrás, Atlas

drama, dlim

crivado, clivado

grená, **glena**

frente, **flente**

palavra, Vladimir

Algumas palavras estrangeiras que entram no português do Brasil com outros grupos “logo se desfazem, com a intercalação de uma vogal, como sinuca (do ing. snooker ‘um tipo de jogo de bilhar’). (Mattoso, 2002, p. 50).

Falta apenas uma posição: a pós-vocálica. Nessa posição, figuram apenas as “líquidas (mar, mal) e as fricativas não labiais (pasta, rasgo, folhas etc).” (Mattoso, 2002, p. 51)

O l pós-vocálico sofre vocalização e transforma-se num /w/ assilábico como em mal, pronunciado [ˈmaw], fel, pronunciado [ˈfew], vil, pronunciado [ˈviw], volta, pronunciado [ˈvowta] vultoso pronunciado [vuwˈtozu]. Nesta última palavra muitas vezes não pronunciamos a semivogal posterior /w/, ou simplesmente alongamos a vogal /u/.

Em relação às quatro sibilantes /s, z, ʃ, ʒ/, elas

se reduzem a uma única, ou antes a duas, mas a neutralização da oposição entre elas fica surda diante de pausa ou de con-

soante surda (ex.: apanhe as folhas! /apa'ɲiasfo'ʎas/) e sonora diante de consoante sonora (ex.: que rasgão! /kiʀaz'gawN/). Quanto à oposição entre consoante anterior (ou seja, sibilante) e posterior (ou seja, chiante) ela cessa em proveito de uma das modalidades, conforme o dialeto regional. (Mattoso, 2002, p. 51-52)

Aqui em Aracaju, em relação às quatro sibilantes, temos o seguinte:

1. diante de pausa ou de consoante surda, exceto /t/ temos /s/: casas /'kazas/, as feiras /as' feyʀas/, as cartas /as' kaʀtas/, as pausas /as' pawzas/, as salas /a' salas/;
2. diante de t- temos /ʃ/: teste /' teʃti/, tostar /tɔʃ' taʀ/;
3. diante de vogal e de consoante sonora exceto -d, temos -z: as árvores /a' z' aʀʒvɔʀis/, as balas /az' balas/, as gomas /az' gomaz/, as velas /az' vɛlaz/, as laranjas /azla' ʀaʒas/, as malas /az' malas/, os ninhos /uz' niɲus/;
4. diante de d- temos /ʒ/: desde /' deʒdi/, as dinhas /ɔʒ' diɲas/.

Assim temos, na posição pós-vocálica, apenas os fonemas /l(w), ʀ, s, N/. O /S/ representa o arquifonema sibilante que engloba os fonemas /s, z, ʃ, ʒ/ e o /N/ representa o arquifonema nasal que neutraliza os fonemas /m, n, ɲ/.

Algumas vezes, por causa da representação ortográfica, pensamos que outras consoantes ocupam essa posição. Entretanto, em palavras como admirar, optar, psíquico, mnemônico, obter, pneu e outras o que acontece é a existência de uma vogal entre as duas consoantes, desenvolvendo uma nova sílaba. Veja a representação fonológica:

- /adimi' ʀaʀ/
- /ɔpi' taʀ/
- /pi' sikiku/
- /mine' moniku/
- /ɔbi' teʀ/
- /pi' new/

Esta é a classificação da Nomenclatura Gramatical Brasileira, ou seja, é a classificação oficial. Mesmo assim, encontramos diferenças entre os quadros apresentados nas gramáticas da língua portuguesa. Seria bem interessante se você pudesse comparar duas ou mais gramáticas da língua portuguesa para poder ver essa diferença. As diferenças acontecem principalmente entre as vibrantes, as linguodentais e as alveolares; sem falar nas nasais que são as mais controversas como vimos. Tanto podem estar nas oclusivas, como a maioria das gramáticas coloca, quanto nas constrictivas como alguns justificam.

CONCLUSÃO

Não se esqueça de que o dígrafo é sempre um fonema embora escrito com duas letras, por isso palavras como escrever, exclamação, prescrito, exclusão não são dígrafos. Nelas sempre temos duas letras e dois fonema.

A classificação das consoantes segundo Mattoso Câmara Jr. apresenta uma diferença pequena em relação à classificação da NGB. Em relação ao ponto de articulação, Mattoso apresenta uma divisão tripartida e, em relação às nasais, ele as coloca a parte. Além disso, o professor Mattoso Câmara Jr. não considera a subdivisão das constrictivas em fricativas, laterais e vibrantes. Essa classificação do professor Mattoso Câmara Jr. tem alguns conceitos fonéticos, mas se atém muito mais a uma classificação fonêmica como ele mesmo diz:

Já vimos, entretanto, que essa divisão e conseqüente classificação das consoantes, embora a usual, é por demais fonética, e, segundo a metáfora de Jakobson, traz para a fonologia a fonética “com pele e ossos, por assim dizer (Mattoso, 2007, p. 49).

Seria bom que você agora lesse o capítulo V do livro *Estrutura da língua portuguesa* no qual o professor Mattoso Câmara Jr. apresenta sua classificação das vogais e das consoantes.

RESUMO



Para facilitar o seu estudo, vou colocar neste resumo a classificação de cada consoante dada pela NGB.

/p/ = consoante oclusiva, bilabial, surda, oral. Como em **capa**.

/b/ = consoante oclusiva, bilabial, sonora, oral. Como em **aba**.

/t/ = consoante oclusiva, linguodental, surda, oral. Como em **cata**.

/d/ = consoante oclusiva, linguodental, sonora, oral. Como em **cada**.

/k/ = consoante oclusiva, velar, surda, oral. Como em **beca**.

/g/ = consoante oclusiva, velar, sonora, oral. Como em **paga**.

/f/ = consoante constritiva, fricativa, labiodental, surda, oral. Como em **café**.

/v/ = consoante constritiva, fricativa, labiodental, sonora, oral. Como em **cava**.

/s/ = consoante constritiva, fricativa, alveolar, surda, oral. Como em **caça**.

/z/ = consoante constritiva, fricativa, alveolar, sonora, oral. Como em **casa**.

/S/ = consoante constritiva, fricativa, palatal, surda, oral. Como em **cacho**.

/Z/ = consoante constritiva, fricativa, palatal, sonora, oral. Como em **cajá**.

/l/ = consoante constritiva, lateral, alveolar, sonora, oral. Como em **cala**.

/ʎ/ = consoante constritiva, lateral, palatal, sonora, oral. Como em **falha**.

/R/ = consoante constritiva, vibrante, alveolar, sonora, oral. Como em **cara**.

/ʁ/ = consoante constritiva, vibrante, velar, sonora, oral. Como em **carro, ramo, amor**.

/m/ = consoante oclusiva, bilabial, sonora, nasal. Como em **cama**.

/n/ = consoante oclusiva, labiodental, sonora, nasal. Como em **cano**.

/ø/ = consoante oclusiva, palatal, sonora ,nasal. Como em **tenho**.
No português temos dois fonemas vibrantes:

(a vibrante alveolar, o tepe) /r/ ≠ /R/ (a vibrante velar)

caro	carro
cravo	ramo
	cantar
	forte

Dígrafos são duas letras, mas um só fonemas. Os dígrafo consonantais da língua portuguesa são:

- lh- = silhueta, folha, molhado.
- nh- = linho, vinho, lenha.
- ch- = chave, cacho, enchente.
- sc- = piscicultor(quem cria peixe), discente (aluno), nascente.
- sç- = nasçamos, cresçamos, desçamos.
- xc- = excelente, excitação, excesso.
- xs- = exsudar, exsudação (transpirar).
- rr- = forró, parreira (videira), irresoluto (indeciso).
- ss- = ressaca, pêssego, nesse.

Mattoso Câmara classifica as consoantes, baseado num critério mais fonológico que fonético.

Eis o seu quadro:

Quadro 1

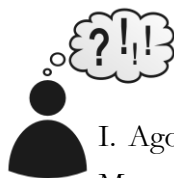
Consoantes em posição intervocálica segundo Mattoso Câmara Jr.

	oclusivas	fricativas	nasais	laterais vibrantes
	surdas sonoras	surdas sonoras	sonoras	sonoras sonoras
labiais	p b	f v	m	
anteriores	t d	s z	n	l r
posteriores	k g	ʃ ʒ	ɲ	ʎ R

Além disso, Mattoso Câmara chama atenção para a não existência de todos os fonemas consonantais em todas as posições. “Nessas condições, podemos agora levantar o quadro das consoantes portuguesas em posição posvocálica:

/S/ /N/ (/l/) /R/

(MATTOSO, 2002, p. 52).



ATIVIDADES

I. Agora que aprendemos a classificação das consoantes segundo Mattoso, podemos classificar as consoantes das palavras:

a) arquiteto - /aRki¹tɛtu/

/R/ - consoante vibrante, posterior, sonora, oral.

/k/ - consoante oclusiva, posterior, surda, oral.

/t/ - _____

/t/ - _____

b) especial - /espɛsi¹aw/

/S/ - _____

/p/ - _____

/s/ - _____

/w/ - semivogal posterior.

c) gelado - /ʒɛ¹ladu/

/ʒ/ - _____

/l/ - _____

/d/ - _____

j) maleta: a consoante nasal pela fricativa anterior, surda =

d) terremoto - /tɛRE¹motu/

/t/ - _____

/R/ - _____

/m/ - _____

/t/ - _____

e) faxineira - /faʃiˈneyɾa/

/f/ - _____

/ʃ/ - _____

/n/ - _____

/y/ - semivogal anterior

/R/ - _____

II. Diga a palavra resultante da(s) substituição(ões) proposta(s):

a) camada: a consoante nasal por uma oclusiva anterior, surda =

b) fala: o primeiro fonema por uma oclusiva posterior, surda =

c) vontade: o primeiro fonema por uma oclusiva, labial, sonora; e a segunda consoante pela sonora correspondente =

d) vinha: o primeiro fonema pela oclusiva labial, surda =

e) caveira: a segunda consoante pela vibrante posterior =

f) passagem: o primeiro fonema por uma nasal labial =

g) marchó: a consoante fricativa posterior por uma anterior =

h) canjica: a consoante fricativa por oclusiva anterior, surda; e a última consoante pela sonora correspondente =

i) massa: a consoante fricativa pela lateral correspondente =

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

I - Confira agora a classificação das consoantes das palavras::

a) arquiteto - /aʀki'tɛtu/

/ʀ/ - consoante vibrante, posterior, sonora, oral.

/k/ - consoante oclusiva, posterior, surda, oral.

/t/ - consoante oclusiva, anterior, surda, oral.

/t/ - consoante oclusiva, anterior, surda, oral.

b) especial - /espɛsi'aw/

/s/ - consoante fricativa, anterior, surda, oral.

/p/ - consoante oclusiva, labial, surda, oral.

/s/ - consoante fricativa, anterior, surda, oral.

/w/ - semivogal posterior.

c) gelado - /ʒɛ'ladu/

/ʒ/ - consoante fricativa, posterior, sonora, oral.

/l/ - consoante lateral, anterior, sonora, oral.

/d/ - consoante oclusiva, anterior, sonora, oral.

d) terremoto - /tɛʀɛ'motu/

/t/ - consoante oclusiva, anterior, surda, oral.

/ʀ/ - consoante vibrante, posterior, sonora, oral.

/m/ - consoante nasal, labial, sonora.

/t/ - consoante oclusiva, anterior, surda, oral.

e) faxineira - /faʃi'neyɾa/

/f/ - consoante fricativa, labial, surda, oral.

/ʃ/ - consoante fricativa, posterior, surda, oral.

/n/ - consoante nasal, anterior, sonora.

/y/ - semivogal anterior.

/ɾ/ - consoante vibrante, anterior, sonora, oral.

II. Será que você teve algum problema na substituição dos fonemas? Veja as respostas

- a) catada
- b) cala
- c) bondade
- d) pinha
- e) carreira
- f) massagem
- g) março
- h) cantiga
- i) mala
- j) saleta

ROCHA LIMA

Carlos Henrique da Rocha Lima é autor de uma gramática muito conceituada da língua portuguesa. Nela, ele inclui as nasais no quadro das oclusivas.

GRAMMONT

Linguísta francês escreveu o livro *Traité de phonétique*.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2005.
- ALMEIDA, Nilson Teixeira de. **Gramática da língua portuguesa para concursos, vestibulares**. São Paulo: Saraiva, 2003.
- BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.
- _____. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- CALLOU, Dinal; LEITE, Yanne. **Iniciação a fonética e à fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.
- FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. **Gramática Nova**. São Paulo: Ática, 2007.
- HENRIQUES, Cláudio Cezar. **Fonética, Fonologia e ortografia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- INFANTE, Ulisses; CIPRO NETO, Pasquale. **Gramática normativa da língua portuguesa**. São Paulo: Scipione, 2004.
- MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. **Dicionário de lingüística e gramática**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- _____. **Estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
- _____. **Problemas de lingüística descritiva**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- _____. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro. Padrão Editora, 1977.
- MESQUITA, Roberto Melo. **Gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2007.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- TERRA, Emani. **Curso prático de gramática**. São Paulo: Scipione, 2007.

O SISTEMA FONOLÓGICO DO PORTUGUÊS:

AS VOGAIS SEGUNDO A CLASSIFICAÇÃO DA NOMECLATURA GRAMATICAL BRASILEIRA E A PROPOSTA DE MATTOSO CÂMARA JR.

6
aula

META

Apresentar os traços distintivos das vogais do sistema fonológico do português segundo a classificação da Nomenclatura Gramatical Brasileira e da proposta de Mattoso Câmara Jr.

OBJETIVOS

Ao final desta aula o aluno deverá classificar as vogais de acordo com os critérios da Nomenclatura Gramatical Brasileira e de Mattoso Câmara Jr.

PRÉ-REQUISITOS

Aula 02 e 03.

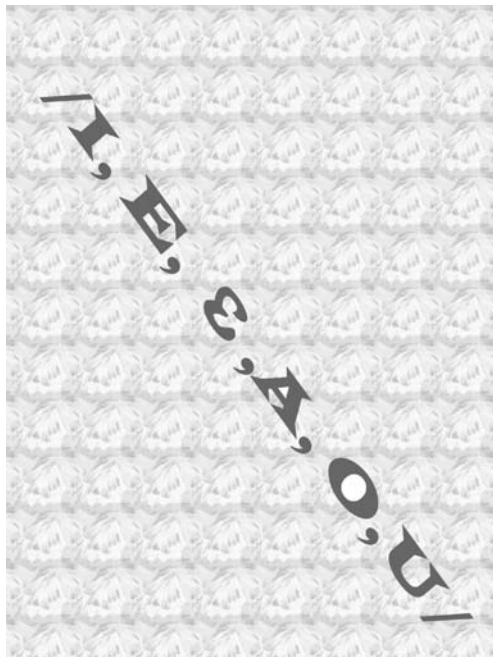


Agora vamos começar a trabalhar as vogais. Como você já deve ter percebido, os fonemas vocálicos não se confundem com as letras vogais. As cinco vogais (a, e, i, o, u) da língua escrita

INTRODUÇÃO

correspondem a sete fonemas (/i, e, ε, a, ɔ, o, u/). Mais uma vez você deve se lembrar de que não estamos trabalhando com a língua escrita, mas com a língua oral. Alguns livros de fonologia colocam o estudo da sílaba antes do estudo das vogais, mas eu já estou acostumada a trabalhar as vogais antes e sempre há um bom entendimento, por isso acredito que você acompanhará bem o estudo da classificação das vogais antes do estudo da sílaba.

Nos livros ‘Problemas de Lingüística Descritiva’ e ‘Estrutura da Língua Portuguesa’, Mattoso apresenta sua classificação das vogais baseada no critério fonêmico, isto é, não se baseia na identidade de timbre, mas nos traços distintivos. Mattoso Câmara Jr era estruturalista, como sabemos, e sua classificação procura deprender a estrutura da língua portuguesa, nesse caso, das vogais de acordo com sua posição na sílaba. Como a vogal constitui o ápice da sílaba, cabe a ela distinguir as sílabas tônicas das átonas.



Do ponto de vista articulatorio, as vogais são definidas como sons produzidos pela vibração das cordas vocais e modificados pela modalidade de abertura da cavidade bucal. Assim, as vogais têm como características essenciais o traço da sonoridade obrigatório, ou seja, todas as vogais são sonoras, e o traço da abertura, quer dizer, todas as vogais são produzidas com a passagem do ar livremente pela boca, como você viu no início da aula 05, quando classificamos as consoantes. A esse critério de classificação das vogais, essencialmente acústico-articulatorio, acrescenta-se uma classificação de cunho fonológico, baseada na estrutura da sílaba. Nela, a vogal é o fonema que ocupa o núcleo da sílaba, como você viu na aula 05. Embora esse critério seja pertinente para o português, não funciona em todas as línguas como nos diz Mattoso:

AS VOGAIS

...é normalmente a vogal, como o som vocal mais sonoro, de maior força expiratória, de articulação mais aberta e de mais firme tensão muscular, que funciona em todas as línguas como centro de sílaba, embora algumas consoantes, particularmente as que chamamos ‘**sonantes**’ não estejam necessariamente excluídas dessa posição. (Mattoso, 2006, p. 53).

Da mesma forma que com a classificação das consoantes, vamos começar a classificação das vogais pela proposta da NGB. A Nomenclatura Gramatical Brasileira classifica as vogais segundo quatro critérios:

- a) quanto à zona de articulação: anteriores, quando a ponta da língua dirige-se gradualmente em direção ao palato duro (/i, e, ε/), média, quando a língua permanece baixa, quase em repouso (/a/) e posteriores, quando a parte posterior da língua se dirige gradualmente em direção ao palato mole (/u, o, ɔ/);
- b) quanto ao timbre: abertas, pronunciadas com a cavidade bucal mais aberta (/a, ε, ɔ/), fechadas, pronunciadas com a cavidade bucal mais fechada (/i, e, o, u/) e reduzidas, pronunciadas com pouca sonoridade (/a, i, u/).

Quase sempre no fim das palavras, as vogais átonas *e* e *o* se enfraquecem e soam, respectivamente, /i/ e /u/. Assim temos sete vogais tônicas orais /i, e, ε, a, ɔ, o, u/, cinco vogais átonas orais (/i, e, a, o, u/) e três vogais reduzidas /i, a, u/. Também são reduzidas as vogais átonas nasais: *antigo*, *sentar*, *limpeza*, *combate*, *fundar*. (Bechara, 2002, p. 64)

Ainda de acordo com o Professor Evanildo Bechara, “... as reduzidas não estão cientificamente formuladas pela NGB, e o melhor seria bani-las.”(Bechara, 2001, p. 64)

O timbre é o traço distintivo das vogais. Timbre é o efeito acústico resultante da distância entre o dorso da língua e o véu palatino, funcionando a cavidade bucal como caixa de ressonância. Ressoar é ampliar, ou seja, o som produzido na laringe é ampliado na boca.

c) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal: orais, quando a corrente de ar ressoa apenas na cavidade bucal (/i, e, ε, a, ɔ, o, u/) e nasais, quando a corrente de ar encontra o véu palatino abaixado e ressoa também na cavidade nasal (/ã, ê, î, õ, û/);

Confira as observações feita por Bechara:

Na pronúncia normal brasileira, as vogais nasais são fechadas ou reduzidas (estas quando átonas)” (Bechara, 2002, p. 559).

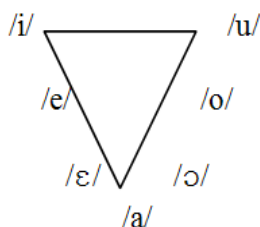
Na pronúncia normal brasileira soam quase sempre como nasais as vogais seguidas de m, n e principalmente nh: *cama*, *cana*, *banha*, *cena*, *fina*, *homem*, *Antônio*, *úmido*, *unha*. Assim não distinguimos as formas verbais terminadas em –amos e –emos do presente do indicativo: *agora cantamos*, *ontem cantamos*; *agora lemos*, *ontem lemos*.” (Bechara, 2002, p. 559).

d) quanto à intensidade: átonas, quando pronunciadas com menor intensidade (/i, e, ε, a, ɔ, o, u, ã, ê, î, õ, û/) e tônicas, quando pronunciadas com maior intensidade (/i, e, ε, a, ɔ, o, u, ã, ê, î, õ, û/).

Nos vocábulos de maior extensão fonética, mormente nos derivados e nos verbos seguidos de pronome átono, pode aparecer, além da tônica, uma vogal de grande intensidade, a qual recebe o nome de vogal subtônica: *polidamente*, *cegamente*, *louvar-te-ei*. (Bechara, 2002, p. 558).

Além do que dissemos até aqui, queríamos chamar a atenção para o fato de as vogais portuguesas serem normalmente representadas pelo que Trubetzkoy chamou de triângulo vocálico como vemos a seguir:

anteriores média posteriores





ATIVIDADES

Agora podemos classificar as vogais de uma palavra para você praticar o que acabou de ver. Vamos classificar as vogais da palavra “marcada”. Aí temos três /a/, como você vai ver, eles são classificados de forma diferente.

O primeiro /a/ = vogal média, aberta, oral, átona.

O segundo /a/ = vogal média, aberta, oral, tônica.

O terceiro /a/ = vogal média, *reduzida*, oral, átona. Veja que todas as reduzidas são átonas.

Agora você deve ter percebido porque eu disse, quando classificamos as consoantes, que elas eram mais fáceis.

Classifique você agora as vogais da palavra caderno:

/a/ = _____

/ɛ/ = _____

/u/ = _____

Veja se você acertou:

/a/ = vogal média, aberta, oral, átona. (esse /a/ é igual ao primeiro a de marcada)

/ɛ/ = vogal anterior, aberta, oral, tônica.

/u/ = vogal posterior, fechada, oral, reduzida. Será que você se lembrou de que os fonemas finais átonos são sempre reduzidos?

Você também não pode se esquecer de que em todas as palavras há sempre uma sílaba tônica e a vogal dela é classificada como tônica. Só não acontece isso nos monossílabos átonos.

Vamos classificar ainda uma outra palavra ‘corretíssima’.

/ɔ/ = _____

/ɛ/ = _____

/i/ = _____

/i/ = _____

/ɐ/ = _____

Nessa palavra também temos dois is que são classificados diferentes, será que você acertou? Confira.

/ɔ/ = vogal, posterior, aberta, oral, átona.

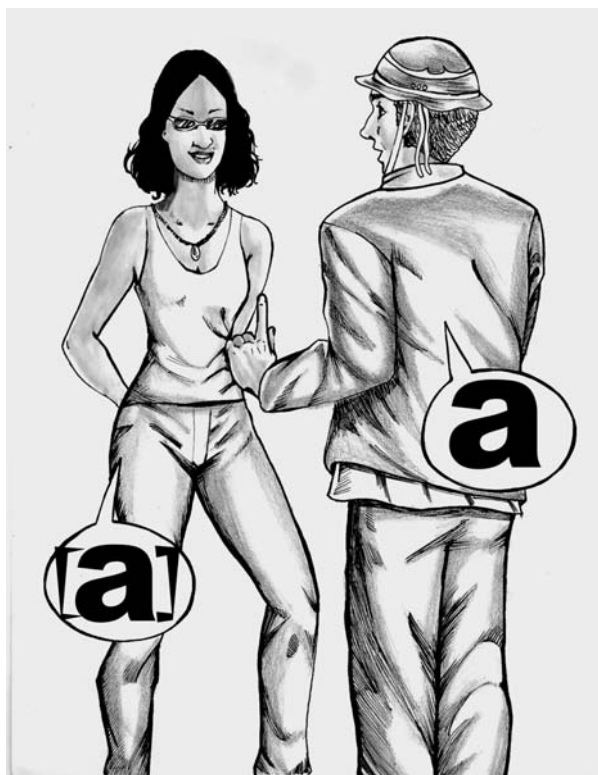
/ɛ/ = vogal anterior, aberta, oral, átona.

/i/ = vogal anterior, fechada, oral, tônica.

/i/ = vogal anterior, fechada, oral, átona.

/ɐ/ = vogal média, átona, oral, reduzida. Será que você se lembrou de classificar a reduzida como átona?

Aqui em Sergipe, nós pronunciamos o /ɔ/ e o /ɛ/ abertos, mas no Sul do Brasil eles os pronunciam fechados, e a classificação consequentemente mudará.



Passemos agora a algumas críticas feitas à classificação da NGB. Apesar de ter sido elaborada em 1959, a Nomenclatura Gramatical Brasileira não levou em consideração a tese com a qual Mattoso Câmara Jr. obteve o grau de “Doutor em Letras Clássicas”, na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, em 1949. Essa tese foi publicada no livro “Para o estudo da fonêmica portuguesa”, em 1953, com alguma modificação. Nesse livro, Mattoso já aplica conceitos da fonologia estruturalista, como o de alofonia e neutralização vocálica.

Como vimos a NGB apresenta uma classificação das vogais que prevê um quadro único para as vogais átonas e tônicas. Entretanto,

Em português, a intensidade ou acento é um traço suprasegmental que atinge a sílaba. Tal traço fonológico, em verdade, condiciona a ocorrência da vogal na sílaba, no sentido de que todas podem estar presentes em sílaba tônica, mas nem todas aparecem em sílaba átona pretônica ou postônica. (Cavaliere, 2005, p. 67).

O termo reduzido que ainda consta da classificação da NGB é criticado, e normalmente, a maioria das gramáticas coloca uma observação como a de Cláudio César Henriques a seguir:

O termo reduzidas aplicado às vogais orais, só ocorre quando elas são terminais de vocábulos, seguidas ou não de /s/. Na verdade, a utilização desse termo na descrição da língua tem algo a ver com a grafia e o das “vogais reduzidas” /i/ e /u/ - óbvio que isso não se aplica ao a. Reduzida é a intensidade da sílaba em que essas vogais ocorrem – e não o seu timbre. (Henriques, 2007, p. 24.).

Além disso, descobriu-se que os quatro critérios classificatórios da NGB não eram suficientes para a distinção de todas as vogais tônicas portuguesas. Os fonemas como /e/ ≠ /i/ e /o/ ≠ /u/ eram classificados da mesma forma, e palavras

como fez e fiz ou pôs e pus não apresentavam nenhuma distinção, como você pode ver:

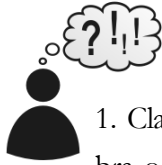
fez	≠	fiz	pôs	≠	pus
/e/		/i/	/o/		/u/
vogal		vogal	vogal		vogal
anterior		anterior	anterior		anterior
fechada		fechada	fechada		fechada
tônica		tônica	tônica		tônica
oral		oral	oral		oral

Estaria então faltando um critério que distinguísse as vogais /i/ e /e/, de um lado, e /u/ e /o/, de outro.

Nesse intuito, os gramáticos da geração idealizadora da NGB cedo incluíram na tábua classificatória um quinto critério, o da *altura da língua*: vogais altas (/i/ e /u/), vogais médias (/e/, /o/, /ɛ/, /ɔ/) e vogal baixa /a/. Semelhante critério visava tão somente corrigir uma falha da proposta original da NGB, sem qualquer intenção descritiva mais **acurada**. Para que não se confundisse *vogal média* em face da altura da língua com *vogal média* em face da zona de articulação, essa última passou a ser designada por muitos como *vogal central*. (Cavaliere, 2005, p. 69).

Acurada

Feito ou tratado com muito cuidado.



ATIVIDADES

1. Classifique as vogais da frase, segundo o critério da NGB: “Descubra o seu tipo metabólico.” (/deskubrɐusewtipumɛtabɔliku/)

/e/ = _____

/u/ = _____

/a/ = _____

/u/ = _____

/e/ = _____

/w/ = semivogal posterior

/i/ = _____

/u/ = _____

/ɛ/ = _____

/a/ = _____

/ɔ/ = _____

/i/ = _____

/u/ = _____

2. Classifique as vogais tônicas da frase: “Não se deixe enganar pelo rostinho delicado.”

3. Indique as vogais centrais, baixas, átonas, orais, reduzidas da frase: ‘Uma arma criada para moralizar gastos públicos acabou abrindo a porta para muitos abusos.’

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. Classifique as vogais da frase, segundo o critério da NGB: “Descubra o seu tipo metabólico.” Como eu coloquei a transcrição, acho que você não teve problemas (/deskubɾausewtipumtabɔliku/).

/e/ = vogal anterior, média, fechada, átona, oral.

/u/ = vogal posterior, alta, fechada, átona, oral.

/ɑ/ = vogal central, baixa, reduzida, átona, oral.

/u/ = vogal posterior, alta, fechada, átona, oral.

/e/ = vogal anterior, média, fechada, tônica, oral.

/w/ = semivogal posterior

/i/ = vogal anterior, alta, fechada, tônica, oral.

/u/ = vogal posterior, alta, reduzida, átona, oral.

/ɛ/ = vogal anterior, média, aberta, átona, oral.

/a/ = vogal central, baixa, aberta, átona, oral.

/ɔ/ = vogal posterior, média, aberta, tônica oral.

/i/ = vogal anterior, alta, fechada, átona, oral.

/u/ = vogal posterior, alta, reduzida, átona, oral.

2. Classifique as vogais tônicas da frase: “Não se deixe enganar pelo rostinho delicado.”

/ã/ = vogal central, baixa, fechada, tônica, nasal.

/e/ = vogal anterior, média, fechada, tônica, oral.

/a/ = vogal central, baixa, aberta, tônica, oral.

/i/ = vogal anterior, alta, fechada, tônica, nasal.

/a/ = vogal central, baixa, aberta, tônica, oral.

Espero que você não tenha classificado o e de pelo que é considerado um dissílabo átono

3. Indique as vogais centrais, baixas, átonas, orais, reduzidas da frase. São seis fonemas /A/ , como costumamos representar

os as finais. Veja em **negrito** na frase:

‘Uma **arma criada para** moralizar gastos públicos acabou abrindo a **porta para** muitos abusos.’

AS VOGAIS

Para Mattoso, a classificação dos fonemas vocálicos tem de partir da posição tônica porque

...a presença do que se chama < acento >, ou particular força expiratória (intensidade), associada secundariamente a uma ligeira elevação da voz (tom), é que constitui a posição ótima para caracterizá-las. A posição tônica nos dá em sua plenitude e maior nitidez (desde que se trate do registro culto formal) os traços distintivos vocálicos. (Mattoso Câmara Jr., 2006, p. 40-41).

As vogais distintivas do português são resultantes da associação do movimento horizontal (para a frente da boca ou para trás) com o movimento vertical (gradual elevação) da língua, e ao mesmo tempo, de um movimento de distensão ou de arredondamento dos lábios.

Há uma série de vogais anteriores, com um avanço da parte anterior da língua e a sua elevação gradual, e outra série de vogais posteriores, com um recuo da parte posterior da língua e a sua elevação gradual. Nestas há, como acompanhamento, um arredondamento gradual dos lábios. Entre umas e outras, sem avanço ou elevação apreciável da língua, tem-se a vogal /a/ como vértice mais baixo de um triângulo de base para cima. A articulação da parte anterior, central (ligeiramente anterior) e posterior da língua dá a classificação de vogais – anteriores, central e posteriores. A elevação gradual da língua, na parte anterior ou na parte posterior, conforme o caso, dá a classificação articulatória de vogal baixa, vogais médias de 1º grau (abertas), vogais médias de 2º grau (fechadas) e vogais altas. O dispositivo fica o seguinte:

altas	/i/		/u/	
médias	/e/		/o/	2º grau
médias	/ɛ/	/ɔ/		1º grau
baixa		/a/		
	posteriores	central	anteriores	

(Mattoso Câmara Jr., 2006, p. 41)

As palavras ‘seco’(adj.) ≠ ‘seco’(v.), ‘soco’(subs.) ≠ ‘soco’(v.), ‘soco’ ≠ ‘suco’, ‘saco’ ≠ ‘soco’, ‘siga’ ≠ ‘cega’ provam as oposições dos sete fonemas vocálicos em sílaba tônica.

Agora você deve ter percebido que aquele quinto critério, o da elevação da língua, que alguns gramáticos acrescentaram à classificação das vogais da NGB foi feito pelo professor Mattoso Câmara Jr. Mattoso justifica ser o português um sistema triangular de vogais porque a vogal de abertura máxima, o /a/, é um único fonema sem oposição a um /â/ “abafado”, uma variante combinatória e que aparece antes de consoantes nasais. Esse /â/ é, portanto, uma variante posicional.

Diante de consoante nasal na sílaba seguinte, como nas palavras lama, tema, sino, cone, cume, as vogais tônicas, no português do Brasil, ficam reduzidas a cinco fonemas vocálicos porque desaparecem as médias de 1º grau (abertas) em proveito das de 2º grau (fechadas), ficando assim o quadro das vogais tônicas diante de consoante nasal na sílaba seguinte:

altas	/u/		/i/	
médias		/o/	/e/	
baixa		/a/		
		[â]		
	posteriores	central	anteriores	

(Mattoso Câmara Jr., 2006, p. 41)



ATIVIDADES

Analise as vogais tônicas da frase:

‘O modelo da montadora japonesa tem forma e cortes inspirados em diamantes e os vidros, em visor de capacete.’ Não se esqueça de que são só as vogais tônicas.

Modelo: /e/ = vogal, anterior, média, fechada, oral, tônica.

montadora: _____

japonesa: _____

tem: _____

/N/ = arquifonema nasal

forma: _____

cortes: _____

inspirados: _____

diamantes: _____

/N/ = arquifonema nasal

vidros: _____

visor: _____

capacete: _____

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

modelo: /e/ = vogal, anterior, média, fechada, tônica.

montadora: /o/ = vogal, posterior, média, Fechada, tônica.

japonesa: /e/ = vogal, anterior, média, fechada, tônica.

tem: /e/ = vogal, anterior, média, fechada, tônica.

/N/ = arquifonema nasal (* depois estudaremos as nasais porque Mattoso não considera as vogais nasais)

forma: /o/ = vogal, posterior, média, aberta, tônica.

cortes: /o/ = vogal, posterior, média, aberta, tônica.

inspirados: /a/ = vogal, central, baixa, aberta, tônica.

diamantes: /ã/ = vogal, central, baixa, aberta, tônica.

/N/ = arquifonema nasal (* depois estudaremos as nasais porque Mattoso não considera as vogais nasais)

vidros: /i/ = vogal, anterior, alta, fechada, tônica.

visor: /o/ = vogal, posterior, média, fechada, tônica.

capacete: /e/ = vogal, anterior, média, fechada, tônica.

Vejamos agora as posições átonas. A posição átona é caracterizada pela redução do número de fonemas. “Isto é, mais de uma oposição desaparece ou se suprime, ficando para cada uma um fonema em vez de dois” (Mattoso, 2006, p.43).

A abertura bucal, traço distintivo nas vogais tônicas, é suscetível de neutralização na posição átona. “Assim basta a ausência de tonicidade para anular as oposições distintivas entre /ɛ/ e /e/, de um lado, e, de outro lado, entre /ɔ/ e /o/, com a fixação do segundo elemento de cada par na pronúncia do Rio de Janeiro” (Mattoso, 1977, p. 58).

Aqui em Sergipe, para alguns lingüistas, abrimos as vogais pretônicas. É verdade que nós realizamos essas vogais algumas vezes abertas. Entretanto, outras vezes elas são pronunciadas fechadas, como em pessoa, realizada [pe¹soa] e polimento realizado [poli¹metu]. A neutralização é ainda maior em palavras como colégio pronunciado [ku¹lɛʒiw] e menino pronunciado [mi¹ninu], pois nesses casos dá-se uma neutralização de todas as posteriores em proveito da alta [u], e de todas as anteriores em proveito da alta [i].

Na língua portuguesa há três posições átonas: a) pretônica, as vogais antes da tônica, b) postônicas, as vogais depois da tônica; essas podem ser b.1) finais quando é a última vogal átona da palavra e b2). não-finais, quando, nas palavras proparoxítonas, são as penúltimas vogais átonas.

Há assim, independentemente de se tratar sempre a rigor de alofones posicionais do correspondente fonema tônico, três quadros de vogais átonas para o português do Brasil:

1º quadro (vogais pretônicas):

altas	/u/	/i/
médias	/o/	/e/
baixa	/a/	

2º quadro (primeiras vogais postônicas dos proparoxítonos, ou vogais penúltimas átonas):

altas	/u/	/i/
médias	/.../	/e/
baixa	/a/	

3º quadro vogais átonas finais, dieante ou não de /s/ bo mesmo vocábulo):

altas	/u/	/i/
baixa	/a/	

(Mattoso, 2006, p. 44)



Como você pode ver a classificação das vogais segundo a NGB apresenta problemas mais sérios que a classificação das consoantes. “Ocorre que, do ponto de vista oficial, a NGB ainda serve como horizonte balizador da terminologia taxionômica em geral, fato que traz implicações severas ao docente de Língua Portuguesa, sobretudo no que tange a tarefas do dia-a-dia, como a elaboração de questões em concursos públicos.”

CONCLUSÃO

(Cavaliere, 2005, p. 69) As escolas não se preocupam com critérios mais científicos, por isso mesmo utilizam a classificação das gramáticas adotadas. A maioria das gramáticas acrescenta o quinto critério e faz a troca da classificação do /a/ para central como vimos na citação de Cavaliere (2005, p. 69) anteriormente.

Só existem sete vogais na posição tônica e assim mesmo quando a vogal não está seguida de consoante nasal na sílaba seguinte. A posição átona se caracteriza pela presença da neutralização. Esta neutralização se intensifica na posição átona final e reduz os fonemas vocálicos a apenas três. A classificação das vogais átonas em abertas e fechadas depende muito da região. Assim é que um fonema que é aberto aqui em Sergipe pode ser fechado no Sul do Brasil, como os dois primeiros fonemas da palavra coletivo, pronunciada /kole'tivu/ aqui em Sergipe e /kole'tivu/ no Rio de Janeiro ou São Paulo. Seria bom que você agora lesse o capítulo V do livro *Estrutura da língua portuguesa* no qual o professor Mattoso Câmara Jr. apresenta sua classificação das vogais e das consoantes.



RESUMO

Eis um possível quadro das vogais segundo a NGB, com a modificação proposta para corrigir a falha e a inclusão do quinto critério. É bom você não se esquecer de que todas as vogais podem ser tônicas e átonas, além de orais e nasais. Entretanto, vamos deixar para falar das vogais nasais, na aula 07.

	anterior	anterior	anterior	central	posterior	posterior	posterior	
fechada	/i/						/u/	altas
fechada		/e/				/o/		médias
aberta			/ɛ/		/ɔ/			médias
aberta				/a/				baixa

Eis as vogais em posição tônica:

pala = /a/ vogal, central, baixa, aberta, oral, tônica.

tela = /ɛ/ vogal, anterior, média, aberta, oral, tônica.

teve = /e/ vogal, anterior, média, fechada, oral, tônica.

fíta = /i/ vogal, anterior, alta, fechada, oral, tônica.

cola = /ɔ/ vogal, posterior, média, aberta, oral, tônica.

loo = /o/ vogal, posterior, média, fechada, oral, tônica.

pula = /u/ vogal, posterior, alta, fechada, oral tônica.

cama = /a/ /a/ vogal, central, baixa, aberta, oral, tônica.

lema = /e/ vogal, anterior, média, fechada, oral, tônica.

lima = /i/ vogal, anterior, alta, fechada, oral, tônica.

lona = /o/ vogal, posterior, média, fechada, oral, tônica.

lume = /u/ vogal, posterior, alta, fechada, oral tônica.

Eis as vogais em posição átona:

camisa = /a/ vogal, central, baixa, aberta, oral, átona.

televisão = /ɛ/ vogal, anterior, média, aberta, oral, átona; mas pode ser fechada também.

/i/ vogal, anterior, alta, fechada, oral, átona.

fechado = /e/ vogal, anterior, média, fechada, oral, átona.

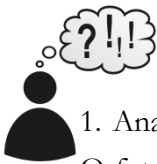
/u/ vogal, posterior, alta, fechada, oral, átona

profundo = /ɔ/ vogal, posterior, média, aberta, oral, átona; mas pode ser fechada também.

/u/ vogal, posterior, alta, fechada, oral, átona

tolice = /o/ vogal, posterior, média, fechada, oral, átona. (ou será que você pronuncia aberta?)

/i/ vogal, anterior, alta, fechada, oral átona.



ATIVIDADES

1. Analise os fonemas vocálicos da frase:

O futuro também aguarda os motores elétricos.

Agora você vai analisar tanto as vogais tônicas quanto as átonas

/u/ = vogal, posterior, alta, fechada, oral, átona.

/u/ = _____

/u/ = _____

/u/ = _____

/a/ = _____

/N/ = arquifonema nasal

/e/ = _____

/y/ = _____

/N/ = _____

/a/ = _____

/W/ = semivogal posterior

/a/ = _____

/α/ = _____

/u/ = _____

/o/ = _____

/o/ = _____
/i/ = _____
/ɛ/ = _____
/ɛ/ = _____
/i/ = _____
/u/ = _____

2. Indique as vogais tônicas, altas da frase: ‘O novo procedimento era aguardado com expectativa pelos médicos, segundo o cardiologista Evandro Mesquita, diretor-clínico do Hospital Pró-Cardíaco, no Rio de Janeiro.

3. Com as letras indicadas forme o maior número de palavras que você puder.

a) l, i, p, o, t, a

b) d, a, f, i, r, e

Esse é um jogo do computador. Lá se chama “letroca”. Seu objetivo é usar as letras disponíveis para formar palavras. Quanto mais palavras você formar, melhor.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. /u/ = vogal, posterior, alta, fechada, oral, átona.

/u/ = vogal, posterior, alta, fechada, oral, átona.

/u/ = vogal, posterior, alta, fechada, oral, tônica.

/u/ = vogal, posterior, alta, fechada, oral, átona.

/a/ = vogal, central, baixa, aberta, átona (a vogal dita nasal não é classificada de oral. Para Mattoso quem dá a nasalidade à vogal é o arquifonema nasal).

/N/ = arquifonema nasal

/e/ = vogal, anterior, média, fechada, tônica.

/y/ = semivogal anterior.

/N/ = arquifonema nasal

/a/ = vogal, central, baixa, aberta, oral, átona.
/w/ = semivogal posterior
/a/ = vogal, central, baixa, aberta, oral, átona.
/α/ = vogal, central, baixa, aberta, oral, átona.
/u/ = vogal, posterior, alta, fechada, oral, átona
/o/ = vogal, posterior, média, fechada, oral, átona.
/o/ = vogal, posterior, média, fechada, oral, tônica
/i/ = vogal, anterior, alta, fechada, oral, átona.
/ε/ = vogal, anterior, média, aberta, oral, átona.
/ε/ = vogal, anterior, média, aberta, oral, tônica.
/i/ = vogal, anterior, alta, fechada, oral, átona.
/u/ = vogal, posterior, alta, fechada, oral, átona

2. expectativa = /i/

segundo = /u/ Não importa se é oral ou nasal, foram pedidos as vogais altas, tônicas.

cardiologista = /i/

Mesquita = /i/

clínico = /i/

cardíaco = /i/

Rio = /i/

3. Será que você conseguiu todas essas?

a) palito, palitó (essa é a maior palavra)

pálio, ítalo, paiol, pátio, platô, polia, apito

talo, pito, pato, tola, paio, tipo, alto, apto, tapa, atol, aipo

opa, tio, tia, ali, alô, olá, til pai, pia, pio, ita, ato, tal.

b) ferida

frade, feira, fêria,

fria, feia, eira, fera, fiar, rifa,

REFERÊNCIAS

- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- _____. **Gramática escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.
- CAVALIERE, Ricardo. **Pontos essenciais em fonética e fonologia**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- CRISTAL, David. **Dicionário de lingüística e fonética**. Rio: Jorge Zahar Editor, 1998
- HENRIQUES, Cláudio César. **Fonética fonologia e ortografia: estudos fono-ortográficos do português**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- MATTOSO CÂMARA JR. Joaquim. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro. Padrão Editora, 1977.
- _____. **Dicionário de lingüística e gramática**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- _____. **Estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
- _____. **Problemas de lingüística descritiva**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

ENCONTROS VOCÁLICOS E VOGAIS NASAIS

META

Introduzir um debate acerca da análise dos encontros vocálicos e da existência ou não das vogais nasais.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

- distinguir ditongo crescente de ditongo decrescente;
- identificar tritongo e hiato.
- classificar as vogais nasais segundo a NGB e segundo Maltoso Câmara Jr.
- distinguir nasalidade de nasalação.

PRÉ-REQUISITOS

aula 06.

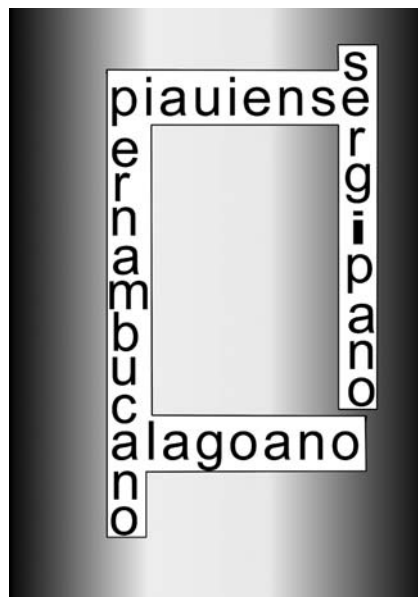


Na aula 06, você estudou as vogais que funcionam como núcleo de sílaba. Nesta aula você verá que as vogais mais altas das séries anterior e posterior podem ocupar também posição de margem da sílaba. Assim, teríamos um [i] e [u] silábicos e um [y] e [w] assilábicos. Neste segundo caso têm-se os chamados ditongos ou tritongos que contrastam com vogal simples. “Embora o português seja uma língua que se notabiliza por possuir

INTRODUÇÃO

ditongos e tritongos orais e nasais, ainda inexistem estudos mais aprofundados, quer fonéticos, quer fonológicos, sobre as vogais assilábicas.” (CALLOU; LEITE, 2005, p. 90). Temos, por outro lado, alguns ditongos que se transformam em simples vogais na fala, o que cria um problema de escrita principalmente nas séries iniciais do Ensino Básico.

O estudo dessas vogais tem ocupado a atenção de especialistas desde o século XIX. Por isso existem algumas posições teóricas que procuram dar conta da descrição desses fonemas do português. “Uma das particularidades importantes e distintivas da língua portuguesa são os sons nasais. É considerada por alguns como sendo a maior dificuldade fonológica de nossa língua.” (SIMÕES, 2006, p. 32).



Os encontros vocálicos referem-se à seqüência de sons vocálicos (vogais e/ou semivogais) que podem ocorrer numa mesma sílaba ou em sílabas diferentes. A pronúncia mais forte será sempre a das vogais, enquanto as semivogais ou vogais assilábicas serão mais fracas.

Em português, há três espécies de encontros vocálicos: ditongo, tritongo e hiato.

ENCONTROS VOCÁLICOS

OS DITONGOS

O ditongo é o encontro de uma vogal + uma semivogal, ou de uma semivogal + uma vogal. Os ditongos podem ser:

- a) decrescentes ou crescentes;
- b) orais ou nasais.

O ditongo é decrescente quando a semivogal vem depois da vogal. Exemplo: meu, foi, réu. Quando a semivogal precede a vogal, o ditongo é crescente. Exemplo: linguista, quase. Em português, apenas os ditongos decrescentes são considerados estáveis. Considera-se ditongo estável aquele ditongo que permanece sempre como ditongo; enquanto o ditongo é instável quando pode ser considerado tanto como ditongo quanto como hiato. Na linguagem coloquial, somente os ditongos crescentes que têm a semivogal /w/ precedida de /k/ (grafado q), ou de /g/ apresentam estabilidade. Exemplos: quase, lingueta.

Os chamados ditongos crescente ocorrem com menor frequência – e são mais instáveis – sempre anteceditos de consoante velar [k] ou [g], em formas como qual, igual, frequente, equestre, quinquênio, unguento, aguentar etc. (CALLOU; LEITE, 2005, p. 92.)

Da mesma forma que as vogais, os ditongos podem ser orais ou nasais. Os ditongos nasais são sempre fechados (mãe, pão, limões), enquanto os orais podem ser abertos (pai, véu, ideia) ou fechados (seu, foi, meia).

Rocha Lima, em sua Gramática Normativa da Língua Portuguesa, considera os ditongos decrescentes os verdadeiros ditongos, porque eles funcionam sempre como ditongo ao passo que os ditongos crescentes podem ser ditongos ou hiatos. Ele afirma que

Há encontros instáveis, isto é, que acusam certa flutuação de pronúncia – flutuação condicionada a fatores de ordem regional, ou grupal, e, ainda, ao grau de tensão psíquica do sujeito falante.

Estão neste caso:

1. Os encontros ia, ie, io, ua, ue, uo (átonos e finais de vocábulo): série, ausência, pátio, árdua, tênue, vácuo.
2. Os encontros de i ou u (átonos) com a vogal seguinte (tônica ou átona): fiel, luar, suor, crueldade, violento, persuadir, prior.

* Na fala espontânea do Rio de Janeiro, em condições normais de elocução, os encontros do primeiro tipo são ditongos e os do segundo, hiato. (ROCHA LIMA, 2002, p. 20).

Hodierna

Relativo aos dias de hoje, atual.

Já o professor Evanildo Bechara na Gramática escolar da língua portuguesa, quando trata dos ditongos crescentes faz a seguinte afirmação:

Em muitos destes casos pode ser discutível a existência de ditongos crescentes “por ser indecisa e variável a sonoridade que se dá ao primeiro fonema. Certo é que tais ditongos se observam mais facilmente na **hodierna** pronúncia lusitana brasileira, em que a semivogal, embora fraca, costuma conservar sonoridade bastante sensível” [Said Ali]. A divisão silábica obedecerá às normas ortográficas, isto é, serão sempre *di-a-bo*, *man-di-o-ca*, *pi-o-lho*, *mi-ú-do*, *du-al*, *má-go-a*, *sé-rie*, *gló-ria*. Este descompasso entre a realidade fonética e a ortográfica só não será



observado na divisão de sílabas métricas dos versos. (BECHARA, 2001, p. 562).

MATTOSO CÂMARA JR, baseado numa análise estruturalista, aceita-o (o ditongo decrescente) “em português, mas só quando um dos elementos vocálicos é tônico (dois elementos vocálicos átonos criam variação livre,... (MATTOSO, 2007.a, p. 56) Assim, existe ditongo em *pai* porque a ele se opõe *pá*. Mas há uma outra postura metodológica, baseada numa descrição puramente fonética, de ordem acústico-articulatória, que advoga que a existência do ditongo não está condicionada à oposição a uma vogal simples. Assim, como diz Cavaliere “a descrição dessa figura fônica do português (ditongo) é condicionada preliminarmente à teoria de que se serve o especialista, motivo que não raro põe em confronto interpretações profundamente divergentes em nossa literatura fonético-fonológica.” (CAVALIERE, 2005, p. 91).

Os ditongos tratados até agora foram orais. Se se admite a existência de vogais nasais em português, deve-se admitir também a existência de ditongos nasais. Do ponto de vista fonológico, há em português quatro ditongos decrescentes nasais: /ãy/, /ãw/, /õy/, /ũy/, como em mãe, pão, melões, muito. O ditongo /ẽy/, como em bem, também, nem sempre é aceito pelos gramáticos. Os ditongos nasais crescentes são: /wã/, /wẽ/, e /wĩ/. Exemplos: quando, frequência, quinquênio.

A MONOTONGAÇÃO

O fenômeno da monotongação é um processo de mudança sistêmico e frequente em todas as fases da formação do sistema fonológico do português. Por isso a grande maioria das gramáticas históricas trata do assunto. Mas, de que se trata a monotongação? Segundo Mattoso Câmara Jr., a monotongação é uma mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo a uma vogal simples....chama-se monotongo à vogal resultante deste processo

principalmente quando a grafia continua a indicar o ditongo e ele ainda se realiza em uma linguagem mais cuidadosa (MATTOSO, 2001, p. 170)

No português brasileiro, existem três ditongos que, em determinados contextos, podem sofrer processo de monotongação. São eles [ay], [ey] e [ow]. Esse processo de monotongação do português brasileiro é atestado em inúmeros trabalhos de cunho variacionista, e a maioria deles ressalta sua ocorrência condicionada, principalmente ao contexto fonológico seguinte. O ditongo [ay] pode monotongar-se tanto em sílaba inicial (faixa = [ˈfaʃa]), como em sílaba medial (encaixe = [eˈkaʃi]); mas não há ocorrência de monotongação de [ay] em sílaba final. Nas palavras vai, orais, mais não é monotongado o ditongo [ay]. Da mesma forma o ditongo [ey] pode monotongar-se em sílabas inicial (feixe = [ˈfeʃi]) e medial (porteiro = [poRˈteru]), mas não em sílaba final. É claro que isso acontece por influência dos fonemas vizinhos. Alguns estudos da vizinhança de [ay] em palavras portuguesas mostram que o processo de monotongação ocorre sempre diante do fonema /ʃ/ como em caixa pronunciado [ˈkaʃa], ou baixo pronunciado [ˈbaʃu]. O ditongo [ey] ocorre nos seguintes contextos: antes de [ʃ], [ʒ] e [r] como em deixa, pronunciado [ˈdeʃa], queijo, pronunciado [ˈkeʒu], feira, pronunciado [ˈfeɾa].

Diatópica

Diferenças que uma mesma língua apresenta quando é falada em diferentes regiões de uma mesma país.

Os exemplos alheios a esta regra, como o da palavra manteiga – pronunciada [mãˈtega] na área **diatópica** do Rio de Janeiro – parecem dever-se a causas idiossincráticas, até porque, não obstante efetivamente ocorra monotongação em manteiga, o fato não se manifesta em leiga, Veiga, meiga etc. (CAVALIERE, 2005, p. 98)

Já o ditongo [ow] se monotonga em sílaba quer inicial, quer medial, quer final como demonstram as palavras ouro, estouro e falou pronunciadas [ˈoru], [eʃˈtoru], [faˈlo]. Esse processo de monotongação do ditongo [ow] não é condicionado por vizinhança silábica como podemos ver em sou, couve, pouco, pouso, poupança, dourado, trouxa, contou, votou etc. O ditongo [ow] só persiste

nos casos em que o /l/ passa a semivogal /w/ como em colcha = ['kowʃa], golfe = ['gowfi] etc

As pesquisas realizadas acerca da monotongação desses ditongos revelam que o processo de monotongação do ditongo [ow] praticamente já se constitui em uma regra devido seus altos índices de ocorrência.

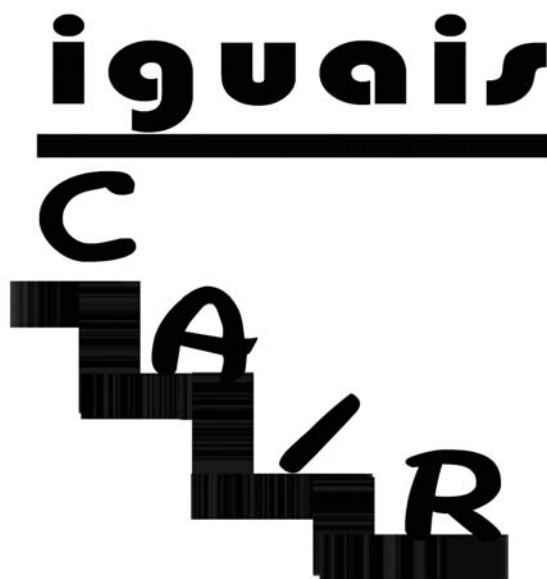
OS TRITONGOS E OS HIATOS

Além dos ditongos temos os tritongos e os hiatos. O tritongo é o encontro de uma vogal entre duas semivogais, claro que numa mesma sílaba. São orais os tritongos /way/, /wey/, /wiw/, /wow/ como em quais, enxagüei, delinqüiu, apaziguou; e são nasais os tritongos: /wãw/, /wẽy/, /wõy/, como em quão, enxáguem, saguões. Observe que nos tritongos /wãw/ e /wẽy/ a semivogal pode não vir representada graficamente (minguam, enxáguem).

Hiato é o encontro de duas vogais em sílabas diferentes por guardarem sua individualidade fonética. No português, podem se encontrar hiato:

1. entre vogais iguais átonas como em caatinga; nesse caso há uma tendência muito grande ao fenômeno da crase, pronunciando-se apenas um fonema.
2. entre vogais iguais, sendo a primeira tônica como em creem; nesse caso, destrói-se o hiato pela inclusão de uma semivogal /y/, ocasionando a pronúncia ['kɾey]. Há também a pronúncia sem o hiatẽ como em ['kɾey].

e



Iode

É o agrupamento de uma semivogal entre duas vogais em qualquer lugar da palavra – começo, meio ou fim. Foneticamente, ocorre duplo ditongo conforme o número de semivogais. A iode será representada com duplo /y/: ay-ya, ey-ye, mas essa semivogal será representada apenas por um fonema, e não dois como possa parecer. Assim, a palavra praia tem cinco letras (p-r-a-i-a) e cinco fonemas /p, R, a, y, a/), mas o /y/ pertence as duas sílabas (pray-ya)

Uau

O mesmo que iode, mas com a semivogal posterior /w/.

3. entre vogais iguais, sendo tônica a segunda como em graal; aqui também pode ocorrer crase, como em alcoólico pronunciado simplesmente [aw¹ kɔliku]. Entretanto a palavra graal resiste a crase porque existe a palavra grau no português.

4. entre vogais diferentes átonas, como em violento;

5. entre vogais diferentes, sendo a primeira tônica como em atue; a maioria desses hiato tendem a ser ditongados, ou seja, transformam-se em ditongo. Assim é que essa forma verbal atue é freqüentemente pronunciada como [a¹ tuy]. Mas quando a vogal átona é baixa, o hiato se mantém: lua, tia, sua, rua etc.

6. entre vogais diferentes sendo a segunda é tônica como em caolho.

Muitas vezes, ocorrem na língua portuguesa, encontros vocálicos que ora são pronunciados como ditongos, ora como hiatos. É o que a gramática chama de sinérese e diérese. Sinérese é a passagem de duas vogais de um hiato a um ditongo crescente como em lu-ar = luar. Diérese é a passagem de uma semivogal a vogal, transformando, assim, o ditongo num hiato vai-da-de = va-i-da-de. Isso acontece normalmente na versificação.

Nem tudo é tão simples nos encontros vocálicos. Existem palavras como paio, praia, cheia, meia etc que são analisadas na maioria das gramáticas como tendo um ditongo e um hiato, entretanto “sendo o hiato o encontro de vogal-base + vogal-base, ele não existe a rigor, em palavras como goi-a-ba, Mau-á – nas quais a semivogal (de oi e de au) desfaz aquela sequência (ROCHA LIMA, 2002, p. 20) Alguns autores como Bechara atestam a duplicidade articulatória da semivogal.

Desenvolvem-se um /y/ semivogal (símbolo chamado em gramática **iodo**) ou /w/ semivogal (símbolo chamado **uau**) nos encontros formados por ditongo decedente seguido de vogal final ou ditongo átono: praia = prai-a; cheia = chei-a; tuxauau = tuxau-au; goiaba = goi-a-ba.

“Nos hiatos cuja primeira vogal for u e cuja segunda vogal for final de vocábulo (seguida ou não de s gráfico), o desenvolvimento do uau variará de acordo com as necessida-

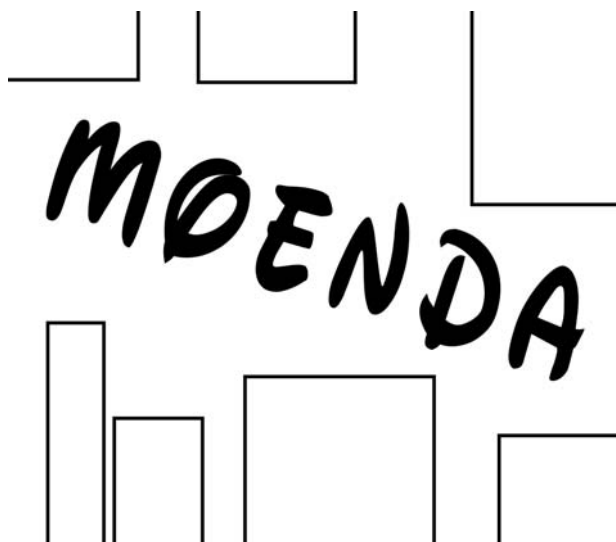
des expressivos ou as peculiaridades individuais”: nua = nu-a ou nu-ua; recue = re-cu-e ou re-cu-ue; amuo = amu-o ou a-mu-uo.

Autores há que também consideram hiato quando se trata de uma vogal e uma semivogal, como no caso de goiaba, jóia, etc. (BECHARA, 2002, p. 564).

Ao contrário, existe realmente ditongo e hiato em palavras como ma-te-ri-ais, ma-go-ei, cri-ou, con-clu-iu. Nessas palavras o ditongo decrescente vem depois da vogal; assim há realmente encontro de duas vogais: a vogal da sílaba anterior e a vogal do ditongo.

Para esclarecer essas e outras dúvidas em relação aos encontros vocálicos, muitos gramáticos apóiam-se em referenciais mais ligados à escrita em detrimento da pronúncia. Esses autores observam três pontos: a) a última letra do encontro vocálico; b) se o encontro vocálico se encontra no início, no meio ou no final da palavra e c) se a última vogal forma sílaba com alguma consoante.

Nos encontros vocálicos de duas letras se a última letra é A, E ou O, elas ficam em sílabas separadas independente de o encontro vocálico ocorrer no começo, no meio ou no final. Exemplos: ti-a-ra, co-ro-a, te-ar, fi-el, ma-es-tro, pa-vi-o. Isso acontece mesmo que haja uma consoante formando sílaba com a última vogal, como no caso de tear, fiel, maestro. Só ficam na mesma sílaba se as letras E ou O forem a segunda letra de um encontro nasal, marcado com til, ou quando estiverem depois de qu- ou gu-. Exemplos mãe, pão, qua-se, língua. Se a última letra é I ou U, as duas letras ficam na mesma sílaba independente de o encontro vocálico ocorrer no começo, no meio ou no final. Exemplo: au-tor, pei-xe, ba-ca-lhau. Ao contrário, ficam em sílabas separadas quando o I ou o U estiverem acentuados, quan-



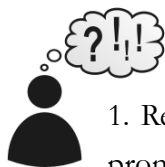
do houver uma consoante formando sílaba com elas ou se houver -nh- na sílaba seguinte como em ba-ú, fa-ís-ca, ra-iz, ca-ir, ba-i-nha.

Nos encontros vocálicos de três letras, se a última letra é A, E ou O, as duas primeiras letras ficam juntas e a última separada independente de o encontro vocálico ocorrer no começo, no meio ou no final. Exemplo: mei-a, goi-a-ba, qui-a-bo. Mas se a terceira letra for O ou A, precedido de vogal nasal o som nasal fica separado da sílaba anterior como em pe-ão, le-ão. Se houver qu- ou gu- + uma vogal com som nasal + o, as três letras ficam juntas como em sa-guão, quão. Quando a última letra for I ou U, a primeira vogal fica na sílaba anterior e as duas seguintes ficam na mesma sílaba. Exemplo: cri-ou, ma-te-ri-ais, con-clu-iu. Se houver acento na letra í ou ú que ocupa a terceira posição, as duas primeiras letras ficam juntas e o í ou o ú fica separado. Exemplo: fei-ú-ra, Gua-í-ba. Quando houver qu- ou gu- + uma vogal + a letra I ou U, as três letras ficam juntas, como em man-guei-ra, quei-jo, con-se-guiu. Preste atenção que nesses ca-

sos a primeira letra -u- forma dígrafo consonantal com o -q- ou o -g-

Existem poucas palavras com encontros vocálicos de quatro letras, e elas, geralmente, se encontram no final das palavras. Se a última letra for I, U ou O, precedido de som nasal, ela forma sílaba com a vogal anterior e fica separada das duas primeiras como em gui-ei, en-sai-ou, mei-ão, ca-cau-ei-ro; mas se a última letra for A, E ou O, ela fica separada e as três primeiras ficam juntas. U-ru-guai-o, pa-ra-guai-o, es-fa-quei-e.





ATIVIDADES

1. Reconheça os casos de monotongação, levando em conta a sua pronúncia:

- | | |
|-----------------|-----------------|
| a) travesseiro | b) comeu |
| c) deixar | d) encaixar |
| e) endinheirado | f) feixe |
| g) lantejola | h) manteigueira |
| i) ouro | j) restaurante |
| k) aumento | l) besouro |
| m) carteira | n) inteira |
| o) foi | p) achei |
| q) olhou | r) pai |
| s) ouvido | t) cavaleiro |
| u) jeito | v) acabei |
| w) mais | x) pois |
| y) baixo | z) encolheu |

2. Numere a primeira de acordo com a segunda:

- | | |
|----------------|------------------------------|
| () humildade | (1) ditongo nasal crescente |
| () atenção | 2) ditongo nasal decrescente |
| () explicou | (3) ditongo oral crescente |
| () abaixo | (4) ditongo oral decrescente |
| () morreu | (5) tritongo oral |
| () mensagem | (6) tritongo nasal |
| () caligrafia | (7) hiato |
| () também | |
| () dia | |
| () qual | |
| () quão | |
| () agüenta | |

- () aquarela
- () comunhão
- () finalmente
- () afinal
- () degrau
- () coisa
- () feriu
- () lançavam

3. Comente sobre o fonema intervocálico presente em: boiada, feio, paio, saia, maio

4. Separe as sílabas das palavras:

1. sabia = _____
2. conseguiu = _____
3. dias = _____
4. seguia = _____
5. sabiam = _____
6. todavia = _____
7. insinuou = _____
8. contraiu = _____
9. Uruguaiana = _____
10. viajar = _____
11. acariciar = _____
12. tainha = _____
13. ruim = _____
14. raiz = _____
15. contratuais = _____

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. Reconheça os casos de monotongação, levando em conta a sua pronúncia:

São passíveis de monotongação os ditongos das palavras:

- | | |
|-----------------|-----------------|
| a) travesseiro | |
| c) deixar | d) encaixar |
| e) endinheirado | f) feixe |
| g) lantejola | h) manteigueira |
| i) ouro | |
| | l) besouro |
| m) carteira | n) inteira |
| q) olhou | |
| s) ouvido | t) cavaleiro |
| u) jeito | |
| y) baixo | |

2. Numere a primeira de acordo com a segunda:

- | | |
|------------------|-------------------------------|
| (4) humildade | (1) ditongo nasal crescente |
| (2) atenção | (2) ditongo nasal decrescente |
| (4) explicou | (3) ditongo oral crescente |
| (4) abaixo | (4) ditongo oral decrescente |
| (4) morreu | (5) tritongo oral |
| (2) mensagem | (6) tritongo nasal |
| (7) caligrafia | (7) hiato |
| (2) também | |
| (7) dia | |
| (5) qual | |
| (6) quão | |
| (1) agüenta | |

- (3) aquarela
- (2) comunhão
- (4) finalmente
- (4) afinal
- (4) degrau
- (4) coisa
- (4) feriu
- (2) lançavam

3. Comente sobre o fonema intervocálico presente em: boiada, feio, paio, saia, maio.

Considera-se, nesses casos, que alguns falantes do português articulam duas semivogais em seqüência, chamadas iode, quando se trata da semivogal [y] e uau, quando se trata da semivogal [w].

4. Separe as sílabas das palavras:

- 1. sabia = sa-bi-a
- 2. conseguiu = con-se-guiu
- 3. dias = di-as
- 4. seguia = se-gui-a
- 5. sabiam = sa-bi-am
- 6. todavia = to-da-vi-a
- 7. insinuou = in-si-nu-ou
- 8. contraiu = con-tra-iu
- 9. Uruguaiana = u-ru-guai-a-na
- 10. viajar = vi-a-jar
- 11. acariciar = a-ca-ri-ci-ar
- 12. tainha = ta-i-nha
- 13. ruim = ru-im
- 14. raiz = ra-iz
- 15. contratuais = con-tra-tu-ais

VOGAIS NASAIS

Foneticamente, as vogais nasais são produzidas com o abaixamento do véu palatino, permitindo que o ar vindo dos pulmões saia tanto pela cavidade bucal quanto pela cavidade nasal. Quando o véu palatino é abaixado, há uma alteração da configuração da cavidade bucal fazendo com que a qualidade vocálica das vogais nasais seja diferente da das vogais orais correspondentes. Entretanto, como essa diferença é mínima, adotamos os mesmos símbolos utilizados na representação das orais para representar também as vogais nasais. Colocamos apenas um til acima da vogal como marca de nasalidade. As vogais nasais devem ser transcritas como [ã], [ẽ], [ĩ], [õ] e [ũ], como o faz a maioria dos autores. Como você deve ter percebido não existe diferença entre as vogais médias abertas e fechadas, porque as línguas naturais não fazem diferenciação entre as vogais abertas e fechadas. “Isso significa que [ẽ] e [ẽ̃] são equivalentes. O mesmo é válido para [õ] e [õ̃]. (SILVA, 2007, p.91)

A tradição gramatical consolidou a noção de vogal nasal como uma vogal dotada do traço da nasalidade, que se contrapõe, por esse motivo, à sua correspondente oral. É essa opinião que encontramos na maioria das gramáticas.

Ocorrendo o abaixamento do véu do paladar, divide-se a coluna de ar entre a boca e as fossas nasais, produzindo-se uma ressonância nasal. Essas vogais chamam-se, então, nasais:

[ã], [ẽ], [ĩ], [õ] e [ũ].

As vogais nasais são representadas na escrita pelas cinco letras (a, e, i, o, u), seguidas de m ou n; em sílaba final, o a nasal grafa-se com til (avelã, irmã, cidadã) (ROCHA LIMA, 2002, p. 16)

As marcas de til ou de [m] e [n] indicam o abafamento (ou travamento) da vogal, ou seja, indicam que a maior parte da corrente expiratória que produz a nasalidade sai pelo nariz. Consequentemente, “as consoantes que figuram no declive silábico como travadores nasais não têm valor sonoro próprio, mas funcionam como elemento diferenciador entre a vogal nasal e a vogal

não-nasal (ou oral), o que distingue vocábulos em português e, portanto tem valor fonológico.” (SIMÕES, 2006, p. 33) O professor Evanildo Bechara também confirma essa classificação:

São nasais as vogais que, em sua produção, ressoam nas fossas nasais. Há cinco vogais nasais (/ã/, /ẽ/, /ũ/, /õ/, /ĩ/): lâ, canto, campina, vento, ventania, límpido, vizinhança, conde, condessa, tunda, pronunciamos. É o fenômeno da ressonância, e não da saída do ar, o que opõe os fonemas orais aos nasais.

Quanto ao timbre as vogais nasais tônicas e subtônicas são fechadas e as átonas, reduzidas (BECHARA, 2001, p. 559).

Como vemos as gramáticas do português sempre consideram a existência de vogais nasais ao lado de vogais orais porque esta é a opinião da Nomenclatura Gramatical Brasileira. Ou seja, consideramos que na língua portuguesa existem 12 vogais: 7 (sete) fonemas vocálicos orais e 5 (cinco) fonemas vocálicos nasais. Além da ressonância nasal, estas vogais nasais se diferenciam das orais porque têm timbre sempre fechado. Assim, o quadro fonológico das vogais nasais em sílaba tônica é o seguinte:

	posteriores	central	anteriores
altas	/ĩ/		/ũ/
médias		/ẽ/	/õ/
baixa		/ã/	

Convém chamar a atenção de que a vogal nasal / / recebe a forma fonética de um ditongo - [y] – quando ocorre em posição final de vocábulo como nas palavras bem, sentem, amém, pronunciadas [' b y], [' s t y], [a ' m y], respectivamente. Essa nasalidade das vogais em posição final é considerada uma característica particular da língua portuguesa.

Também interessante notar que a vogal / / não se manifes-

ta em sílaba final, caso em que predomina uma pronúncia ditongada [ey]: também, alguém etc. Por sinal, [ẽy] mesmo em sílabas iniciais e internas em certas vertentes diatópicas, como a do português paulistano: encontro [ẽy'kõtrũ], aumento [aw'meytu] (CAVALIERE, 2005, p.87).

Também em relação à representação ortográfica as vogais nasais apresentam o traço da nasalidade, como vimos, assinalado pelas letras m ou n em certos casos como tempo, cinco, tanto, em outros é assinalado com o uso do til como em pão, chão. Como podemos comprovar nesta citação de Cavaliere:

A palavra cançã, que designa o conhecido tipo de dança dos cabarés parisienses, registra o a nasal mediante uso de an e ã tendo em vista sua mera posição silábica. Trata-se aqui, enfim, de distinções que somente a arbitrariedade das regras ortográficas pode explicar. Verifica-se, pois, que o tratamento aplicado às vogais nasais sempre teve caráter contraditório, que se mantém até os dias atuais, não obstante vários tenham sido os estudos dedicados a esse interessante tema da Fonologia portuguesa (CAVALIERE, 2005, p. 85).

Assim, alguns estruturalistas propõem que as vogais nasais sejam entendidas como fonemas distintos das respectivas vogais não-nasais, opondo-se a estas pela qualidade da nasalidade. Dessa forma classificá-riamos as vogais nasais como o ã de canto = /'kãtu/ da seguinte forma:

/ã/ = vogal central, baixa, fechada, tônica, nasal.

E as vogais nasais escritas am, an, em, en, im, in, om, on, um, un seriam consideradas dígrafos vocálicos; aumentando assim o número de dígrafos existentes na nossa língua.

Uma outra hipótese, aquela defendida pelo linguista Joaquim Mattoso Câmara Jr., considera as vogais nasais como variantes não distintas de suas correspondentes orais. Afirmo Mattoso: bem atenção ao classificar as vogais para não colocar o traço da nasalidade em vogais que são apenas nasaladas.

... é preferível partir do arquifonema nasal /N/ como o fato estrutural básico, que acarreta, como traço acompanhante, a ressonância nasal da vogal.”(MATTOSO, 2007a p. 59) Assim, a vogal nasal é considerada como um grupo de dois fonemas vogal + arquifonema nasal, ou seja, aN, eN, iN, oN, uN. A palavra canto seria transcrita /'kaNtu/ e o a nasal seria classificado como:

/a/ = vogal central, baixa, aberta, tônica, oral.

/N/ = arquifonema nasal

De acordo com essa interpretação teríamos na língua portuguesa um tipo de sílaba travada por um elemento nasal, o arquifonema nasal /N/, que se realiza como [n] diante de consoante anterior ['lẽⁿda], como [m] diante de consoante labial [sã^mba], e como [ŋ] diante de consoante posterior ['sã^ŋgi]. Mas diante de pausa o elemento consonântico se reduz a zero. Mattoso Câmara considera o argumento contrário à existência fonológica da consoante nasal

como um argumento de ordem psicológica e não de ordem estrutural, porque é baseado no fato de que o falante e/ou ouvinte sente a existência da vogal nasal e não percebe o elemento consonântico pós-vocálico.

Mattoso Câmara, defendendo a sua tese fonológica das vogais nasais, apresenta três argumentos:

Em primeiro lugar, a sílaba com a vogal dita <nasal> se comporta como sílaba travada por consoante. Prova-o a repugnância à crase. Em Portugal, onde é a regra a elisão da vogal final diante de outra vogal no vocábulo seguinte (*grand¹ amor* etc) são fenômenos que < em regra



não

são atestados entre duas vogais, cuja primeira é nasal, em *lã azul* por exemplo > (Barbosa 1965,93), ou em *jovem amigo, bom homem* e assim por diante. Em segundo lugar, depois de vogal nasal só se realiza um /r/ forte e nunca o /r'/ brando próprio exclusivamente da posição intervocálica. Isto, que eu disse desde 1948, é repetido com outras palavras por Morais Barbosa, comentando a pronúncia obrigatória de *genro, honra* etc. (Barbosa 1965, 92). Finalmente, no interior de vocábulo, não há em português vogal nasal em hiato. Ou a nasalidade que envolve a vogal desaparece, como em *boa*, em face de *bom*, ou o elemento consonântico nasal se desloca para a sílaba seguinte, como em *valentona*, em face de *valentão* (teoricamente */valeNtoN/) ou no pronome *nenhum*, em face da locução *nem um*. Assim, não haver vogal < nasal > em hiato, dentro de um vocábulo, equivale a dizer que o arquifonema nasal, se subsiste, se comporta como qualquer outra consoante nasal intervocálica: pertence à sílaba seguinte (*uma*, e *não um-a*, como *a-sa, a-ço, a-la, a-ra* etc). (MATTOSO CÂMARA, 2007a p.59-60)

Essa posição de Mattoso Câmara é refutada, atualmente, por alguns estudiosos como o prof. Ricardo Cavaliere:

Primeiro, se é verdade que as vogais finais entram em crase ou elisão com as iniciais átonas, igualmente verdadeiro é que, sendo tônicas as iniciais, tais fenômenos não se configuram: há crase em casa aberta, mas não em casa alta. Este fato pode indicar que o sistema fonológico do português é infenso à crase em certos ambientes intervocálicos, dentre eles os de vogais nasais.

Em segundo lugar, a impossibilidade de aparecer o tepe /r / após vogal nasal não chega a ser prova inequívoca de que, em palavras como *honra* e *enredo*, a primeira sílaba termina em consoante, visto que o /R/ nelas presente também pode estar entre vogais. Na verdade, o argumento das vibrantes só seria inequívoco caso /R/ só pudesse aparecer após consoante em

português, o que, infelizmente, não corresponde à realidade. Finalmente, a tese de que o português não tem hiatos nasais falece perante a constatação de que, ao menos no português do Brasil, os próprios hiatos de vogais orais somente sobrevivem na boca do falante por força da normatização gramatical. Com efeito, quando não se monotongam, como em *ordenação* > **cordenação*, *caatinga* > **catinga*, os hiatos são intercalados por um *i* consonântico (/fonema /j/), como em *freado* > **freiado* *Andréa* > *Andréia* etc. (CAVALIERE, 2005, p. 89-90)

A gramática normativa, como vimos, interpreta a vogal nasal como dígrafo e afirma que não existe encontro consonantal em palavras como *tenda*, *pampa* uma vez que o *n* e o *m* indicariam a nasalidade da vogal que o antecede e são, portanto, dígrafos vocálicos.

NASALIDADE E NASALAÇÃO

Em todos esses casos que vimos até aqui está presente a nasalidade, ou seja, o traço nasal é decisivo para a significação e, portanto, relevante do ponto de vista fonológico. Assim, *campo* [ˈkãpu] se distingue de *capo* [ˈkapu] pelo traço nasal da vogal tônica. Entretanto, em muitas palavras do português como *lima*, *cano*, *tema*, *cone*, *punho*, a vogal assimila a nasalidade da consoante nasal da sílaba seguinte e tem-se como resultado uma pronúncia anasalada como [ˈlima], [ˈkãnu], [ˈtẽma], [ˈkõni], [ˈpũñu].

Ora, essa nasalação vocálica, condicionada pela consoante da sílaba seguinte, não tem valor fonológico. Não há contraste distintivo entre [kãma] e uma também possível enunciação [kama] sem a nasalação da vogal (MATTOSO, 2007b p. 32).

Foi o professor Mattoso Câmara quem primeiro chamou atenção para essa nasalação da vogal sem traço distintivo. Convém chamar atenção para um fato da norma da língua portuguesa: todas as

vogais tônicas antes de uma consoante nasal na sílaba seguinte são pronunciadas nasaladas. Entretanto quando a vogal é átona

a nasalação atua como traço marcante nas variantes diatópicas do português brasileiro. As vogais pretônicas de canela, janela e panela, se anasaladas, denunciam uma pronúncia típica da região linguística do Norte e Nordeste, ao passo que, se orais, refletem a pronúncia mais disseminada no Sudeste do país. (CAVALIERE, 2005, p. 86).

Não poderíamos terminar a nossa aula sem assinalar que a maioria das gramáticas, numa análise estritamente fonética, denomina nasais tanto as vogais marcadas pelo traço da nasalidade quanto aquelas que possuem apenas nasalação. Por isso você deve prestar bem atenção ao classificar as vogais para não colocar o traço da nasalidade em vogais que são apenas nasaladas.

Mãe
pai

O estudo dos encontros vocálicos não é tão simples como se aprende nas primeiras séries do Ensino Fundamental. Mas também não é tão complicado! A questão é que normalmente os professores não voltam a tratar do assunto em outras séries, quando os

CONCLUSÃO

alunos já têm um outro conhecimento e mesmo uma maturidade do português falado no Brasil. Nesta aula, tratamos do assunto de forma da fonologia da língua portuguesa, mas acrescentamos no final um tratamento exclusivamente relacionado à escrita que ajuda na separação da sílaba. Seria bom que você lesse o item 25 do capítulo VI do livro de Estrutura da língua portuguesa de Mattoso Câmara Jr. que trata da existência ou não dos ditongos em português. Existem duas hipóteses para a interpretação das vogais nasais em português. A primeira hipótese admite que as vogais nasais são entendidas como fonemas distintos das vogais não-nasais, ou seja, as vogais nasais se opõem às vogais não nasais pelo traço da nasalidade. A segunda hipótese interpreta as vogais nasais como variantes não distintas das vogais orais e, por isso mesmo, considera as vogais nasais como um grupo de dois fonemas, ou seja, vogal + arquifonema nasal. Em outras palavras, na primeira hipótese temos 12 (doze) fonemas vocálicos no português (/a,ɛ,e,i,ɔ,o,u,ã,ẽ,ĩ,õ,ũ/); na segunda hipótese temos apenas 7 (sete) na língua portuguesa (/a,ɛ,e,i,ɔ,o,u/).

RESUMO



São três os tipos de encontros vocálicos: ditongos, tritongos e hiatos. Ditongo é o encontro de uma vogal com uma semivogal.

Os ditongos podem ser decrescentes, quando a vogal vem antes da semivogal como em *rei*, e crescentes quando a semivogal vem antes da vogal como em *quase*. Somente os ditongos decrescentes são considerados estáveis; os ditongos crescentes são, na maioria das vezes, considerados instáveis. Alguns ditongos como [aj], [ej] e [ow] podem ser monotongados, ou seja, se transformam em vogal simples. O tritongo é o encontro de uma vogal entre duas semivogais, como em *Uruguai*; enquanto o hiato é o encontro de duas vogais, como *saí, país*.

A tendência dos encontros vocálicos de duas letras é de que as duas letras se separem em duas sílabas mantendo-se juntas em três casos:

1. Quando I ou U for a última letra e não houver nenhuma consoante formando sílaba com ela;
2. Quando houver QU- ou GU-;
3. Quando formar sílaba nasal.

Nos encontros vocálicos com três e quatro letras, verificamos que o sistema é o mesmo.

Eis as vogais nasais

ã, am, na = vogal central, baixa, fechada, nasal, tônica (como nas palavras *tupã, campo, canto*).

ã, am, na = vogal central, baixa, fechada, nasal, átona (como nas palavras *órfã, tambor, cantor*).

em, en = vogal anterior, média, fechada, nasal, tônica (como nas palavras *tempo, vento*).

em, en = vogal anterior, média, fechada, nasal, átona (como nas palavras *temporal, ventania*).

im, in = vogal anterior, alta, fechada, nasal, tônica (como nas palavras *limpo, lindo*).

im, in = vogal anterior, alta, fechada, nasal, átona (como nas palavras *limpeza, tinta*).

õ, om, on = vogal posterior, média, fechada, nasal, tônica (como nas palavras põe, tombo, tonto).

om, on = vogal posterior, média, fechada, nasal, átona (como nas palavras lombar, tontura).

um, un = vogal posterior, alta, fechada, nasal, tônica (como nas palavras tumba, fundo).

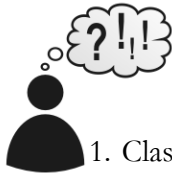
um, un = vogal posterior, alta, fechada, nasal, átona (como nas palavras cumbuca, mundial).

Isso se considerarmos as vogais nasais como o faz a NGB. Mas se considerarmos as vogais seguidas de arquifonema nasal teremos: aN, eN, iN, oN, uN e classificaremos a vogal oral seguida de arquifonema nasal como o /aN/ da palavra bandido.

/a/ = vogal central, baixa, aberta, oral, átona.

/N/ = arquifonema nasal

ATIVIDADES



1. Classifique as vogais nasais da frase de acordo com a classificação da Nomenclatura Gramatical Brasileira: “...os relógios fornecem indicação de data e temperatura, emitem sinais relaxantes que ajudam a diminuir o stress do dia-a-dia, sintonizam estações de rádio e podem, até mesmo, projetar as horas em paredes e tetos, deixando o ambiente com um ar mais futurista” (ISTOÉ /2014-11/6/2008).

2. Dessas vogais nasais da questão I, assinale as que fazem parte de ditongos nasais: “...os relógios fornecem indicação de data e temperatura, emitem sinais relaxantes que ajudam a diminuir o stress do dia-a-dia, sintonizam estações de rádio e podem, até mesmo, projetar as horas em paredes e tetos, deixando o ambiente com um ar mais futurista.” (ISTOÉ /2014-11/6/2008).

3. Transcreva as palavras abaixo e assinale se há nasalidade ou nasalação de acordo com o seu dialeto:

banheira = _____

canhoto = _____

camponês = _____

camada = _____

temperado = _____

canavial = _____

mentira = _____

fundada = _____

janela = _____

grandeza = _____

4. Classifique as vogais nasais da frase de acordo com a classificação de Mattoso Câmara Júnior. “O resultado da investigação está descrito no livro *Quando os médicos se tornam pacientes*.”

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. Classifique as vogais nasais da frase de acordo com a classificação da Nomenclatura Gramatical Brasileira: “...os relógios fornecem **indicação** de data e **temperatura**, emitem sinais relaxantes que **ajudam** a diminuir o stress do dia-a-dia, **sintonizam** estações de rádio e **podem**, até mesmo, projetar as horas **em** paredes e tetos, deixando o **ambiente com um** ar mais futurista.” (ISTOÉ /2014-11/6/2008)

As vogais assinaladas são as vogais nasais; eis sua classificação

/ / = vogal anterior, média, fechada, nasal átona.

/ / = vogal anterior, alta, fechada, nasal átona.

/ã/ = vogal central, baixa, fechada, nasal, tônica.

/ / = vogal anterior, média, fechada, nasal átona.

/ / = vogal anterior, média, fechada, nasal átona.

/ã/ = vogal central, baixa, fechada, nasal, tônica.

/ã/ = vogal central, baixa, fechada, nasal, átona.
 /ĩ/ = vogal anterior, alta, fechada, nasal, átona.
 /ã/ = vogal central, baixa, fechada, nasal, átona.
 /õ/ = vogal posterior, média, fechada, nasal, tônica.
 /ẽ/ = vogal anterior, média, fechada, nasal, átona.
 /ẽ/ = vogal anterior, média, fechada, nasal, átona.
 /ã/ = vogal central, baixa, fechada, nasal, tônica.
 /ã/ = vogal central, baixa, fechada, nasal, átona.
 /ẽ/ = vogal anterior, média, fechada, nasal, tônica.
 /õ/ = vogal posterior, média, fechada, nasal, átona.
 /ũ/ = vogal posterior, alta, fechada, nasal, átona.

2. Dessas vogais nasais da questão I, assinale as que fazem parte de ditongos nasais

“...os relógios fornecem indicação de data e temperatura, emitem sinais relaxantes que ajudam a diminuir o stress do dia-a-dia, sintonizam estações de rádio e podem, até mesmo, projetar as horas em paredes e tetos, deixando o ambiente com um ar mais futurista.” (ISTOÉ /2014-11/6/2008)

Como você pode ver todas as nasais em e am finais se transformam em ditongos nasais

3. Transcreva as palavras abaixo e assinale se há nasalidade ou nasalação de acordo com o seu dialeto:

banheira = /ba 'ɲeyɾa/ nasalação

canhoto = /ka 'ɲotu/ nasalação

camponês = /kãpo 'neys/ nasalidade para o [ã] e nasalação para o [o]

camada = /ka 'mada/ nasalação

temperado = /tẽpɛ 'ɾadu/ nasalidade

canavial = /kanavi 'aw/ nasalação

mentira = /m ẽ 'tiɾa/ nasalidade

fundada = /fũ 'dada/ nasalidade

janela = /ʒa 'nɛla/ nasalação

grandeza = /grã'deza/ nasalidade

4. Classifique as vogais nasais da frase de acordo com a classificação de Mattoso Câmara Júnior. “O resultado da **investigação** está descrito no livro *Quando os médicos se tornam **pacientes***.”

/i/ = vogal anterior, alta, fechada, oral, átona.

/N/ = arquifonema nasal

/a/ = vogal central, baixa, aberta, oral, tônica.

/N/ = arquifonema nasal

/a/ = vogal central, baixa, aberta, oral, tônica.

/N/ = arquifonema nasal

/a/ = vogal central, baixa, aberta, oral, átona.

/N/ = arquifonema nasal

/e/ = vogal anterior, média, fechada, oral, tônica

/N/ = arquifonema nasal

REFERÊNCIAS

- BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- CALLOU, Yonne e LEITE, Dinah. **Iniciação à fonética e à fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- CAVALIERE, Ricardo. **Pontos essenciais em fonética e fonologia**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2007 a.
- Dicionário de lingüística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- Problemas de lingüística descritiva**. Petrópolis: Vozes, 2007.b
- ROCHA LIMA, **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 2002.
- SILVA, Thais Cristófar. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos**. São Paulo: Contexto, 2007.
- SIMÕES, Darcília. **Considerações sobre a fala e a escrita: fonologia em nova chave**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

A SÍLABA NA LÍNGUA PORTUGUESA

8 aula

META

Rever o estudo da sílaba do Português segundo a gramática tradicional e identificar a estrutura e os diversos tipos de sílaba na língua portuguesa.

OBJETIVOS

Ao final desta aula o aluno deverá:

- identificar o número de sílabas das palavras;
- distinguir os monossílabos átonos dos tônicos;
- classificar as palavras da língua portuguesa quanto à tonicidade.
- identificar os padrões de sílabas fonológicas das palavras;
- distinguir os tipos de sílabas fonológicos dos ortográficos das palavras;
- identificar os padrões silábicos das palavras.



(Foto: Gerri Sherlock Araújo).

PRÉ-REQUISITOS

Aula 07

Na aula 07 você estudou os encontros vocálicos e viu que não é tão fácil essa teoria de ditongos, tritongos e hiato. Tudo depende de se considerar ou não como encontro vocálico muitos ditongos crescentes. A própria Nomenclatura Gramatical Brasileira deixa em aberto esses encontros considerando-os diton-

INTRODUÇÃO

gos instáveis, ou seja, podem ser considerados ditongos ou hiatos. Isso vai influir na contagem das sílabas porque se forem considerados ditongos terão menos sílabas do que se forem considerados hiatos. Vamos começar o estudo da sílaba fazendo uma revisão do que vocês já sabem sobre o que vocês viram no Ensino Básico desse assunto. Vamos também estudar a sílaba do ponto de vista da fonologia. É aquilo que conhecemos como estrutura fonológica, ou seja, quais os fonemas que ocupam o acento, ou o declive na sílaba, uma vez que o ápice é sempre ocupado pela vogal. Em outras palavras quais os fonemas que ficam antes ou depois da vogal na sílaba.



(Fonte: <http://www.planetaeducacao.com.br>).

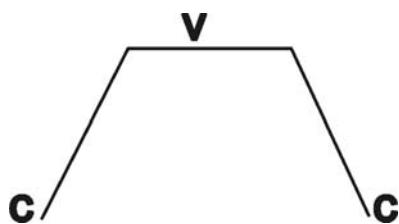
Não é fácil definir sílaba adequadamente porque existem muitas teorias, tanto da fonética quanto da fonologia, que tentam esclarecer essa questão. Do ponto de vista fonético, as tentativas se concentram na definição de sílaba com base no esforço articulatório necessário para produzi-la. As teorias fonológicas da sílaba, por outro lado, focalizam a maneira como os fonemas se combinam em cada língua para produzir sequências típicas.

ESTRUTURA DA SÍLABA

A sílaba fonética é toda emissão da voz laríngea caracterizada pela passagem do estreitamento à abertura do canal supraglótico (acima da glote). Esse conceito de sílaba fonética tem como base parâmetros da fonética articulatória.

Vimos que a sílaba compõe-se de dois elementos fundamentais: estreitamento e abertura. O estreitamento constitui o que se chama impulso silábico. Essa fase corresponde às consoantes e semivogais, enquanto a abertura corresponde à vogal. Em síntese, a cada vogal articulada, temos uma sílaba.

A sílaba pode ser entendida como o segmento ou conjunto de segmentos pronunciados de uma só vez. Em Português seu núcleo é sempre uma vogal. Como vimos na aula 6, no caso do Português, somente as vogais podem constituir o núcleo silábico. Isto é, na língua portuguesa não existe sílaba sem vogal, por isso as vogais são também chamadas de silábicas. As consoantes, ao contrário, ocupam o aclave e o declive da sílaba, ou seja, ficam antes e depois da vogal. Como a única parte obrigatória da sílaba é o ápice, as margens – aclave e declive – podem estar ou não presentes na sílaba. Assim, a estrutura da sílaba é constituída de três partes : uma parte obrigatória



– o ápice e duas partes marginais que podem ou não estar presentes – o aclave e o declive.

Nosso sistema fonológico se constitui de 33 fonemas, ou seja, 12 vogais, 19 consoantes e 2 semivogais. Esses fonemas combinam-se em sílabas. A sílaba é uma unidade de pronúncia maior do que um som e menor do que uma palavra. Pode-se pronunciar uma palavra pronunciando-se uma sílaba de cada vez, como em en-tre-tan-to. A noção de sílaba, em suma, é muito real para qualquer falante nativo. A silabação é o termo que se refere à divisão de uma palavra em sílabas. No Português temos:

MONOSSÍLABO – palavra de uma sílaba.

DISSÍLABO – palavra de duas sílabas

TRISSÍLABO – palavra de três sílabas

POLISSÍLABO – palavra de mais de três sílabas

Para sabermos quantas sílabas possuem uma palavra basta sabermos quantas vogais essa palavra tem. Assim é que a palavra *carmelita* tem quatro vogais e conseqüentemente quatro sílabas:

car-me-li-ta;

já a palavra *panela* tem três vogais e três sílabas:

pa-ne-la;

enquanto a palavra *letras* tem duas vogais e duas sílabas e a palavra *fê* tem uma vogal e uma sílaba.

Existem algumas particularidades que podem gerar dúvidas. A separação das sílabas depende dos encontros vocálicos e dos dígrafos. Quando existe, na palavra, ditongo ou tritongo, eles não se separam. Exemplo: *deitou* = *dei-tou*; *Uruguai* = *U-ru-guai*. Os hiatos são separados *criação* = *cri-a-ção*. Os dígrafos na língua portuguesa podem ser separáveis e inseparáveis, ou seja, ficam em sílabas diferentes (separáveis) ou na mes-



(Fonte: <http://pan.fotovista.com>).

ma sílaba (inseparáveis). Os dígrafos -rr-, -ss-, -sc-, -sç-, -xc- são separáveis como você pode ver nos exemplos: terra (ter-ra), massa (mas-sa), nascer (nas-cer), nasça (nas-ça), exceção (ex-ce-ção). Já os dígrafos ch-, -lh-, -nh-, qu-, gu- não se separam. Exemplo: chave (cha-ve), malha (ma-lha), banho (ba-nho), quero (que-ro), pegue (pe-gue).

Nos ditongos crescentes, temos sempre a possibilidade de separar ou não, ou seja considerar ditongo crescente ou hiato, mas, num texto, se a palavra estiver em final de linha, não deve ser separada. Dessa forma temos que considerá-los sempre como ditongo crescente na **translineação**.

Um outro ponto na separação das sílabas é em relação às consoantes não seguidas de vogal. Se ela vier no início da palavra deverá ficar à direita, junto à primeira sílaba como em psicose = psi-co-se. Se a consoante vier dentro da palavra deve se manter à esquerda, junto à sílaba anterior como em magnífico = mag-ní-fi-co.

Em relação aos prefixos, devem ser separados normalmente, seguindo as regras de separação de sílaba. Assim é desfazer = des-fa-zer, mas desigual, de-si-gual. Cuidado com palavras como ab-rupto; apesar de muitos pronunciarem abrupto, este prefixo é separado tanto na pronúncia quanto na separação de sílabas que ficará ab-rup-to. Outra palavra que já não é mais pronunciada como manda a gramática é sublinhar, que deve ser pronunciada separando-se o prefixo (sub-linhar) e portanto terá sua separação de sílabas em sub-li-nhar.

A PALAVRA E SUA SÍLABA TÔNICA

Sabemos que a sílaba tônica é a sílaba que é pronunciada com mais força, ou com mais intensidade que as outras sílabas de uma palavra. A sílaba tônica às vezes é acentuada graficamente; às vezes não.

xí-ca-ra

sílaba tônica

con-se-**quen**-te

sílaba tônica

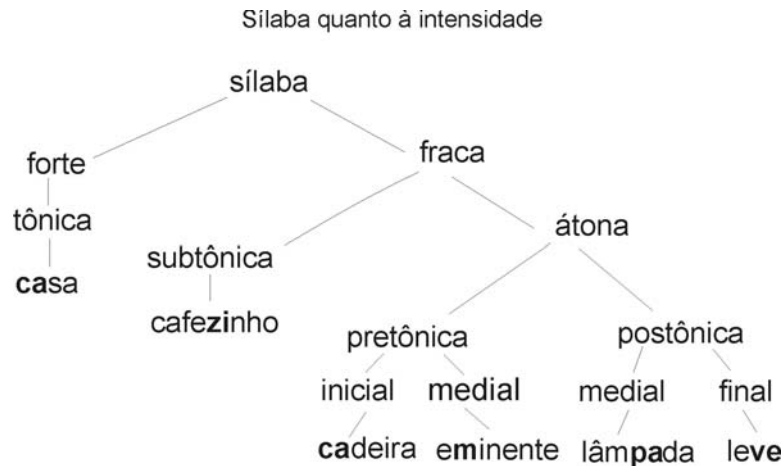
in-va-**sor**

sílaba tônica

Translineação

Passar, na escrita, de uma linha para outra, ficando parte do vocábulo no fim da linha superior e o restante no princípio da linha inferior.

Dependendo da posição da sílaba tônica, as palavras classificam-se como proparoxítona (simpático), quando a sílaba tônica é antepenúltima; paroxítona (madeira) quando a sílaba tônica é a penúltima e oxítona (guaraná) quando a sílaba tônica é a última. Veja o diagrama arbóreo a seguir



A sílaba subtônica só existe em palavras derivadas. Corresponde à sílaba tônica da palavra primitiva.

Reconhecer a sílaba tônica das palavras é um pré-requisito para o estudo da acentuação gráfica, assunto que iremos ver na nossa última lição. A classificação das palavras quanto à tonicidade não é difícil, mas como estudamos esse assunto logo nas primeiras séries e depois não o vemos mais, sempre sentimos uma certa dificuldade, não é mesmo?

MONOSSÍLABOS ÁTONOS

Todas as palavras possuem uma sílaba tônica e as palavras que só têm uma sílaba, os monossílabos, como ficam? Os monossílabos podem ser átonos e tônicos. Os monossílabos átonos não possuem acentuação própria, isto é, são pronunciados com pouca intensidade; são os artigos, pronomes oblíquos átonos, as preposições e as conjunções. “Há todavia um que outro dissílabo átono, como a preposição para, as conjunções como e porque, e a partícula pelo (pela, pelos, pelas). “ (ROCHA LIMA, 2007, p. 31) Os monossílabos tô-

nicos possuem acentuação própria, isto é, são pronunciados com bastante intensidade; são os pronomes pessoais do caso reto (eu, ele, nós, eles), os oblíquos tônicos (ti, mim, si) e muitas palavras de significação plena como fé, dor, só, mar etc. Muitas vezes os monossílabos átonos podem tornar-se tônicos, conforme a posição na frase:

Que falou? = átono

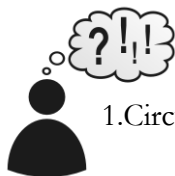
Falou o quê? = tônico

Outras vezes, monossílabos tônicos podem tornar-se átonos:

As palavras = átonas

Analise a palavra as = tônica

ATIVIDADES



1. Circule as palavras paroxítonas no texto seguinte.

Mas acho impossível me lembrar claramente de algo que aconteceu quando eu só tinha três anos. Baixo os olhos para a diminuta figura e digo: “Não sei dizer com palavras. Esqueci a língua que falava na época. Um menininho está me chamando em uma língua que não entendo mais”. (GAARDER, 2004, p. 200).

2. Circule os dissílabos do texto seguinte.

A velha fez-lhe ainda umas perguntas: “Se iria mesmo para o serviço; se o largara a febre que desde três dias o minava.” Em seguida, atravessou o corredor apertado, a sala de jantar (onde, numa cama de ferro estreitíssima, dormiam as duas filhas menores), e entrou no apertado cubículo a que chamavam a “cozinha”. (FONTES, 1975, p. 14).

3. Indique os monossílabos átonos e tônicos do texto:

“Esta havia acordado desde que a velha pusera os pés no

quarto. Mas conservava-se calada e muito **queda**, para por mais uns minutos gozar a tepidez reconfortante da cama.

Em voz áspera, a mãe chamou-a de novo e só então saltou da cama, num movimento brusco, como se houvesse obedecido ao impulso de uma mola.” (FONTES, 1975, p.15).

monossílabos tônicos: _____

monossílabos átonos: _____

4. Circule as palavras trissílabas no texto seguinte.

“Toda roda ou subcultura tem o seu próprio conjunto de suposições evidentes. O círculo em que Johannes se movia não continha ninguém que tivesse dito que não queria ser “autor”; eventualmente, e somente depois de muitos anos, alguém poderia reconhecer que isso era algo impossível de se conseguir. Não é a mesma coisa em qualquer lugar (GAARDER, 2004, p. 94).

Faina

Qualquer trabalho ininterrupto, persistente.

5. Circule as palavras oxítonas do texto seguinte.

“Sempre que o contramestre se afastava, para atender a um serviço mais além, elas se punham a palestrar com animação. De toda vez que a conversa a interessava, Clarinha interrompia sua tarefa para ouvir e falar mais à vontade. Albertina, diligente e robusta, dava atenção à prosa e continuava do mesmo jeito em sua **faina**.” (FONTES, 1975, p. 96).

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. Circule as palavras paroxítonas no texto seguinte.

Mas **acho impossível** me lembrar **claramente** de **algo** que aconteceu **quando** eu só **tinha** três **anos**. **Baixo** os **olhos** para a **diminuta figura** e **digo**: “Não sei dizer com **palavras**. Esqueci a **língua** que **falava** na época. Um **menininho** está me **chamando** em uma **língua** que não **entendo** mais”. (GAARDER, 2004, p. 200)

2. Circule os dissílabos do texto seguinte.

A **velha** fez-lhe ainda **umas** perguntas: “Se iria **mesmo para** o serviço; se o largara a **febre** que **desde** três **dias** o minava.” Em seguida, atravessou o corredor apertado, a **sala de jantar** (**onde, numa cama de ferro** estreitíssima, dormiam as **duas filhas** menores), e **entrou** no apertado cubículo a que chamavam a “cozinha”. (FONTES, 1975, p. 14).

3. Indique os monossílabos átonos e tônicos do texto:

“Esta havia acordado desde que a velha pusera os pés no quarto. Mas conservava-se calada e muito queda, para por mais uns minutos gozar a tepidez reconfortante da cama.

Em voz áspera, a mãe chamou-a de novo. e só então saltou da cama, num movimento brusco, como se houvesse obedecido ao impulso de uma mola.” (FONTES, 1975, p. 15).

monossílabos tônicos: **pés, mais, voz, mãe, só**

monossílabos átonos: **que, a, os, no, mas, se, e, por, uns, a, da, em, a, -a, de, e, da, num, se, ao, de.**

4. Circule as palavras trissílabas no texto seguinte.

“Toda roda ou subcultura tem o seu próprio **conjunto** de suposições evidentes. O **círculo** em que Johannes se **movia** não **continha** ninguém que **tivesse** dito que não **queria** ser “autor”; eventualmente, e **somente** depois de muitos anos, alguém poderia reconhecer que isso era algo impossível de se **conseguir**. Não é a mesma coisa em qualquer lugar.” (GAARDER, 2004, p. 94)

5. Circule as palavras oxítonas do texto seguinte.

“Sempre que o contramestre se afastava, para **atender** a um serviço mais **além**, elas se punham a **palestrar** com **animação**. De toda vez que a conversa a interessava, Clarinha interrompia sua tarefa para **ouvir** e **falar** mais à vontade. Albertina, diligente e robusta, dava **atenção** à prosa e continuava do mesmo jeito em sua faina.” (FONTES, 1975, p. 96)

PADRÕES SILÁBICOS FONOLÓGICOS:

Numa perspectiva fonológica, a língua portuguesa apresenta nove padrões silábicos. Dentre esses nove padrões silábicos fonológicos, quatro são padrões de estrutura completa e cinco são padrões de estrutura incompleta. Os padrões de estrutura completa são aqueles que possuem as três partes da sílaba ocupados, enquanto os padrões de estrutura incompleta são aqueles em que falta o aclave, ou o declive, ou ambos. Consideram-se C as consoantes e semivogais que ocupam as margens silábicas (aclave e declive), e V as vogais que ocupam o núcleo silábico (ápice). Vejamos:

Padrões de estrutura completa: são quatro

1. CVC = festa
2. CCVC = tranca
3. CVCC = perspectiva
4. CCVCC = transporte

Padrões com estrutura incompleta: são cinco

5. CV = rato
6. CCV = braço
7. VC = aorta
8. VCC = inscrição

9. V = alerta, amor

A seqüência mais comum no Português é CV, mas a seqüência CVC é muito comum também.

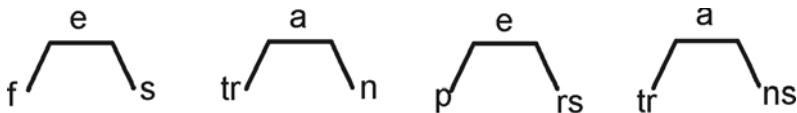
As consoantes e as semivogais, fonemas marginais da sílaba, são chamados assilabemas. Em Português, somente as vogais têm o traço silábico [+silábico], as consoantes e semivogais não possuem o traço silábico [-silábico]. A estrutura da sílaba depende desse centro, ou ápice, e do possível aparecimento da fase crescente, ou da fase decrescente, ou de uma e outra em volta dele, ou seja, nas suas margens ou encostas. (MATTOSO, 2007, p. 53)

TIPOS DE SÍLABAS

Assim, temos os seguintes tipos de sílaba:

A. Sílaba completa:

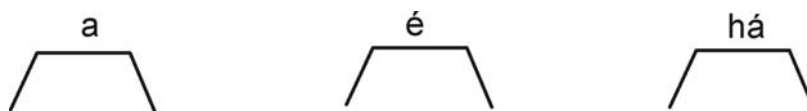
-quando o aclave, o ápice e o declive estão ocupados como nos padrões 1, 2, 3 e 4, em que temos:



Se você se lembra da classificação das consoantes segundo Mattoso Câmara Jr., sabe que todas as consoantes podem ocupar o aclave da sílaba, enquanto somente as consoantes s, z, x, n, m, r, e l (que se transforma na semivogal [w]) podem ocupar o declive.

B. Sílaba simples

- quando apenas o ápice está ocupado, ou seja, quando existe apenas a vogal. Veja os exemplos: a, é, há



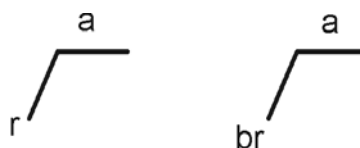
Como a letra h não é fonema, conseqüentemente, não ocupa nenhuma posição na sílaba. Acontece com os dígrafos também, ou seja, nos dígrafos as duas letras ocupam sempre o acento.

C. Sílaba composta ou complexa

- quando possui mais de um fonema. A sílaba composta pode ser:

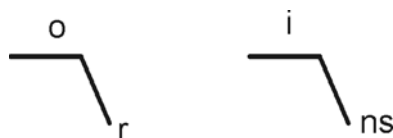
C.1. Sílaba composta aberta ou livre

- quando possui o acento e o ápice ocupados, como nos padrões 5 e 6 em que temos:



C.2. Sílaba composta fechada ou travada

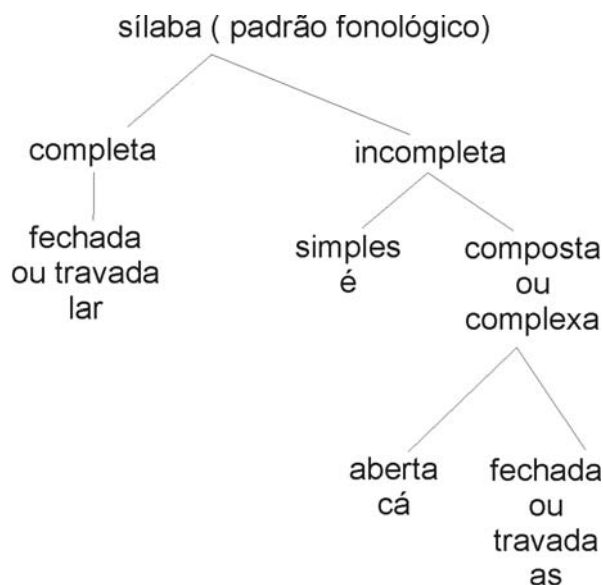
- quando possui o ápice e o declive ocupados, como nos exemplos 7 e 8 em que temos:



O prof. Mattoso Câmara Jr afirma, em relação ao estudo da estrutura da sílaba, que

Se chamarmos simbolicamente V o centro da sílaba e C um elemento marginal, teremos os tipos silábicos: V (sílaba simples), CV (sílaba complexa crescente), VC (sílaba complexa crescente-decrescente). Conforme a ausência ou a presença (isto é, V e CV, de um lado, e, de outro lado, VC e CVC), temos a sílaba aberta, ou melhor, livre, e a sílaba fechada, ou melhor, travada. (MATTOSO, 2007, p.54)

Diagrama arbóreo

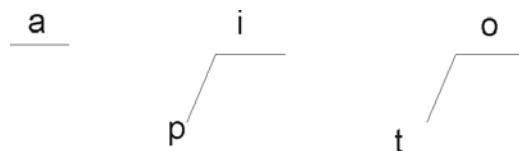


DIFERENÇA ENTRE O PADRÃO FONOLÓGICO E O ORTOGRÁFICO

Agora vamos diferenciar esses tipos de sílabas fonológica da ortográfica. As sílabas ortográficas são as que estamos acostumados a separar desde a primeira série do Ensino Fundamental Menor. Em camisa, temos três sílabas compostas abertas tanto ortográfica quanto fonologicamente. Nos dígrafos inseparáveis também temos as mesmas sílabas. Por exemplo: em folha temos duas sílabas compostas livres ou abertas tanto fonológica quanto ortograficamente. Mas nos dígrafos separáveis há modificação dos tipos silábicos. Por exemplo em carreira, apesar de termos três sílabas fonológicas e três sílabas ortográficas, os tipos de sílabas são diferentes. Fonologicamente ca- e -ra são sílabas compostas livres ou abertas, e -rei- é uma sílaba completa. Entretanto ortograficamente car- e -rei- são sílabas compostas fechadas ou travadas, e -ra é uma sílaba composta livre ou aberta. Preste atenção que isso não acontece nos dígrafos nasais. Neles temos sempre sílabas travadas ou fechadas. Em conta, pente, limpo, tanto, mundo, as sílabas con-, pen-, lim-

, tan- e mun- são completas tanto fonológica quanto ortograficamente, pois toda nasal trava a sílaba. Será que você percebeu que toda sílaba completa é travada, mas nem toda sílaba composta travada é completa? A sílaba as- de astro é uma sílaba composta travada, mas não é completa. Só é completa aquela sílaba que possui as três partes.

Há ainda uma outra possibilidade de diferença entre as sílabas fonológicas das ortográficas. É nas palavras em que há uma consoante oclusiva ou fricativa labial no declive como apto, afta, psicose, mogno. Em todas essas palavras, fonologicamente, aparece uma sílaba composta livre ou aberta a mais, pois, fonologicamente, a consoante não ocorre sozinha na sílaba.



A diferença entre apto e apito não é que apito tem o “-i”, enquanto apto não tem “-i”, mas que em apto a sílaba tônica é a, e em apito, a sílaba tônica é -pi-. “Na realidade há entre uma e outra consoante a intercalação de uma vogal, que não parece poder ser fonemicamente desprezada, apesar da tendência a reduzir a sua emissão no registro formal da língua culta (MATTOSO, 2007, p. 57)

ATIVIDADES



1. Gramaticalmente, indique as sílabas compostas travadas (não completas) das palavras do texto:

“Ora, Diogo, por acaso você pensa que alguém veio plantar por aqui os caranguejos, camarões, peixes, siris e os outros frutos do mar? Tudo está aí como estava quando os portugueses chegaram. Talvez esteja pior. Os índios faziam suas aldeias atrás dos

mangues para não incomodar as crias, sua comida.” (MORAES, 1990, p. 22)

Nas portas, nas esquinas, havia muita gente aglomerada para ver passar os noivos. Das vielas e das casas, de quando em quando surgiam mulheres apressadas. Postavam-se junto às conhecidas e punham-se a trocar suas impressões.”(FONTES, 1975, p. 58)

3. Fonologicamente, indique as sílabas simples das palavras do texto: “Feliz ficou Gaspar com a vinda de mais dois jesuítas, não temendo por seus atos nem por averiguações. E logo combinou que partiriam todos a escolher um local, tanto perto do mar quanto de São Tomé, onde fariam seus acompanhantes aldeia própria, com escola e igreja, e teriam matas para caçar, mar e rio para pescar e terras para plantar.” (MORAES, 1990, p. 22)

4. Gramaticalmente, indique as sílabas completas das palavras do texto:

“Ele disse que o desgraçado não demorou muito em Simão Dias. Foi logo mudando pra Itabaiana ou pra São Paulo. Quando saiu, deixou a bichinha à toa por lá, jogada no oco do mundo... (FONTES, 1975, p. 78)

5. Por que a sílaba -tra da palavra ostra é composta livre?

6. Por que a sílaba -tra da palavra ostra é composta livre?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. Gramaticalmente, indique as sílabas compostas travadas (não completas) das palavras do texto:

As sílabas compostas travadas só possuem o ápice e o declive, ou seja, possuem uma ou mais consoantes, ou semivogais depois da vogal; e não tem nenhuma consoante ou semivogal antes da vogal.

“Ora, Diogo, por acaso você pensa que **alguém** veio plantar

por aqui **os** caranguejos, camarões, peixes, siris e **os** outros frutos do mar? Tudo **está** aí como **estava** quando **os** portugueses chegaram. Talvez **esteja** pior. **Os** índios faziam suas **aldeias** atrás dos mangues para não **incomodar** **as** crias, sua comida.” (MORAES, 1990, p. 22)

Acho que você não teve dificuldades, mas vou dar algumas explicações:

Na palavra pior, será que você considerou hiato? A pronúncia mais comum aqui em Sergipe é pi-or; talvez no Sul se encontre a pronúncia pior como monossílabo.

E suas? aqui não podemos considerar de jeito nenhum ditongo porque o a não pode ser semivogal e a sílaba tônica é su-. Em crias acontece a mesma coisa.

2. Fonologicamente, indique as sílabas compostas livres das palavras do texto:

“Nas portas, nas **esquinas**, havia muita gente **aglomerada** **para** ver **passar** os noivos. Das **vielas** e das **casas**, **de** quando em quando **surgiam** **mulheres** **apressadas**. **Postavam-se** junto às **conhecidas** e **punham-se** a **trocar** **suas** **impressões** (FONTES, 1975, p. 58)

As sílabas compostas livres não possuem nenhuma consoante ou semivogal no declive, ou seja, só possuem uma ou mais consoantes ou semivogal antes da vogal, e a vogal. Aglomerada possui quatro sílabas compostas livres. Aqui você deve ter tido cuidado com os dígrafos separáveis, como nas palavras passar, apressadas e impressões. Não se esqueça de que você está trabalhando com fonemas e o dígrafo são duas letras e um só fonema. Portanto, mesmo que na separação de sílabas o dígrafo seja separável, na estrutura da sílaba fonológica ele fica junto; é como se você estivesse escrevendo a transcrição fonética. Os outros dígrafos não apresentam problemas porque ficam juntos mesmo.

E na palavra havia, você considerou hiato? É claro que é hiato porque o a não pode ser semivogal e a sílaba tônica é -vi-.

3. Fonologicamente, indique as sílabas simples das palavras do texto:

“Feliz ficou Gaspar com **a** vinda de mais dois jesuítas, não temendo por seus **atos** nem por **averiguações**. **E** logo combinou que partiriam todos **a** escolher um local, tanto perto do mar quanto de São Tomé, onde fariam seus acompanhantes aldeia própria, com escola **e** igreja, **e** teriam matas para caçar, mar **e** rio para pescar **e** terras para plantar.” (MORAES, 1990, p. 22)
Aqui a única palavra que pode ter deixado você em dúvidas é rio. Se você me perguntar qual a diferença entre ele riu que é ditongo e o rio que é hiato, eu não saberia lhe dizer. Mas a gramática normativa considera assim. Foneticamente falando, a pronúncia das duas é a mesma.

4. Gramaticalmente, indique as sílabas completas das palavras do texto:

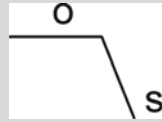
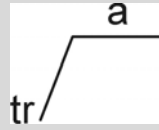
“Ele **disse** que o **desgraçado não** demorou **muito** em **Simão** Dias. **Foi** logo **mudando** pra Itabaiana ou pra **São Paulo**. **Quando** saiu, **deixou** a bichinha à toa **por** lá, jogada no oco do **mundo**...(FONTES, 1975, p. 78)

Aqui você só vai considerar as sílabas que têm o aclave, o ápice e o declive. Como é a sílaba gramatical em dis- temos uma sílaba completa porque possui o aclave, o ápice e o declive. Em deixou, são duas sílabas completas.

5. Por que a sílaba -tra da palavra ostra é composta livre?

Porque possui o aclave e o ápice ocupados, como você pode ver no gráfico:

6. Por que a sílaba *os-* da palavra *ostra* é composta travada? Porque possui ápice e declive, como você pode ver no gráfico:



A teoria da sílaba segundo o número de sílabas é uma das primeiras noções dentro do estudo da língua portuguesa que vemos na Educação Básica. Essa teoria só apresenta alguma dificuldade em relação aos monossílabos. Os monossílabos tônicos são sempre palavras de significação exterior como os substantivos, enquanto os monossílabos átonos são normalmente instrumentos gramaticais como preposições e conjunções. Mas, como vimos, isso não é definitivo. A classificação das palavras segundo a posição da sílaba tônica também já é assunto visto desde os primeiros anos dos estudos de Português. Mesmo assim, sabemos que ainda existe dificuldade em saber se a palavra é oxítona, paroxítona ou proparoxítona se elas não são acentuadas graficamente. E essa classificação é importante para o estudo da acentuação gráfica. Além disso, vimos o estudo da estrutura da sílaba tanto do ponto de vista fonológico quanto do ponto de vista ortográfico. O professor Mattoso Câmara Jr. foi quem primeiro fez o seu estudo na década de 70 quando estudava a estrutura da língua portuguesa. Hoje, algumas gramáticas já trazem o estudo da constituição da sílaba. O prof. Bechara mesmo apresenta esta classificação da sílaba em simples, composta aberta ou livre e composta fechada ou travada. (BECHARA, 2002, p. 582)

CONCLUSÃO



Capa da *Gramática escolar da língua portuguesa*, de Evanildo Bechara.
(Fonte: <http://www.lucerna.com.br>).

RESUMO



A sílaba é uma unidade de pronúncia maior do que um som e menor do que uma palavra. No Português, as palavras, quanto ao número de sílaba se classificam em: monossílabo, quando tem apenas uma sílaba, dissílabo, quando tem duas sílabas, trissílabo, quando tem três sílabas e polissílabo, quando tem mais de três sílabas. Quanto à intensidade, as palavras podem ser: oxítonas, quando a sílaba tônica recai na última sílaba; paroxítona, quando a sílaba tônica recai na penúltima sílaba; e proparoxítona, quando a sílaba tônica recai na antepenúltima sílaba. Os monossílabos podem ser átonos quando não têm força própria e têm que se apoiar em uma outra palavra, e tônicos quando têm força própria.

A sílaba possui três partes: aclive e declive ocupados pelas consoantes e semivogais; e ápice, ocupado pela vogal e por uma só vogal. As sílabas podem ser: a) sílaba completa se possui as três partes (aclive, ápice e declive), como na palavra PAR; b) simples se possui apenas o ápice, como na palavra É; c) composta livre se possui o aclive e o ápice, como na palavra DE; d) composta travada se possui o ápice e o declive, como na palavra AS.

A estrutura da sílaba fonológica nem sempre é semelhante à estrutura da sílaba ortográfica. Isso acontece nas palavras que possuem consoantes sem vogal e nos dígrafos separáveis.

ARMANDO FONTES

Nasceu em 15 de maio de 1899, em Santos São Paulo. Aos cinco meses fica órfão de pai e a família volta a residir em Aracaju. Em 1933, publica “Os corumbas” livro que havia começado 12 anos antes. Faleceu em 1º de dezembro de 1967.

JOSTEN GAARDEN

Nasceu em 1952, na Noruega. Estudou filosofia, teologia e literatura, e foi professor durante dez anos. Em 1991, ganhou projeção internacional com O mundo de Sofia.

GISELDA SANTANA MORAES

Giselda Santana Moraes nasceu em 1939 na cidade de Campo do Brito - Sergipe. Fez seus estudos primários no Grupo Escolar Tobias Barreto da cidade de Tobias Barreto (Sergipe); já os estudos ginasiais e secundários foram feitos no Colégio N.S. de Lourdes e Ateneu Sergipense em Aracaju. Seu primeiro livro de poesias, Rosa do Tempo, foi publicado em 1958, em Aracaju, pelo Movimento Cultural de Sergipe. Em 1959, inicia seus estudos universitários em Belo Horizonte, mas termina seus estudos na Bahia. É graduada em Filosofia e em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia, e Doutora, em Psicologia, pela Universidade de Lyon (França), realizando, mais tarde, estágio pós-doutoral .

Publica Ibiradiô - as várias faces da moeda, Aracaju, 1990.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.
- FONTES, Amando. **Os corumbas**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1975.
- GAARDER, Jostein. **O vendedor de histórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MORAES, Giselda Santana. **Ibiradiô - as várias faces da moeda**. São Paulo: Editora Scortecci, 2004.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: 2007.

VARIAÇÃO FONOLÓGICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

9
aula

META

Demonstrar a importância do estudo da variação na fala de uma comunidade e sua relação no mecanismo da mudança lingüística.

OBJETIVOS

Ao final desta aula o aluno deverá: reconhecer no português brasileiro as principais variações fonológicas

- das vogais postônicas;
- das vogais pretônicas;
- das consoantes posvocálicas.



PRÉ-REQUISITOS

Aula 08.

(Fonte: <http://www.plenarinho.gov.br>).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN defendem que ensinar é produzir e promover conhecimento. Nessa perspectiva podemos compreender o ensino de língua portuguesa como capaz de promover a produção do conhecimento, devido à necessidade de interação social dos indivíduos e a relação deles com o conhecimento. Essa dimensão de ensino de língua

INTRODUÇÃO

portuguesa pressupõe considerar a língua em sua dimensão heterogênea, ou seja, deve-se levar em consideração a sua heterogeneidade, a sua diversidade, mas deve-se considerar também os falantes que a utilizam porque a língua se presta a numerosas formas de uso. Essas formas de uso dependem do meio social, ou socioeconômico, ou cultural dos falantes, ou da situação de comunicação nas quais os falantes se encontram. É importante ressaltar que do ponto de vista lingüístico, temos apenas diferentes usos porque as pessoas não falam da mesma maneira.



(Fonte: <http://www.submarino.com.br>).

Fatores linguísticos (posição das palavras na frase, a ênfase a determinados elementos, as relações de concordância que se estabelecem entre vários elementos da frase, o uso de pronomes etc.) e extralinguísticos (sexo, faixa etária, nível de escolaridade, situação socioeconômica, profissão, situação de comunicação etc.) podem interferir no uso da língua. Para Labov, a existência de variações e estruturas heterogêneas nas comunidades linguísticas é uma realidade.

VARIAÇÃO FONOLÓGICA

Em princípio, uma língua apresenta, pelo menos, três tipos de diferenças internas, que podem ser mais ou menos profundas: 1. diferenças de espaço geográfico ou variação diatópica (falares locais, variantes regionais); 2. diferenças entre as camadas sócio-culturais ou variação diastrática (nível culto, nível popular, língua padrão etc) e 3. diferenças entre os tipos de modalidade expressiva (língua falada, língua escrita, literária, linguagem formal, coloquial, linguagens especiais, linguagem dos homens, das mulheres etc) ou variação diamésica.

As principais regras fonológicas de variação no português brasileiro ocorrem na posição pós-vocálica da sílaba. É muito importante observar que as vogais médias /e/ e /o/ são geralmente pronunciadas [i] e [u] em sílabas átonas, pretônicas ou postônicas, principalmente as átonas finais. Conforme vimos na aula 06, quando da classificação das vogais, segundo o prof. Mattoso Câmara Jr., em posição átona final ocorre uma neutralização entre a vogal alta (/i/ e /u/) e a média(/e/ e /o/) em proveito da alta. Assim é que em palavras como ‘marte’, ‘parto’, as vogais /e/ e /o/ finais são sempre pronunciadas [i] e [u]. Isso acontece em todo o Brasil, em todas as classes sociais, em qualquer grau de escolaridade, entre homens e mulheres. Portanto não há discriminação quanto a essa variante; todos nós a usamos. Não é preciso repetir que as médias de 1º grau (/ɛ/ e /ɔ/) nunca aparecem entre as átonas finais. Nas postônicas não finais, pode ocorrer neutralização ou não. Aqui no Nordeste muitas vezes pronunciamos abertas as vogais ‘e’ e ‘o’ em palavras como

‘número’ [¹ numɛɾu] e ‘pérola’ [¹ pɛɾɔla]. Sabemos que essas mesmas palavras são, na maioria das vezes, pronunciadas como [¹ nuneru] e [¹ pɛɾola] ou [¹ numiɾu] e [¹ pɛɾula]. Por isso o prof. Ricardo Cavaliere afirma que

não há registro no português do Brasil de vogais médias de primeiro grau (/ɛ/ e /ɔ/) nesta posição. Uma pronúncia [¹ numɛɾu] ou [¹ pɛɾola] decerto não seria acatada como variante ortoépica pelo falante do português, razão por que não se há de falar, neste caso, em neutralização entre as médias de segundo e primeiro grau, senão em verdadeira impossibilidade de ocorrência dessas últimas. (CAVALIERE, 2005, p. 81.)

Variante ortoépica

Tipo de variação quando se compara a pronúncia normal e correta das palavras

Mas nós sabemos que essas pronúncias ocorrem aqui em Sergipe, apesar do que diz o prof. Cavaliere. É claro que, como é uma característica nordestina, é muito desprestigiada. Entretanto, mesmo no Sul e Sudeste do Brasil, encontramos palavras em que ocorrem não apenas as médias de segundo grau (/e/ e /o/), mas principalmente as médias de 1º grau (/ɛ/ e /ɔ/) quando antecedem a um tepe (/ɾ/). Exemplo: ópera, câmara, frutífero pronunciadas [¹ ɔpɛɾa], [¹ kamɛɾa], [fɾu ¹ tifɛɾu]. Outro ponto a assinalar nas átonas postônicas não finais é em relação à existência ou não de neutralização das anteriores /e/ pelo /i/. Sabemos que o prof. Mattoso Câmara Jr. afirma que há apenas neutralização do /o/ pelo /u/. Entretanto estudos recentes pautados no modelo variacionista, demonstram que há neutralização tanto do /o/ pelo /u/ quanto do /e/ pelo /i/, conforme assinala a prof^a. Leda Bisol, “os resultados da análise estatística apontam ... que na pauta da postônica não final, a elevação de ambas as vogais vem ocorrendo,...(BISOL, 2002, p.130).

Passemos agora para a ocorrência das átonas pretônicas. Em relação às vogais pretônicas orais médias (/e/, /ɛ/, /o/, /ɔ/), verificamos que desaparece a distinção entre /e/ e /ɛ/ e entre /o/ e /ɔ/. Aqui no Nordeste nós optamos pela pronúncia aberta em palavras como negado [nɛ ¹ gadu] e podado [pɔ ¹ dadu], enquanto

na região Sul e Sudeste eles optam pela pronúncia fechada [ne 'gadu] e [po 'dadu]. Por isso mesmo, encontramos nos trabalhos sobre fonética, a característica da abertura das pretônicas para a fala do nordestina. Mas isso não é tudo, veja o que dizem as professoras Yonne Leite e Dinah Callou:

A opção por uma vogal baixa aberta, [ɛ] ou [ɔ], ou alta fechada, [i] ou [u], obedece a condicionamentos estruturais e sociais, sutilezas que passam despercebidas aos falantes e ouvintes. O primeiro condicionamento é a presença de uma vogal alta ou baixa na sílaba acentuada, como em c[u]ruja e p[i]rigo, em vez de coruja e perigo, P[ɛ]lê e b[ɔ]lota, em vez de Pelé e bolota. As consoantes adjacentes são também condicionadoras do processo de elevação. A lateral palatal, grafada lh, tem o efeito de alterar a vogal (c[u]lher e m[i]lhor). As consoantes labiais (p/b, f/v, m) provocam a elevação apenas de o, como em m[u]leque, b[u]neca, apesar da presença em sílaba tônica de uma vogal aberta. A vogal pretônica da palavra melhor chega, em algumas áreas, a admitir as três pronúncias, m[e]lhor, m[i]lhor e m[ɛ]lhor, a primeira, em que nenhuma regra se aplica, já que a elevação e abaixamento são processos facultativos, a segunda, em que atua a consoante lh, e a terceira em que o fator condicionante é a vogal aberta da sílaba tônica (LEITE; CALLOU 2002, p. 41)

Em relação às vogais nasais /ẽ/ e /õ/, observamos que apenas o /ẽ/ pode ser pronunciado /ĩ/ como em 'encolhido' e 'encontro' pronunciados [ĩku'lhidu] ou [ĩko'lhidu], [ĩ'kɔntɾu], mas é difícil encontrarmos embelezar com a pronúncia [ĩbele'zar]. É mais fácil encontrarmos [ẽbele'zar] ou [ẽbele'zar], não é mesmo?

Passemos agora para as consoantes em posição posvocálica. Em todas as regiões do Brasil, o /R/ pós-vocálico, independentemente da forma como é pronunciado, tende a ser suprimido, especialmente nos infinitivos verbais (amar > amá; saber > sabê; sentir



(Fonte: <http://www.riogrande.com.br>).

> senti), nas formas do futuro do subjuntivo: (se eu estiver > estivé; se ele quiser > quisé; se ela fizer > fizé), nos substantivos (amor > amô); nos adjetivos (melhor > melhó); e nos advérbios (devagar > devagá).

Quando o suprimimos, alongamos a vogal final e damos mais intensidade a ela. A regra de supressão do /R/ nos infinitivos dá origem a uma

hipercorreção (fenômeno que você

já conhece) que resulta em construções assim: “João *estar muito quieto hoje”. Esta, como qualquer outra hipercorreção, decorre de uma hipótese malsucedida. O falante da língua, quando suprime um r em infinitivo verbal ao escrever, faz isso porque na língua oral ele já não usa mais esse r. Então, ao produzir uma forma como está, da terceira pessoa do singular do indicativo presente, imagina que nela também haveria um r que foi igualmente suprimido, e acrescenta esse suposto r, incorrendo numa hipercorreção. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 85)

Hipercorreção

Preocupação de falar bem que resulta em erro. (ultracorreção)

A vocalização do /l/ pós-vocálico, tanto em final de sílaba quanto em final de palavra, é uma outra característica comum a todas as regiões do Brasil exceto o Sul. Mesmo assim, “a pronúncia vocalizada concorre em Porto Alegre com a pronúncia velar/alveolar, com predomínio da primeira entre os jovens, o que indicaria uma mudança em progresso...” (LEITE; CALLOU 2002, p. 47) Nas palavras paroxítonas terminadas em /l/, observamos também a supressão desse fonema em estilos não-monitorados, principalmente quando estão falando depressa. Para o ensino, a vocalização do /l/ pós-vocálico torna-se um problema porque os alunos têm de aprender a usar a letra ‘l’ em palavras como sol, dócil, cartel, total, a letra ‘u’ em palavras como cacau, pauta, e a letra ‘o’ em palavras como

navio, pavio. Por isso sempre dizemos que é preciso tempo para que a criança adquira a norma escrita.

Outro fonema que ocorre na posição pós-vocálica é o /s/. Esse fonema é representado graficamente pelas letras **s**, **x**, **z**, exemplo bis, metas, luz, tenaz, exposição. Como vimos na aula 05, quando tratamos da classificação das consoantes segundo o prof. Mattoso Câmara Jr.. Aqui em Aracaju, em relação às quatro sibilantes, temos o seguinte:

1. diante de pausa ou de consoante surda, exceto /t/ temos /s/: casas /'kazas/, as feiras /asfeyɾas/, as cartas /as'kaɾtas/, as pausas /as'pawzas/, as salas /a'salas/;
2. diante de t- temos /ʃ/: teste /teʃti/, tostar/tɔʃtaɾ/;
3. diante de vogal e de consoante sonora exceto -d, temos -z: as árvores /a'zaɾvɔɾis/, as balas /az'balas/, as gomas /az'gomas/, as velas /az'velas/, as laranjas /azla'rãʒas/, as malas /azmalas/, os ninhos /uz'niɲus/;
4. diante de d- temos /ʒ/: desde /'deʒdi/, as dinhas /aʒ'diɲas.

Continuando o nosso estudo sobre a variação fonológica, passemos agora para a **monotongação** de ditongos. A monotongação do ditongo [ow] já está generalizada na língua oral, mesmo nos estilos monitorados. Praticamente não pronunciamos esse ditongo mais, nem nas sílabas tônicas finais que são mais resistentes, nem nas átonas iniciais ou internas.

- cantou > [kã' to]
- vou > [' vo]
- pouco > [' poku]
- tesouro > [te' zoɾu]
- outro > [' otɾu]
- ouru > [' oɾu]

Esse processo (a monotongação do ditongo [ow]) é muito antigo na língua, desde a evolução do latim para o português, como podemos ver em paucum > pouco > poço. Portanto a escola precisa dedicar muita atenção na escrita desse ditongo desde o início do processo de alfabetização para que o aluno se familiarize com esse fato.

Monotongação

Refere-se à perda da semivogal dos ditongos.

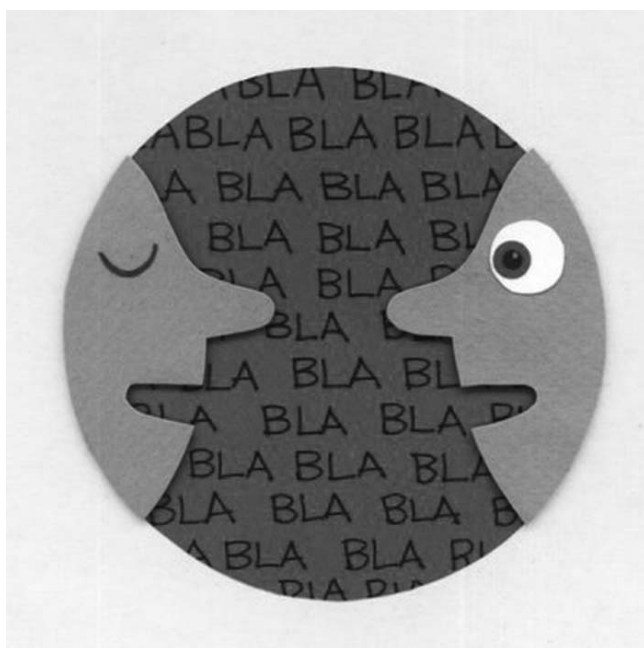
Outros ditongos que sofrem processo de monotongação são os ditongos [ay] e [ey]. A redução desses ditongos ([ay] e [ey]) é condicionada aos contextos fonológicos. Os fonemas [ʒ], [ʃ] e [r] como em queijo, faixa e feira provocam a monotongação, por isso pronunciamos [ˈkeʒu], [ˈfaʃa] e [ˈfeɾa]. Mas antes de fonemas como /v, l, t, s, n, m/ não ocorre a monotongação como podemos ver nas pronúncias das palavras raiva [ˈɾayva], seiva [ˈseyva], jeito [ˈʒeytu], baila [ˈbayla], baita [ˈbayta], paisagem [payˈzaʒey], reino [ˈReynu], teima [ˈteyma]. Observamos que em palavras como manteiga já se reduz o ditongo, apesar de não haver redução antes de leiga. Aqui em Sergipe já estamos monotongando o ditongo [ey] antes de [d], como no nome próprio Almeida pronunciado [awˈmeda].

Ainda que a regra de monotongação dos ditongos com a semivogal /i/ esteja menos avançada na língua que a regra de monotongação do ditongo /ou/, ela requer também muita atenção em sala de aula, principalmente em palavras muito usadas como DINHEIRO, COZINHEIRO, INTEIRO, CABELEIREIRO, BEIJO, LIMOEIRO etc (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 97)

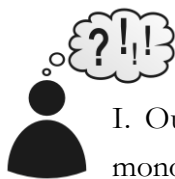
A linguagem tem um caráter simbólico, pois identifica se o falante é brasileiro ou português, se é nordestino, carioca ou sulista. Além disso, a fala também permite reconhecer se o falante é homem ou mulher, jovem ou idoso, se tem escolaridade ou não. Como a linguagem é um parâmetro, também é usada para discriminar e estigmatizar o falante. Lingüisticamente falando, Não se justificam julgamentos de valor porque a capacidade de linguagem é inata. Sendo assim, não existe variante boa ou má, dialeto superior ou inferior. Na realidade, essas variações são, muitas vezes, determinadas por fatores sociais. Essas variações são mais flagrantes no vocabulário e na pronúncia, entretanto o falante do norte do Brasil não tem nenhuma dificuldade de entender o falante do sul. A falta

de compreensão nunca foi problema, a questão era e é sempre a existência de uma língua padrão que, de acordo com Yonne Leite e Dinah Callou, recaiu na fala do Rio de Janeiro. Essa preferência

se deveu, prioritariamente, a razões extralingüísticas: o fato de o Rio de Janeiro estar geograficamente no centro de uma polaridade norte/sul, ser centro político há mais tempo, capital da Colônia desde 1763, e ser uma área cuja linguagem culta tende a apresentar menor número de marcas locais e regionais, com uma tendência universalista, dentro do país. (LEITE; CALLOU2002, p. 9-10).



(Fonte: <http://www.batepapoecommerce.com>).



ATIVIDADES

I. Ouça a música folclórica CARANGUEJO e identifique as monotongações ocorridas.

Caranguejo não é peixe, Palma, palma, palma.

Caranguejo peixe é. Pé, pé, pé!

Caranguejo só é peixe Roda, roda, roda.

Na vazante da maré. Caranguejo peixe é.

II. Agora ouça a música de Chico Buarque *A banda*, e assinale as variações existentes.

Estava à toa na vida
 O meu amor me chamou
 Pra ver a banda passar
 Cantando coisas de amor

A minha gente sofrida
 Despediu-se da dor
 Pra ver a banda passar
 Cantando coisas de amor

O homem sério que contava dinheiro parou
 O faroleiro que contava vantagem parou
 A namorada que contava as contava as estrelas parou
 Para ver, ouvir e dar passagem

A moça triste que vivia calada sorriu
 A rosa triste que vivia fechada se abriu
 E a menina toda se assanhou
 Pra ver a banda passar
 Cantando coisas de amor

Estava à toa na vida
O meu amor me chamou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor

A minha gente sofrida
Despediu-se da dor
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor

O velho fraco se esqueceu do cansaço e pensou
Que ainda era moço pra sair no terraço e dançou
A moça feia debruçou na janela
Pensando que a banda tocava pra ela

A marcha alegre se espalhou na avenida e insistiu
A lua cheia que vivia escondida surgiu
Minha cidade toda se enfeitou
Pra ver a banda passar cantando coisas de amor

Mas para meu desencanto
O que era doce acabou
Tudo tomou seu lugar
Depois que a banda passou

E cada qual no seu canto
Em cada canto uma dor
Depois da banda passar
Cantando coisas de amor
Depois da banda passar
Cantando coisas de amor

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. A palavra caranguejo apresenta uma variante; normalmente é pronunciada como tendo um ditongo /ey/. Isso faz com que muitos alunos escrevam errado a palavra.
2. Na palavra peixe ocorre exatamente o contrário. O ditongo /ey/ é monotongado.

II. Agora ouça a música de Chico Buarque A banda, e assinale as variações existentes.

1. Substantivos terminados em -r não pronunciados = amor, dor.
2. Verbos terminados em -r não pronunciados = passar, ver, ouvir, dar, sair.
3. Monotongação do ditongo /ow/ = chamou, parou, assanhou, pensou, dançou, debruçou, espalhou, enfeitou, acabou, passou.
4. Ditongação de vantagem, passagem.

A grande extensão territorial do Brasil acrescida de uma população, além de numerosa, muito diversificada permite antever uma heterogeneidade dialetal e não “a idealização de um país monolíngue e de uma gramática pura, imutável”. Acrescente-se a isso, a realidade de uma elite econômico-social que detém o privilégio do domínio de um português padrão que lhe assegura um poder político-cultural.

CONCLUSÃO

Como não há como acabar com o preconceito linguístico porque a pressão social é contínua e os meios de comunicação de massa sempre corroboram com esse preconceito, a escola, para ser realmente democrática, deveria reconhecer a diversidade linguística e trabalhar com essa diversidade a fim de possibilitar a todos os brasileiros as mesmas oportunidades para o acesso às normas prestigiadas.

VARIAÇÃO DIACRÔNICA

etimologicamente: aquela que se dá através do tempo. Às vezes essa variação é percebida comparando-se gerações.

Variação diatópica = (do grego *dia* = através de; *topos* = lugar) diferenças que uma mesma língua apresenta quando é falada em diferentes regiões de um mesmo país.

Variação diastrática = etimologicamente: o tipo de variação que se encontra quando se comparam diferentes estratos de uma população. Diferença entre o português falado pela parte mais escolarizada da população e pela parte menos escolarizada.

Variação diamésica = etimologicamente: variação associada ao uso de diferentes meios de expressão utilizados. Refere-se principalmente às variações que se observam entre a língua falada e a língua escrita. Entre o falado e o escrito há uma diferença de planejamento.

RESUMO



As principais regras fonológicas de variação no português brasileiro ocorrem na posição pós-vocálica da sílaba.

Em posição átona final ocorre uma neutralização entre a vogal alta (/i/ e /u/) e a média (/e/ e /o/) em proveito da alta.

Nas postônicas não finais, pode ocorrer neutralização ou não entre [ɛ, e, i] e [ɔ, o, u], principalmente se esses fonemas ocorrem antes de tepe [ɾ]

Nas vogais pretônicas orais médias (/e/, /ɛ/, /o/, /ɔ/), pode desaparecer a distinção entre /e/ e /ɛ/ e entre /o/ e /ɔ/. A presença de uma vogal alta na sílaba acentuada alarga a vogal pretônica, e a presença de vogal baixa na sílaba tônica baixa a vogal pretônica. Se a lateral palatal (/ʎ/), grafada lh, vier após a vogal pretônica ela tem o efeito de alargar a vogal. As consoantes labiais (p/b, f/v, m) provocam a elevação apenas de /o/.

Nas pretônicas nasais /ẽ/ e /õ/, pode haver neutralização do /ẽ/ pelo /ĩ/, mas não há obrigatoriedade.

As consoantes em posição posvocálica também apresentam variação. Em todas as regiões do Brasil, o /ɾ/ pós-vocálico, independentemente da forma como é pronunciado, tende a ser suprimido, especialmente nos infinitivos verbais e nas formas do futuro do subjuntivo.

O l pós-vocálico é vocalizado em todas as regiões do Brasil exceto o Sul.

O /s/ pós-vocálico, como vimos desde a aula 05, aqui em Aracaju, é realizado de quatro maneiras:

1. diante de pausa ou de consoante surda, exceto /t/ temos /s/:
casas /'kazas/, as feiras /as'feɾas/, as cartas /as'kaɾtas/, as pausas /as'pawzas/, as salas /a'salas/;
2. diante de t- temos /ʃ/: teste /'teʃti/, tostar /tɔʃ'taɾ/;
3. diante de vogal e de consoante sonora exceto -d, temos -z: as árvores /a'zaɾvɔɾis/, as balas /az'balas/, as gomas /az'gomas/, as velas /az'velas/, as laranjas /azla'ɾaʒas/, as malas /az'

malas/, os ninhos /uz¹ niɲus/;

4) diante de d- temos /ʒ/: desde /'deʒdi/, as dinhas /aʒ'diɲas/. Os ditongos [ow], [ay] e [ey] podem ser monotongados. Somente a monotongação dos ditongos ([ay] e [ey]) é condicionada a determinados contextos fonológicos.

WILLIAM LABOV

Nasceu em 4 de dezembro de 1927 em Rutherford, Nova Jersey. estudou em Harvard (1948). Sua tese MA (1963) é um estudo de mudança no dialeto de Martha's Vineyard. Teve seu PhD (1964) na Columbia University sob orientação de Uriel Weinreich. É considerado o fundador da teoria da variação na sociolinguística. Labov ensinou na Columbia (1964-70) antes de se tornar professor de linguística na Universidade da Pensilvânia (1971). Os métodos que ele usou para recolher dados para o seu estudo das variedades de Inglês falado na cidade de Nova York, foram publicados como A Estratificação Social de Inglês em New York City (1966). Mais recentemente ele tem estudado as mudanças na fonologia de Inglês falado nos Estados Unidos hoje.

REFERÊNCIAS

- BISSOL, Leda e BRESCANCINI C. **Fonologia e variação; recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2002.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolingüística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- CALLOU, Yonne e LEITE, Dinah. **Iniciação à fonética e à fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- CAVALIERE, Ricardo. **Pontos essenciais em fonética e fonologia**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2007.a
- MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim. **Problemas de lingüística descritiva**. Petrópolis: Vozes, 2007.b

ACENTUAÇÃO E PALAVRA FONOLÓGICA

META

Destacar a importância da acentuação na constituição da palavra fonológica através dos graus de acentuação e mostrar a importância da acentuação gráfica na língua portuguesa e exercitar as regras de acentuação gráfica.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

- reconhecer os graus de tonicidade e atonicidade;
- distinguir a palavra fonológica da palavra morfológica;
- identificar as palavras fonológicas de uma frase;
- identificar as palavras morfológicas de uma frase.

reconhecer as regras de acentuação gráfica nas palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas.



(Fonte: <http://www.libre.org.br>).

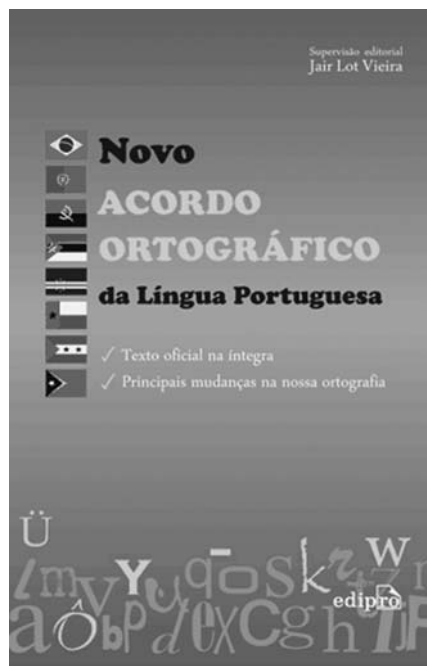
PRÉ-REQUISITOS

Aula 08.

Quando estudamos as sílabas nas gramáticas, elas sempre nos apresentam as sílabas átonas e as sílabas tônicas. Assim, todas as palavras possuem apenas uma sílaba tônica que é sempre pronunciada com maior intensidade. Todas as outras são átonas. As gramáticas também tratam da classificação das

INTRODUÇÃO

palavras quanto à sílaba tônica: oxítonas (quando a sílaba tônica é a última sílaba da palavra), paroxítona (quando a sílaba tônica é a penúltima sílaba da palavra) e proparoxítona (quando a sílaba tônica é a antepenúltima sílaba da palavra). Apenas os monossílabos podem ser átonos (quando não são acentuados) e tônicos (quando são acentuados). Tudo isso vocês viram na aula 08. Portanto, toda palavra possui acento, ou seja, há sempre uma sílaba mais forte que as outras nas palavras. Isso acontece sempre exceto nos monossílabos átonos. Aproveitemos, agora, para rever um assunto que nem sempre damos muita importância: a acentuação gráfica. Em 2009, um novo acordo ortográfico entrou em vigor para os países falantes de língua portuguesa.



Edição apresentando o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa entre países de Língua Portuguesa
(Fonte: <http://www.edipro.com.br>).

Em todo falante existe uma consciência intuitiva da palavra, mesmo que sua língua não possua escrita. Veja o que diz Sapir a esse respeito:

Não pode haver prova mais convincente do que a seguinte: o índio, ingênuo e completamente despercebido do conceito da palavra escrita, não tem, apesar disso, dificuldade séria em ditar um texto a um investigador linguístico, palavra por palavra. (Sapir, 1971, p. 44)

PALAVRA FONOLÓGICA

Apesar da palavra ser uma entidade real, escapa às definições dos lingüistas que se valem de critérios fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos. Esses critérios não podem ser aplicados aleatoriamente porque têm suas limitações. Com isso, queremos dizer que não há uma definição geral e universal para a palavra. “Graficamente, podemos definir palavra como a seqüência de caracteres que aparece entre espaços e/ou pontuação e que corresponde a uma seqüência de sons que formam uma palavra na língua. “ (Basílio, 2004. p. 13) Assim, numa frase como

1. Não vou à festa com você.

teremos seis palavras do ponto de vista da língua escrita.

No nível fonológico, a palavra fonológicas, também chamada vocábulo fonológico, é uma palavra ou conjunto de palavras subordinadas a um único acento tônico. Como vemos, na delimitação da palavra fonológica, temos que levar em conta o acento. Portanto, na frase 1, temos apenas quatro palavras fonológicas: não, vou, à festa, com você. Os monossílabos átonos nessa frase fazem parte da palavra fonológica seguinte. Assim, à festa é uma palavra fonológica e com você outra palavra fonológica. Mas isso não acontece sempre. Os monossílabos átonos podem fazer parte da palavra anterior como em

2. Faça-me um favor.

Nessa frase 2, há somente duas palavras fonológicas: faça-me e um favor. Na primeira palavra fonológica, o monossílabo átono me funciona como a sílaba pós-tônica de faça; e na segunda palavra fonológica, o artigo um funciona como uma primeira sílaba pré-tônica de favor. Note que o pronome pessoal átono, no português brasileiro, é geralmente proclítico, principalmente na língua falada. Mas, algumas vezes, como no caso da frase 2, o enclítico também se manifesta, embora isso aconteça com mais frequência na língua escrita.

Como no estudo da palavra fonológica é importante o acento, vamos aproveitar para falar dos monossílabos átonos e tônicos. O monossílabo tônico é uma palavra que pode ocorrer sozinha, principalmente numa pergunta ou numa resposta:

3. Tu és?

4. Não, eu não sou bom.

Nessas frases 3 e 4, temos oito monossílabos e todos são monossílabos tônicos porque todos podem ocorrer sozinhos, quer em pergunta, quer em resposta. Os pronomes pessoais oblíquos tônicos mim, ti e si são os únicos monossílabos tônicos que não podem ocorrer sozinhos:

5. Não quero que você se esqueça de mim.

Os monossílabos átonos só podem ocorrer sozinhos numa resposta:

6. Quer café com ou sem açúcar?

7. Sem.

Sem é monossílabo átono, mas, numa resposta, sozinho na frase, funciona como tônico. Aliás, todas as preposições, conjunções, artigos, pronomes relativos, indefinidos e interrogativos são palavras átonas mesmo que não sejam monossílabos. Ao contrário os numerais, os substantivos, os adjetivos e os verbos são sempre monossílabos tônicos.

Um comentário interessante: Cada língua tem seu próprio ritmo; em francês, os pronomes pessoais je, tu, il, ils; os possessivos mon, ton, son, e o demonstrativo ce são átonos, enquanto no português essas mesmas formas são tônicas. É por isso que na resposta sem verbo, em francês, se usa moi, sozinho em lugar de je, como nas frases:

8. Qui est le maître? (quem é o professor?)

9. Moi. (eu)

Voltando ao português. Os monossílabos átonos não são independentes e, no português, com exceção dos pronomes pessoais oblíquos, que têm posição livre, vêm sempre proclíticos. Veja o exemplo: casa de pedra, pão com manteiga, um livro, mas faça-me ou me faça.

Dessa forma, constatamos que a presença do acento indica quantas palavras fonológicas existem na frase. Por conseguinte, a palavra fonológica representa, na hierarquia prosódica, o primeiro nível em que morfologia e fonologia interagem.

Nesse estudo, merece a nossa atenção o grupo clítico, isto é, o clítico e seu **hospedeiro**. Não só os clíticos que possuem apenas uma sílaba como vimos na frase 1 à, com, e na frase 2 me, um, mas também os clíticos de mais de uma sílaba fazem parte, no português, da palavra fonológica como uma, para, todo, sem falar no fato bastante comum de palavras, sobretudo funcionais, perderem, muitas vezes, seu acento, comportando-se como um clítico. O processo que liga o clítico a seu hospedeiro como em com você ou um favor, é o de **adjunção**.

Essa função de individualização recebe o nome de função culminativa. A função culminativa é uma das funções fônicas, desempenhadas pelo acento principal de uma palavra, através do qual se determina quantas unidades a frase possui. Em línguas nas quais o acento é fixo como no francês, (Lá venho eu outra vez com o francês. No francês, o acento cai sempre na última sílaba) o acento exerce apenas a função de identificar a palavra, ou seja, tem apenas a função culminativa. No português, entretanto, como é variável, além de uma função culminativa, o acento tem também uma função distintiva. Preste atenção às palavras:

Hospedeiro

Terminologia usada pela Profa Leda Bisol para indicar a palavra na qual se sustenta o clítico.

Adjunção

No sentido jurídico, significa modo de aquisição da propriedade móvel, pela justaposição de uma coisa a outra, formando ambas um todo; é esse o sentido aqui no texto, o clítico e o hospedeiro formam um todo, a palavra fonológica.

sábia ≠ sabia ≠ sabiá

Elas se distinguem apenas pela mudança do local do acento tônico. Todas essas palavras possuem os mesmos fonemas /s/, /a/, /b/, /i/, /a/. Em sábia (que tem sabedoria), o acento tônico está na primeira sílaba; em sabia (primeira ou terceira pessoa do pretérito imperfeito do indicativo do verbo saber), o acento tônico está na sílaba -bi-; e em sabiá (pássaro muito conhecido no Brasil), o acento tônico cai na última sílaba.

Se a palavra fonológica é caracterizada pelo acento tônico, a palavra morfológica (que você deverá ver no curso de Língua Portuguesa I) se caracteriza pela significação, mesmo que seja gramatical. Ou, como diz Mattoso Câmara Jr.:

O grande problema, no âmbito da língua oral, é que por vocábulo se entendem duas entidades diferentes. De um lado, há o vocábulo fonológico, que corresponde a uma divisão espontânea na cadeia da emissão vocal. De outro lado, há o vocábulo formal ou mórfico, quando um segmento fônico se individualiza em função de um significado específico que lhe é atribuído na língua. (Mattoso Câmara Jr, 2007a, p. 34).

Assim, na frase 1, por exemplo, temos quatro palavras fonológicas, mas teremos seis palavras morfológicas: não, vou, à, festa, com, você. As palavras morfológicas podem também ser chamadas de vocábulos mórficos ou vocábulos formais, **terminologia** usada por Mattoso Câmara Jr. que foi quem primeiro trabalhou esse assunto.

São por isso vocábulos formais, porque são formas dependentes, em português, as partículas proclíticas átonas, como o artigo, as preposições, a partícula que e outras mais. São-no igualmente, como acabamos de ver, as variações pronominais átonas junto ao verbo, em vista de poderem ficar com ele em próclise ou em ênclise.

A forma dependente é, portanto, o primeiro exemplo em português da falta de coincidência absoluta entre vocábulo fonológico e vocábulo formal. Trata-se de um vocábulo formal que não é vocá-

Terminologia

Denominação

bulos fonológicos, senão parte de um vocábulo fonológico, a que se acha ligado pelo acento que domina várias sílabas átonas. (MATTOSO, 2007b, p. 70)

Como no português, a palavra fonológica nem sempre coincide com a palavra morfológica, como vamos reconhecê-la? Através do acento.

Veja se você consegue dizer quantas palavras fonológicas a frase 10 possui.

10. E ficaram alegres, sentindo a água subir pelas raízes.

Se você respondeu seis; muito bem, está certo: eficaram, água, pelasraízes são palavras fonológicas porque os monossílabos e, a e o dissílabo átono pelas não constituem palavras fonológicas.

E esta outra frase 11.

11. É como dizia minha avó: cada macaco no seu galho!

quantas palavras fonológicas possui? São apenas oito porque como dizia, minha avó, cada macaco, noseu, galho funcionam como palavras fonológicas.

Como você já está sabendo até aqui, vou acrescentar mais alguma informação sobre as palavras fonológicas.

Muitas vezes pronunciamos um monossílabo sozinho, em resposta a alguma pergunta. Se isso acontece, esse monossílabo passa a tônico.

12. Você quer pão com ou sem manteiga?

- Com.

A mesma coisa acontece se esses monossílabos vierem no final da frase como em:

13. Você não veio, por quê?

A língua escrita também faz uma distinção nesses casos, colocando acento gráfico no *por* que em final de frase.

No entanto, isso não acontece com os pronomes pessoais oblíquos: *levem-me*; nesse caso o *me* continua sendo monossílabo átono.

Uma outra possibilidade de verificar quantas palavras fonológicas possui uma determinada frase é através dos graus de acentuação, conforme ensina Mattoso Câmara Jr. Na palavra fonológica do português, a sílaba mais forte contrasta com as outras. A sílaba mais forte apresenta dois graus de realização, 3 e 2. A sílaba tônica do último grupo de força recebe o grau 3 e as outras recebem o grau 2. Como esses graus se referem às sílabas tônicas dizemos que aí temos graus de tonicidade. As sílabas mais fracas recebem também dois graus de realização, 0 e 1. As sílabas pré-tônicas como *são* são menos fracas recebem o grau 1, e as sílabas pós-tônicas como *são* mais fracas recebem o grau 0. Da mesma forma, os graus das sílabas átonas recebem o nome de graus de atonicidade.

Assim temos:

sílabas pré-tônicas	=	grau 1
sílabas pós-tônicas	=	grau 0
sílabas tônicas	=	grau 3
sílabas subtônicas	=	grau 2 (ou tônica das primeiras palavras).

Apesar de ter posição variável no português, o acento só pode cair nas três últimas sílabas o que permite traçar a seguinte pauta acentual, como ensina Mattoso Câmara Jr.:

Bolo gostoso
2 0 1 3 0 0/1

bolo muito gostoso
2 0 2 0 1 3 0 0/2

bolo bom
2 0 3 0/3

comeu rápido

1 2 3 0 0 2/3

comeu muito rápido

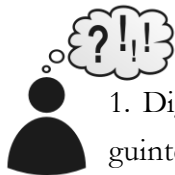
1 2 2 0 3 0 0 2/2

chegou aqui

1 2 1 3 2/1

Para fixar esses conceitos que você aprendeu vamos fazer alguns exercícios:

ATIVIDADES



1. Diga quantas e quais são as palavras fonológicas nas frases seguintes

- Até que o menino equilibrista mais levinho e muito craque, com o braço bem esticado, atingiu o céu, por onde passou um facho de luz.
- As crianças iam para a escola enquanto os pais trabalhavam.
- Todos riam, se divertiam e às vezes ficavam bem tristes também.
- Não se cansam de ver o Sol nascer e depois o Sol se pôr e de novo o Sol nascer e mais uma vez o Sol se pôr.
- Os mais velhos diziam que lá sempre foi assim e que, se é assim, assim será até o fim.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

- São 16 palavras fonológicas = até, que menino, equilibrista, mais, levinho, emuito, craque, comobraço, bem, esticado, atingiu, océu, poronde, passou, umfacho, deluz.
- São 06 palavras fonológicas = ascrianças, iam paraaescola enquanto, ospais, trabalhavam.
- São 08 palavras fonológicas = todos, riam, sedivertiam,

e às vezes, ficavam, bem, tristes, também.

d) São 15 palavras fonológicas = não, secansam, dever, oSol, nascer, edepois, oSol, sepôr, edenovo, oSol, nascer, emais, umavez, oSol, sepôr.

e) São 14 palavras fonológicas = osmais, velhos, diziam, quelá, sempre, foi, assim, eque, seé, assim, assim, será, até, ofim.

Observação:

1. Acho que você não teve nenhuma dificuldade em chegar a esta conclusão. Na letra b) para a escola os pais são palavras fonológicas só porque na língua falada dizemos / pra escola / e / ospais /.

2. Deve ter chamado sua atenção na letra d) emais estar separada de uma vez; isso aconteceu porque mais monossílabo tônico o que impede a formação de uma única palavra fonológica.

3. Na letra e) o que faz uma palavra fonológica com o e porque existe uma vírgula depois dele; percebeu?

2. Agora aproveite as mesmas frases e diga quantas e quais são as palavras mórficas?

a) São 25 palavras mórficas.

b) São 10 palavras mórficas

c) São 11 palavras mórficas

d) São 28 palavras mórficas

e) São 19 palavras mórficas

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Agora foi mais fácil ainda, não é mesmo? Será que você na letra c) contou às vezes como uma palavra mórfica ou como duas? Ela é uma locução adverbial e apesar de ter um significado só, deve ser contada como duas palavras mórficas. Veja o que

diz Mattoso Câmara Jr. em Problemas de lingüística descritiva:

Ao lado do conceito de justaposição, que é um vocábulo formal constituído de dois vocábulos fonológicos, temos o conceito de ‘locução’, para o que, a rigor, são dois vocábulos formais. A justaposição é freqüentemente também uma locução. Os dois conceitos coincidem, por exemplo, em substantivos compostos por justaposição, como guarda-chuva, rosa-chá etc. Também coincidem nos advérbios formados de um adjetivo com o elemento -mente sufixado, como amavelmente, simplesmente etc., em que -mente deve ser interpretado como a mesma forma livre mente, mas no sentido vago de ‘maneira’ proveniente de atitude mental. Coincidem finalmente nos chamados ‘tempos compostos’ dos nossos verbos, como tenho estudado, tinha perdido etc.

Mas a locução vai além do que se considera justaposição, porque a justaposição está no âmbito fonológico posto em relação com o mórfico, ao passo que a locução se refere exclusivamente ao plano mórfico. Em outros termos, a locução é uso sistemático como unidade formal de dois vocábulos mórficos (Mattoso Câmara Jr., 2007a, p. 38) (grifo nosso).

Como você pode ver nesta citação de Mattoso, todas as palavras compostas possuem apenas uma palavra mórfica, mas duas palavras fonológicas. Nas palavras compostas, há duas sílabas tônicas, por isso mesmo temos duas palavras fonológicas uma vez que a palavra fonológica depende do acento. Ao contrário, nas locuções temos duas palavras mórficas e nem sempre duas palavras fonológicas como em ‘de repente’. Nessa locução adverbial só temos um acento, por isso só temos uma palavra fonológica.

Agora compliquei um pouco, não é mesmo? E vou acrescentar mais informações. Como vimos nem sempre há correspondência entre a palavra fonológica e a palavra mórfica.

Isso também acontece com as palavras compostas:

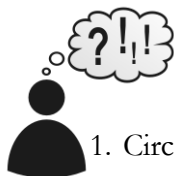
Banana-maçã	guarda-roupa	pé-de-moleque
1 2 0 1 3	2 0 3 0	2 1 1 3 0

Nesses exemplos as fronteiras 0-1, 0-3 e 2-1 delimitam as seis palavras fonológicas que constituem as três palavras formais compostas. Em outras palavras, nas palavras compostas temos duas palavras fonológicas, mas apenas uma palavra mórfica. Com a forma -mente, como diz Mattoso, temos dois vocábulos fonológicos e dois vocábulos mórficos. É como se a forma -mente fosse, na verdade, uma mente, por isso serão duas palavras mórficas e duas fonológicas.

Assim na frase :

Atualmente, o cirurgião-dentista compra banana-prata na feira. Temos oito palavras fonológicas: atual, mente, ocirurgião, dentista, compra, banana, prata, nafeira; e nove palavras mórficas: atual, mente, o, cirurgião-dentista, compra, uma, banana-prata, na, feira. Se você acompanhou a minha explicação deve ter entendido e concluído que enquanto as palavras fonológicas se caracterizam pelo acento, as palavras mórficas se depreendem pelo sentido.

Você pode estar se perguntando para que aprender tudo isso? Você já deve ter visto crianças escreverem asmeninas. As crianças quando começam a escrever não fazem a separação das palavras. Elas só começam a separá-las depois de algum tempo de leitura, quando se acostumam a ver as palavras escritas separadas por espaços. O estudo das palavras fonológicas não justifica, mas explica erros escolares desse tipo. Como elas falam com um único acento tônico, escrevem também assim tudo junto. Isso mostra o quanto é importante a criança manusear o livro de histórias infantis para visualizar a escrita.



ATIVIDADES

1. Circule as palavras fonológicas das frases:

- O futuro de seu filho não pode esperar, esse era seu estranhamento
- Atualmente, o salário-família do brasileiro não sustenta nem uma criança na escola.
- Constantemente, ficava a olhá-lo com olhos azul-claros.
- Naqueles arranha-céus, encontramos muitos beija-flores e sempre-vivas.
- Na terça-feira, a Justiça Federal seqüestrou a casa e a coleção de arte do banqueiro Edemar Cid Ferreira.

2. Diga quantas palavras morfológicas há nas frases da questão 1.

- _____
- _____
- _____
- _____
- _____

COMENTÁRIOS SOBRE AS ATIVIDADES

1. Você deve ter circulado as seguintes palavras fonológicas:

- o futuro, dese, u, filho, ão, pode, esperar, esse, era, seu, estranhamento
- Atual, mente, o salário, família, do brasileiro, não, sustenta, nem uma criança, na escola.
- Constante, mente, ficava, a olhá-lo, com olhos, azul, claros.
- Naquele, s arranha, céus, encontramos, muitos, beija, flores, e sempre, vivas.
- Na terça, feira, a justiça, federal, seqüestrou, a casa, e a coleção, de arte, do banqueiro, Edemar, Cid, Ferreira.

2. E estas são as palavras morfológicas das frases da questão 1.

- a) 12
- b) 13
- c) 8
- d) 7
- e) 18

Você deve ter-se lembrado de contar sempre uma palavra mórfica nas palavras compostas, não é mesmo? E deve também não ter se esquecido de que atualmente e constantemente são duas palavras mórficas também; mas estranhamento é apenas uma.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Essa disciplina trabalhou sempre com a língua oral, porque os fonemas são unidades da língua oral, mas para tratar da acentuação gráfica teremos que ter em mente a língua escrita. Na língua escrita há necessidade, algumas vezes, de indicar a sílaba tônica ou a pronúncia correta de uma palavra por meio de certos sinais gráficos. Esses sinais recebem o nome de acentos gráficos, ou simplesmente acentos, e são colocados sobre as vogais. São eles

- acento agudo (´)
- acento grave (`)
- acento circunflexo (^)

Além desses acentos gráficos, utilizamos também o trema (¨) sobre a semivogal u para indicar a pronúncia dela nos grupos gue, gui, que, qui. Há ainda o til (~) sobre as vogais a e o para indicar sua nasalização, como em irmã, limões. Quando a palavra não tem outro acento o til vale como acento tônico.

As regras de acentuação gráfica atualmente em vigor foram estabelecidas em 1943 e passaram por algumas pequenas altera-

ções em 1971. Conhecer e utilizar as regras de acentuação é uma exigência da norma culta escrita.

Para orientar o estudo da acentuação gráfica, as regras estão organizadas levando em conta as palavras quanto à acentuação: monossílabos tônicos, oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas.

Vamos começar pela regra mais fácil.

I. Palavras proparoxítonas: todas as palavras proparoxítonas são acentuadas: lâmpada, árvore, levássemos.

II. Palavras paroxítonas: São acentuados os paroxítonos terminados em -i(s), -us, -um, -uns, -r, -x, -n, -l, -ã, -ps e as terminadas em ditongo. Recebem acento, portanto as palavras: júri(s), vírus, álbum, albuns, mártir, tórax, hífen, fácil, irmã(s) bíceps, fáceis.

Fique atento para as palavras paroxítonas terminadas em -en; elas recebem acento no singular, mas não são acentuadas no plural: hífen, hifens.

III. Palavras oxítonas: Acentuam-se os oxítonos terminados em -a(s), -e(s), -o(s), -em, -ens. São acentuadas as palavras cajá(s), jacaré(s), jiló(s), armazém, armazéns; mas não se acentuam saci e Aracaju.

IV. Monossílabos tônicos: Acentuam-se os monossílabos tônicos terminados em -a, -e, -o, seguidos ou não de -s. Assim vá(s), vê(s), pó(s). Como você vê, não são acentuados os monossílabos tônicos terminados em -i e -u, ou seja, não se acentua vi e tu.

Essas são consideradas as regras gerais da acentuação gráfica, mas há algumas regras complementares.

1. Ditongos abertos: São acentuados os ditongos abertos -éi(s), -éu(s), -ói(s) das palavras oxítonas. Assim, são acentuadas as palavras papéis, herói e véu. Mas, cuidado, porque o acento gráfico de uma palavra sempre é colocado na sua sílaba tônica, portanto papeizinhos, veuzinho e heroicamente, apesar de terem ditongos abertos, não são acentuadas. Essa regra acabou de ser modificada com o novo acordo.

2. Hiato -ôo e -êe: Com o novo acordo, não recebem mais acento circunflexo a primeira vogal dos hiato -oo e -ee: voo(s), lêem. Essa regra caiu com o novo acordo.

3. -i- e -u- tônicos em hiato: coloca-se acento nas vogais -i- e -u- que formam hiato com a vogal anterior: saída, miúdo. Mas, preste atenção: se as vogais -i- e -u- estiverem seguidas, na mesma sílaba, de -l-, -m-, -n-, -r-, -z-, elas não são acentuadas: Saul, ruim, constituinte, transeunte, atrair, raiz. Não se acentuam também as letras -i- e -u- dos hiatos se estiverem seguidas do dígrafo -nh-: rainha, graunha. Além disso, as paroxítonas com i e u tônicas precedidos de ditongo não receberam mais acentuado com o novo acordo.

4. Grupos -que-, -qui-, -gue-, -gui-: Esses quatro grupos não recebem mais nem acento agudo, nem trema. Ex ciquenta, oblique.

Acento diferencial

Observe as seguintes frases e use o acento gráfico convenientemente.

- a) Ontem, ele não pode vir.
- b) Podes por o livro na mesa.

- b.1) O pedestre para quando o sinal fecha.
- b.2) Não vieste, por que?

Nem todos os ques recebem acento.

- c) Todos tem preocupações.

- c.1) Os alunos do 1º grau vem à aula.

c.2) Muitos retem em suas casas livros da biblioteca.

- c.3) Tais medidas não convem.

Esses acentos são diferenciais.

Na frase a) são diferenciais de timbre;

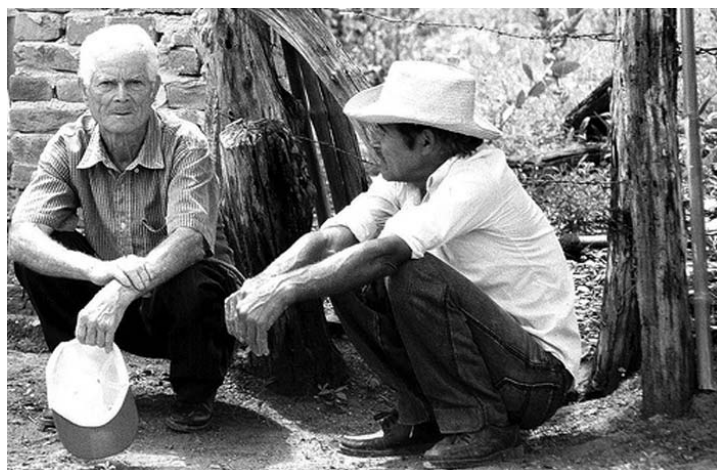
nas frases b) diferenciais de intensidade;



Nas frases c) diferenciais de número.

Com a nova reforma ortográfica, os outros acentos diferenciais, caíram ficando apenas pôde e pôr (v)

O Dicionário Aurélio registra ainda o diferencial em FÔRMA (substantivo) de FORMA (substantivo e verbo). “Parece-nos inaceitável (não só nesta palavra, mas, talvez, sobretudo nela) a abolição do acento diferencial, decorrente da Lei n.º. 5.765, de 18/12/1971, que estabelece alterações no sistema ortográfico de 1943. Considerem-se estes versos de Manuel Bandeira: “Vai por cinquenta anos/ Que lhes dei a norma: / Reduzi sem danos / A fôrma a forma”. (Estrela da vida inteira, p. 51) Seria inteiramente impossível perceber o sentido da estrofe se não fora o acento diferencial.” Com a nova reforma esse acento passa a ser facultativo.



(Fonte: <http://farm1.static.flickr.com>).



ATIVIDADES

1. O texto a seguir está sem nenhuma acentuação gráfica, coloque-as.
Hidrogenio sobre rodas

Promessa antiga de combustivel limpo e eterno, o hidrogenio acaba de chegar ao tanque de um automovel. A Mazda, fabrica japonesa de automoveis, desenvolveu o primeiro prototipo, chamado HR-X. Suas vantagens são economicas e ecologicas. Obtido a partir da eletrolise da agua – a passagem de uma corrente eletrica que separa os atomos de hidrogenio dos de oxigenio -, o hidrogenio combustivel e uma fonte de energia renovavel. Alem disso, não polui o ar, pois sua combustão produz apenas agua. Não ha formação de monoxido ou dióxido de carbono, os principais responsaveis pela poluição nas grandes cidades.

O HR-X usa um motor do tipo rotativo, bastante diferente dos tradicionais. Em vez de pistões que se movimentam para cima e para baixo, possui um rotor horizontal. Assim a entrada do combustivel e a camara de combustão ficam separadas, impedindo que o hidrogenio – altamente inflamavel – sofra explosão fora do cilindro. Os resultados surpreendem: 100 HP de potencia, para apenas 998 cm³. Pareo para os melhores carros a gasolina. (Superinteressante, maio 1992)

2. Compare as frases: a) Aumento de impostos para venda de celulares.
b) Aumento de impostos pára venda de celulares.

Há diferença de sentido entre as frases? Se há explique-a.

III. Nos parágrafos a seguir selecione as palavras acentuadas e agrupe-as: 1). proparoxítonas, 2). paroxítonas, 3). oxítonas e 4). monossílabas. Caso haja alguma que não se enquadre nessas regras liste-a e diga porque ela é acentuada.

O ritual clássico das consultas médicas é mais ou menos assim: o paciente diz onde dói, descreve alguns sintomas e pergunta se é grave. O médico junta os pedaços de informação, examina o doente,

relembra lições do passado, confronta mentalmente suas impressões com casos semelhantes que já passaram pelo consultório e – em poucos minutos – profere o diagnóstico. Na maioria das vezes, um nome tão intimidador que o paciente acha melhor não perguntar mais nada. Daí em diante, segue-se um monólogo. O médico exhibe seu conhecimento em meia dúzia de frases cifradas, dá uns conselhos paternais e rabisca uma receita ilegível.

Esse jogo de poder – em que o médico é o iluminado e o paciente é mero espectador – sobrevive há séculos. Na Grécia Antiga, a medicina era considerada uma ciência oculta, uma espécie de sacerdócio. O conhecimento devia ser guardado como um segredo pelos poucos eleitos que tiveram acesso a ele. A “letra de médico”, incompreensível para a maioria das pessoas (até para as mais cultas), é um resquício dessa herança.

IV. Todas essas formas verbais abaixo são acentuadas. Acentue-as. Depois agrupe as que são acentuadas pelo mesmo motivo: tinhamos – tinheis – fizéssemos – abolireis – atraireis – sobressaísse – contraído – retraíres – quereramos - jazesseis - constroi – saímos – estiveramos - influíram – doi - reuno –devessemos – moi - caiste – devíamos.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

I. Não creio que você tenha tido problemas em acentuar o texto. Veja o texto correto:

Hidrogênio sobre rodas

Promessa antiga de combustível limpo e eterno, o hidrogênio acaba de chegar ao tanque de um automóvel. A Mazda, fábrica japonesa de automóveis, desenvolveu o primeiro protótipo, chamado HR-X. Suas vantagens são econômicas e ecológicas.

Obtido a partir da eletrólise da água – a passagem de uma corrente elétrica que separa os átomos de hidrogênio dos de oxigênio -, o hidrogênio combustível é uma fonte de energia renovável. Além disso, não polui o ar, pois sua combustão produz apenas água. Não há

formação de monóxido ou dióxido de carbono, os principais responsáveis pela poluição nas grandes cidades.

O HR-X usa um motor do tipo rotativo, bastante diferente dos tradicionais. Em vez de pistões que se movimentam para cima e para baixo, possui um rotor horizontal. Assim a entrada do combustível e a câmara de combustão ficam separadas, impedindo que o hidrogênio – altamente inflamável – sofra explosão fora do cilindro. Os resultados surpreendem: 100 HP de potência, para apenas 998 cm³. Páreo para os melhores carros a gasolina. (Superinteressante, maio 1992)

II. É claro que muda o sentido. O sentido é o oposto. Na frase a) houve aumento de impostos na venda de celular; e na frase b) o aumento de impostos fez com que a venda de celulares parasse. Por essas frases você pode perceber quanto é importante a acentuação gráfica. Essas frases têm significação opostas.

III. 1). proparoxítonas = clássico, médicas, médico, diagnóstico, monólogo, séculos,

2). paroxítonas = consultório, dúzia, ilegível, Grécia, ciência, espécie, sacerdócio, incompreensível, resquício.

3). oxítonas = daí, até,

4). monossílabas = é, já, dá, há,

dói = é acentuada porque os ditongo aberto ói é acentuado, nas palavras oxítonas.

Como você pode ver, esse exercício é simples e a gente tem que prestar atenção para não passar pelas palavras acentuadas.

IV. grupo A = tínhamos, fizéssemos, requerêramos, estivéramos, devêssemos, devíamos. Todas são palavras paroxítonas.

grupo B = sobressaísse, contraído, saímos, influíram, reúno, caíste, atraíreis, retraíreis. Todos possuem í tônico em hiato

grupo C = tínheis, abolíreis, jazêsseis. São acentuadas as paroxítonas terminadas em ditongo.

grupo D = constrói, dói, mói. Toda oxítone terminada em ditongo aberto ói é acentuada.

Esse é um assunto novo, ou seja, você ainda não tinha estudado sobre palavras fonológicas no Ensino Fundamental e Médio, no entanto, é um assunto muito fácil. A palavra fonológica está sempre ligada à acentuação, depende sempre de um acento tônico para a sua existência, enquanto a palavra morfológica vai depender do sentido. É claro que nós só fizemos começar a falar da palavra mórfica. Na língua portuguesa II, você vai estudar morfologia e aí, sim, estudará muito mais sobre essas palavras mórficas. Aqui nós só mostramos que nem sempre as palavras fonológicas e as palavras morfológicas são as mesmas.

CONCLUSÃO

A acentuação gráfica obedece a regras da língua escrita. São normas que devem ser seguidas. Agora em 2009, o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa unificou a escrita dos países-irmãos Brasil, Portugal, Cabo Verde, Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Guiné Bissau e Timor Leste. Esse acordo foi assinado em 16 de dezembro de 1990, em Lisboa. O documento final teria que ser assinado, pelo menos, por cinco países para entrar em vigor, mas, na época, somente Portugal, Brasil e Cabo Verde tinham assinado. Agora, criou-se o Protocolo Modificativo que reduz para três o número de países que devem assinar, mas todos devem ratificar o novo protocolo. Assim, 17 anos depois, o Acordo entra em vigor. Veja algumas mudanças sugeridas no Acordo: 1). extinção do trema; 2). supressão dos circunflexos do hiato oo e ee; 3). eliminação do acento agudo nos ditongos abertos ei e oi de palavras paroxítonas como em assembléia, idéia, heróica, jibóia; 4). dos diferenciais ficam apenas pôde e por, mas forma passa a ser facultativo

RESUMO



Os grau de acentuação são quatro: as sílabas pré-tônicas possuem grau 1; as sílabas pós-tônicas possuem grau 0; as sílabas tônicas possuem grau 3; as sílabas subtônicas possuem grau 2.

A palavra fonológica é uma palavra ou conjunto de palavras subordinadas a um único acento tônico, enquanto a palavra mórfica está subordinada a um sentido, mesmo que seja puramente gramatical.

Regras gerais de acentuação:

São acentuadas:

- Monossílabas tônicas terminadas em -a(s) = vá; -e(s) = pé; -o(s) = só.
- Oxítonas terminadas em -a(s) = ficará; -e(s) = você; -o(s) = robô; -em = vintém; -ens = vinténs.
- Paroxítonas terminadas em -i(s) = lápis; -us = vírus; -um = fórum; -uns = médiuns; -r = éter; -x = fênix; -n = pólen; -l amável -ão(s) = órgão(s); -ã(s) = ímã; -ps = tríceps.
- Proparoxítonas, todas são acentuadas: pêssego, pudéssemos.

Regras complementares de acentuação

- Ditongos abertos acentuados: -éi(s) = platéia; -éu(s) = chapéus; -ói(s) = anzóis, somente nas palavras oxítonas
- Hiatos -oo e -ee: recebem mais acento circunflexo: -ôo = enjôo; -êe = crêem.
- -i- e -u- tônicos em hiato seguidos de -s e não seguidos de -nh: açai, país, bainha.
- Desaparece o trema.
- Acento diferencial : pôr(v), pôde(tempo passado).

As três funções fônicas são:
culminativa que serve para individualizar;
delimitativa ou demarcativa que serve para separar e
distintiva ou fonológica que serve para distinguir.
As duas primeiras são acessórias porque nem todas as
línguas possuem essas funções. Somente a função distintiva é
essencial.

MUDANÇAS NA ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTU- GUESA A PARTIR DE JANEIRO DE 2009

A partir de janeiro de 2009, Brasil, Portugal e os países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste tiveram a ortografia unificada.

O português é a terceira língua ocidental mais falada, após o inglês e o espanhol. A ocorrência de ter duas ortografias atrapalha a divulgação do idioma e a sua prática em eventos internacionais.

Sua unificação, no entanto, facilitará a definição de critérios para exames e certificados para estrangeiros. Com as modificações propostas no acordo, calcula-se que 1,6% do vocabulário de Portugal seja modificado. No Brasil, a mudança será bem menor: 0,45% das palavras terão a escrita alterada. Mas apesar das mudanças ortográficas, serão conservadas as pronúncias típicas de cada país.

Em resumo, o que mudou na ortografia em 2009:

- As paroxítonas terminadas em ‘o’ duplo, por exemplo, não terão mais acento circunflexo. Ao invés de ‘abençôo’, ‘enjôo’ ou ‘vôo’, os brasileiros terão que escrever ‘abençoo’, ‘enjoo’ e ‘voo’;

- Não se usará mais o acento circunflexo nas terceiras pessoas do plural do presente do indicativo ou do subjuntivo dos verbos ‘crer’, ‘dar’, ‘ler’, ‘ver’ e seus derivados, ficando correta a grafia

‘creem’, ‘deem’, ‘leem’ e ‘veem’;

- Criação de alguns casos de dupla grafia para fazer diferenciação, como o uso do acento agudo na primeira pessoa do plural do pretérito perfeito dos verbos da primeira conjugação, tais como ‘louvámos’ em oposição a ‘louvamos’ e ‘amámos’ em oposição a ‘amamos’;

- O trema desaparece completamente. Estará correto escrever ‘língu~~ç~~ã’, ‘sequê~~n~~cia’, ‘frequê~~n~~cia’ e ‘quinq~~u~~ênio’ - O

alfabeto deixa de ter 23 letras para ter 26, com a incorporação de ‘k’, ‘w’ e ‘y’;

- O acento deixará de ser usado para diferenciar ‘pára’ (verbo) de ‘para’ (preposição);

- Haverá eliminação do acento agudo nos ditongos abertos ‘ei’ e ‘oi’ de palavras paroxítonas. Palavras como ‘assembleia’, ‘ideia’, ‘heroica’ e ‘jiboia’. não seram mais acentuadas.

- Em Portugal, desaparecem da língua escrita o ‘c’ e o ‘p’ nas palavras onde ele não é pronunciado, como em ‘acção’, ‘acto’, ‘adopção’ e ‘baptismo’. O certo será ação, ato, adoção e batismo;

- Também em Portugal elimina-se o ‘h’ inicial de algumas palavras, como em ‘húmido’, que passará a ser grafado como no Brasil: ‘úmido’;

- Portugal mantém o acento agudo no e e no o tônicos que antecedem m ou n, enquanto o Brasil continua a usar circunflexo nessas palavras: acadêmico/acadêmico, gênio/gênio, fenômeno/fenômeno, bônus/bônus.

Fontes: Revista Isto É, Folha de São Paulo.

Você pode também acessar o site www.parabolaeditorial.com.br e ler o artigo do Professor Carlos Alberto Faraco. É uma distribuição gratuita.

REFERÊNCIAS

- BASÍLIO, Margarida. **Formação de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.
- BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.
- GUIA DA REFORMA ORTOGRÁFICA. São Paulo: Online Editora, 2008.
- HENRIQUES, Cláudio Cezar. **Fonética, fonologia e ortografia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- MANUAL da nova ortografia. Edição especial; agosto, 2008.
- MATTOSO CÂMARA JR, Joaquim. **Problemas de lingüística descritiva**. Petrópolis.: Vozes,2007.a
- Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis/R.J.: Vozes, 2007.b
- MEIRELLES, Silvinha. Se Assim É, Assim Será? **Revista nova escola**. Edição especial.4. São Paulo: abril, 2007.
- Revista ISTO É** n 36; 12 de setembro de 2007.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, 2007.
- SAPIR, Edward. **A linguagem: introdução ao estudo da fala**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.
- TERRA, Ernani. **Curso prático de gramática**. São Paulo: Scipione, 2007.
- WINTER, Neumar Costa. **Reforma ortográfica 2009**. Curitiba: Juruá, 2009.